



EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Relatos de Experiências

Outros títulos da mesma Colecção

- 1 – Escola e Sociedade Multicultural
- 2 – Educação Intercultural- Guia do Professor
- 3 – Educação Intercultural: Abordagens e Perspectivas
- 4 – Educação Intercultural: Concepções e Práticas em Escolas Portuguesas
- 5 – Educação para a Tolerância: Actas da Conferência
- 6 – Educação Intercultural: Relatos de Experiências

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Relatos de Experiências



APOIO

Comissão Europeia

Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural

**Biblioteca Nacional
Catalogação na Publicação**

Educação intercultural:
relatos de experiências
(Coord.) Ana Maria Cotrim. -
(Educação intercultural ; 6)
ISBN 972-8339-08-9
I - Cotrim, Ana Maria
CDU 37
316.7

Título
EDUCAÇÃO INTERCULTURAL
Relatos de Experiência

Editor
SECRETARIADO COORDENADOR DOS PROGRAMAS
DE EDUCAÇÃO MULTICULTURAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Rua Pinheiro Chagas nº 17 - 2º - 1050 LISBOA

Coordenação
Ana Maria Cotrim

Paginação
Visão X, Design Gráfico

Data de Edição
Agosto de 1997

Execução Gráfica
GRAFIS- Cooperativa de Artes Gráficas, CRL.
Calçada dos Barbadinhos, 114-A – 1170 LISBOA

ISBN
972-8339-08-9

Tiragem
1000 exemplares

Nº Depósito legal
116024/97



ÍNDICE

Prefácio _____ 7

Nota de Apresentação _____ 9

Capítulo I

RELATOS DO 1º CICLO

Vivendo a Tolerância _____ 11

1. Introdução _____	15
2. Caracterização da Turma _____	15
3. Caminhos de Educação para a Tolerância _____	16
3.1. A Construção do Espaço Pedagógico _____	16
3.2. A Resolução de Conflitos _____	17
3.3. A “Caixinha dos Segredos” _____	18
3.4. O “Livro do Mês” _____	19
3.5. Livro sobre a Tolerância _____	21
4. Anexo _____	23

O Currículo na Escola da Biquinha _____ 27

1. Caracterização da Escola e do Meio _____	31
2. Organização e Desenvolvimento Curricular _____	31
3. A Valorização da Cultura Cigana _____	32
4. Angola e os Meninos de todas as Cores _____	33
5. Em Síntese... _____	34
6. Anexos _____	37

“Os Animais” – Dos Objectivos Curriculares às Aprendizagens Multiculturais _____ 53

1. Introdução _____	57
2. Caracterização da Comunidade Escolar da Turma e dos Pais _____	57
3. A Motivação dos Alunos... _____	58
4. A Motivação dos Pais... _____	58
5. Desenvolvimento do Trabalho Pedagógico _____	59
6. Partilhar uma Reflexão... _____	65
7. Anexos _____	67



Capítulo II

RELATOS DOS 2º E 3º CICLOS

Em Busca de uma Pedagogia Intercultural	95
1. História do Desenvolvimento do Projecto de Educação Intercultural	99
2. Práticas Pedagógicas na Sala de Aula	101
2.1. Trabalho em Língua Portuguesa 94/95	101
2.2. Trabalho em História e Geografia de Portugal	103
2.3. Balanço do Trabalho Realizado	105
2.4. Trabalho em Língua Portuguesa 95/96	105
2.5. Trabalho Interdisciplinar: Língua Portuguesa e Matemática 95/96	106
2.5.1 Passagem de Mensagens de Linguagem Verbal para Linguagem Matemática e Vice-versa	106
2.5.2. O Capuchinho Vermelho	108
3. Anexos	111
A Aprendizagem Cooperativa na Disciplina de Matemática	143
1. Introdução	147
2. Caracterização da População Escolar	147
3. Definição do Problema	149
4. Objectivos da Investigação	149
4.1. Objectivos Cognitivos	150
4.2. Objectivos Afectivos/Comportamentais	150
5. Organização dos Grupos	150
6. Avaliação	152
6.1. Torneios	152
7. Materiais Utilizados	153
7.1. Jogo das Expressões Numéricas	153
7.2. Dados Estatísticos	156
8. Reflexão dos Alunos sobre as Actividades Desenvolvidas	159
9. Algumas Resultados	160
10. Anexos	161
A Aprendizagem Cooperativa na Disciplina de Língua Portuguesa	165
1. Introdução	169
2. Estudo do Conto “O cavaleiro da Dinamarca” de Sophia de Mello Breyner Andersen através da Aprendizagem Cooperativa	169
2.1. Introdução	169
2.2. Organização do Trabalho	170
2.3. Procedimento	171
3. O Estudo dos Direitos do Homem	173
3.1. Introdução	173
3.2. Objectivos	174
3.3. Actividades Desenvolvidas	175
3.4. Avaliação	177
3.5. Hipóteses de Continuação do Trabalho	179
4. Algumas Considerações Finais	180
5. Anexos	181



Prefácio

Ao longo de mais de seis anos de existência, o Secretariado Entreculturas tem actuado em, pelo menos, três vertentes: a articulação com os órgãos centrais e regionais do Ministério da Educação, de onde lhe têm vindo orientações, suportes e incentivos, cuja importância nunca é demais sublinhar, o apoio à investigação e à formação em educação intercultural, sobretudo dirigida a docentes e o apoio ao trabalho das escolas, nas situações concretas e específicas em que actuam.

Dado o protagonismo da escola no sistema educativo, esta última vertente é para nós, como é óbvio, o mais importante. Por isso lançámos o Projecto de Educação Intercultural e apoiamos muitas escolas nele não integradas.

A ligação do Secretariado às escolas, umas vezes nascida por iniciativa delas, outras por indicação dos órgãos centrais e regionais do Ministério e outras ainda pelo conhecimento que directamente temos de situações particularmente problemáticas no campo da multiculturalidade, tem procurado seguir sempre as seguintes linhas de procedimento:

- 1^a) Diagnóstico dos problemas e necessidades das escolas.
- 2^a) Envolvimento dos seus órgãos de gestão administrativa e pedagógica, do corpo docente e dos restantes colaboradores das escolas e apoio à formulação de projectos educativos com dimensão intercultural.
- 3^a) Articulação dos diferentes ciclos escolares entre si e com comunidades e famílias a quem servem, envolvendo associações e autarquias.
- 4^a) Resposta às necessidades socio-alimentares e culturais detectadas (por exemplo através da promoção e apoio a actividades de tempo livre, centros de documentação e cantinas), na medida das nossas competências e capacidades.
- 5^a) Apoio à avaliação dos resultados e à reformulação de projectos e actividades.

Em relação às seis escolas de que são aqui relatadas experiências, estas linhas foram seguidas. São apenas seis exemplos, entre muitos que temos acompanhado. No entanto, estes exemplos são suficientes para mostrar a verdade das convicções deste Secretariado, designadamente no que se refere:

- à situação de multiculturalidade das escolas do norte, centro e sul do país,
- à necessidade de repensar os conteúdos curriculares em atenção a essa multiculturalidade,
- à necessidade de rever metodologias pedagógicas e criar situações de aprendizagem para lá das salas de aulas, de criar materiais pedagógicos adaptados e de fazer cooperar famílias, bairros e escola no processo educativo, e finalmente,
- à necessidade de uma forte motivação de professores e funcionários das escolas sem a qual nada se pode fazer, por maiores que sejam os meios postos à disposição da educação intercultural.

São esses professores os autores deste livro. Para eles a admiração e o agradecimento do Secretariado.

O Secretário Executivo do Secretariado Entreculturas
Miguel Ponces de Carvalho



Nota de Apresentação

Muitos são os professores que na sua acção pedagógica, sózinhos ou em equipa, têm vindo a desenvolver estratégias de trabalho, actividades e materiais relevantes para a aprendizagem e formação dos alunos, em contexto multicultural.

Os relatos de práticas pedagógicas aqui apresentados – *três* de 1º Ciclo e *três* de 2º e 3º Ciclos – são apenas uma pequena amostra das muitas que seria de interesse publicar, como difusão de boas ideias e fomento à divulgação e troca de experiências.

Dado que em pedagogia não há modelos nem receitas, mas sim práticas bem sucedidas em determinados contextos, seleccionaram-se experiências pedagógicas diversificadas que vão desde a intervenção orientada para a formação pessoal e social, à organização curricular que passa por novas formas de gestão de conteúdos e recorre ao envolvimento directo dos pais. Salienta-se também a utilização de formas de aprendizagem cooperativa, uma das estratégias de trabalho mais consonantes com os objectivos de educação intercultural.

O leitor notará que, embora observando linhas de orientação comuns, cada relato tem uma estrutura própria, que denota o cunho pessoal dos autores, bem explícito no estilo de narração adoptado.

A qualidade dos materiais apresentados em anexo, a fim de ilustrar as práticas pedagógicas, pode parecer modesta. Trata-se, de facto, de “materiais autênticos” que os autores conceberam numa perspectiva pragmática, para utilização em situação lectiva e sem qualquer intenção de publicação posterior.

Espera-se que as experiências aqui divulgadas constituam um contributo para a multiplicação de práticas pedagógicas interculturais, bem como um encorajamento à sua divulgação.

Ana Maria Cotrim

CAPÍTULO I

Relatos do 1º Ciclo

VIVENDO A TOLERÂNCIA

Percorso de uma turma de 4º ano de escolaridade na vivência de pequenas experiências promotoras da educação para os valores. As actividades de leitura e escrita criativa também fizeram parte desse percurso. A temática “Tolerância” levou à elaboração de um livro e foi com poemas que as crianças participaram num concurso internacional.

Maria Cecília Cibrão Domingues

Escola do 1º Ciclo do Ensino Básico nº 9 - 6ª D.L.E. de Lisboa (Chelas)



Índice

1. Introdução	15
2. Caracterização da Turma	15
3. Caminhos de Educação para a Tolerância	16
3.1. A Construção do Espaço Pedagógico	16
3.2. A Resolução de Conflitos	17
3.3. A “Caixinha dos Segredos”	18
3.4. O “Livro do Mês”	19
3.5. Livro sobre a Tolerância	21
4. Anexo	23



I. *Introdução*

Cabe a cada professor educar para os valores da paz, da tolerância e do respeito pelo outro. Para que estes possam ser interiorizados e assumidos, o percurso da sua construção tem que ser vivido por cada criança, desde muito cedo. Tudo o que acontece na sala de aula transmite valores e como tal tem repercussões na formação pessoal e social dos alunos. Consciente desse facto, pondero a organização do espaço pedagógico, dou relevo a estratégias de discussão e resolução de conflitos, tento que qualquer actividade ganhe uma dimensão formativa.

Deste modo, proponho-me aqui relatar alguns aspectos da acção pedagógica desenvolvida essencialmente com uma turma de 4º ano de escolaridade: os Cangurús, que acompanhei desde o 1º ano.

2. *Caracterização da Turma*

No ano lectivo de 1995/96 leccionei uma turma de 4º Ano de escolaridade de 19 alunos “OS CANGURÚS”. Quinze crianças eram minhas alunas desde o 1º ano, quatro vieram transferidas (2 no 2º ano e 2 no 4ºano).

A caracterização dos alunos segundo a idade e o sexo era a seguinte:

Idade	Sexo masculino	Sexo feminino	Total
9 anos	10	7	17
11 anos	0	1	1
14 anos	0	1	1
Total	10	9	19

O estrato socio-económico dos alunos era considerado baixo, atendendo às profissões dos pais. Os pais eram, na sua maioria, operários não especializados que trabalhavam temporariamente na construção civil. As mães eram na quase totalidade domésticas, trabalhando a dias em várias patroas.



As habilitações académicas não iam além da 4^a classe e/ou do Ciclo Preparatório, com exceção de uma mãe que tinha o 12º ano. Quatro mães não sabiam ler nem escrever.

As famílias, em regra muito numerosas, viviam em espaços exíguos onde não era possível a privacidade, sendo as condições higiénicas precárias. Um dado observado e muitas vezes confidenciado era a desestruturação familiar.

Uma criança não conhecia a mãe nem o pai, quatro não conheciam o pai; em várias famílias o pai estava muito vezes ausente, a “trabalhar” no estrangeiro. Os problemas ligados à droga e ao álcool eram evidentes.

Na generalidade, as relações dos adultos com as crianças eram de extremos: ou as deixavam entregues a si próprias (fechadas em casa ou na rua) ou as superprotegiam.

Maioritariamente, as famílias provinham de várias regiões de Portugal, sobretudo do norte do país. Três das meninas da turma eram filhas de naturais de países de expressão portuguesa – respectivamente Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola – e um menino tinha origem indiana.

A menina de 11 anos foi matriculada pelo padrasto, pela primeira vez, aos 8 anos. Tinha sido vítima de maus tratos por parte do pai. Nunca tinha frequentado a escola, tinha tratado de irmãos mais novos. Fora do seu horário escolar continuava a desempenhar funções de “mãe” e “dona de casa”.

À menina de 14 anos foi diagnosticada pela psicóloga de Ensino Especial uma perturbação emocional muito grave. Recebia apoio da Equipa de Ensino Especial.

Apenas três crianças tinham tido acesso à educação pré-escolar durante um ou dois anos.

3.

Caminhos de Educação para a Tolerância

3.1. A construção do Espaço Pedagógico

Dada a heterogeneidade das crianças, as suas vivências e aprendizagens, a minha primeira preocupação foi, como é sempre, a construção de um “ESPAÇO PEDAGÓGICO – “lugar próprio” e “espaço comum” – onde cada um se sinta bem e importante. Considero fundamental que, desde os primeiros momentos da sua escolarização, a criança “sinta” que na sala de aula há um “lugar” que é seu e onde a sua pessoa e objectos de uso pessoal são respeitados e estão em segurança.

Assim:

- o círculo de cada criança está assinalado com o seu nome;
- cada uma tem a sua caixa (geralmente de sapatos) pintada e identificada por si própria, onde guarda os objectos de uso pessoal;
- cada uma tem o seu livro de escritor(a); o seu livro de registos ortográficos;
- a capa de elásticos “recebe” os trabalhos individuais;
- há pastas para os trabalhos de grupo;
- os objectos/materiais da professora e/ou do grande grupo, identificados, estão ao alcance de todos e podem ser usados sempre que necessário;



– há cartazes sempre expostos relativos a aniversários, assiduidade, divisão de tarefas, regras, clube de leitura, clube europeu ...

O “espaço comum” é o território vital de um grupo, o espaço onde se organiza a rede das relações interpessoais e/ou intergrupais. Por isso, é importante que, desde os primeiros momentos a criança participe em acções susceptíveis de criar relações favoráveis ao processo de desenvolvimento do “Eu” e do “NÓS”.

A implicação das crianças na procura e implementação de normas para viver em grupo levou-nos à elaboração de regras. Como “não foram feitas para” mas “foram feitas com”, desde a primeira hora se notou uma preocupação (em nada imposta) pelo seu cumprimento.

As regras surgem à medida que vão sendo necessárias e a sua formulação é sempre pela positiva.

Exemplo: “Falar mais do que uma pessoa ao mesmo tempo perturba a audição e sobretudo a compreensão”. Isto é constatado por todos os alunos e o passo seguinte é encontrar a solução. Então surge a regra que aconselha a falar um de cada vez, pedindo a palavra (manifestando o desejo de falar) com o dedo no ar.

Para estar sempre presente, a regra é exposta através de um desenho e, como a rima é muito do nosso agrado, surgem formulações deste género:

“Se é educado, o português
Sabe conversar.
Fala um de cada vez.
Pede a palavra o dedo no ar.”

3.2. A Resolução de Conflitos

Perante uma divergência de opiniões, um conflito simples ou uma decisão difícil, a minha preocupação é conhecer as várias versões e pontos de vista na presença de todos os implicados, confrontá-las e compreender as actuações, tentando que os alunos cheguem a consenso.

Exemplo 1:

Num trabalho de grupo sobre Comunicação quatro crianças discutiam calorosamente. O ponto de discórdia era se deviam colar no painel onde estava representada uma cabine telefónica moedas verdadeiras ou se deviam desenhá-las.

Duas argumentavam que as moedas deviam ser verdadeiras porque assim é que era a realidade e todos perceberiam melhor. As outras duas defendiam que era melhor desenhar moedas como as reais porque os colegas do outro turno podiam estragar o painel para as arrancar.

Como as moedas eram do grupo/turma decidiram, unanimemente, que deviam pedir opinião à turma. Ouvidas todas as opiniões, ficou decidido que valia a pena correr o risco de perder as moedas, pois até era pouco dinheiro. Para contentamento geral, ninguém as tirou do painel.

Exemplo 2:

O exemplo que passo a relatar aconteceu com um outro grupo de 4º ano de escolaridade. Pela sua riqueza, parece-me pertinente inclui-lo. Num concurso do Clube Europeu foram premiados



cinco alunos da sala. Na cerimónia de entrega de prémios, receberam uma medalha, um diploma e um cartão que anunciaava um livro. Passados uns dias recebemos na sala de aula cinco livros de aspecto, tamanho e valor muito diferentes. Não havia nenhuma referência quanto à sua atribuição. A professora mostrou os livros e houve logo muitos comentários:

- “Uns são muito melhores do que outros”
- “Deviam ser todos parecidos”
- “Era melhor que fossem todos iguais”
- “Uns são caros, outros são baratos”
- “Alguns são muito infantis”
- “Eu quero este”
- “Eu também quero esse”...

A professora disse:

- Eu preciso da vossa ajuda para decidir qual a melhor forma de atribuir os livros. A decisão vai ser nossa. Todas as opiniões são válidas.

As opiniões foram surgindo algumas muito controversas, outras muito justas. Todas mereciam atenção e comentários adicionais. Como já tinham sido ouvidas muitas opiniões, disse às cinco crianças premiadas que, entre elas, tentassem chegar a acordo.

Da mesa redonda (onde se reuniram) iam chegando vozes ora exaltadas, ora lacrimejantes, ora conciliadoras mas sem revelarem a necessidade de intervenção da professora que (sem o manifestar) estava atenta.

Passado um tempo (15-20minutos) as cinco crianças, sorridentes, comunicaram-nos mais ou menos o seguinte:

- Cada um já tem o seu livro. Para cada um de nós o mais importante foi a cerimónia de entrega de prémios no Teatro Maria Matos. A entrega da medalha e do diploma foi o mais emocionante de tudo. Agora os livros também são uma bela recordação e o mais importante não é o tamanho nem o preço.

Confesso a minha surpresa. Mas, no grupo/turma, havia a curiosidade de saber quem ficava com cada um dos livros e que critérios tinham seguido. Eis o que nos relataram:

- A primeira pessoa a escolher o livro foi a menina que também ajudou dois colegas na elaboração dos trabalhos premiados; depois foi o rapaz que tinha menos livros em casa; os três restantes foi por sorteio mas depois ainda houve uma troca por mútuo acordo. Até ao fim do ano lectivo os 5 livros ficam no nosso “Clube de Leitura” para serem lidos por todos.

3.3. A “Caixinha dos Segredos”

A “Caixinha dos Segredos” (o barómetro das relações), aberta pela professora à sexta-feira de cada semana, é o “depósito” para todos os conflitos pessoais e interpessoais e para as



pequenas/grandes confidências, medos, ansiedades e vitórias das crianças. As brigas e zangas podem ser analisadas mais friamente do que no momento da ocorrência e a discussão leal e aberta é útil não só aos protagonistas mas ao grande grupo. Como é óbvio dá-se e respeita-se o direito ao anonimato de quem o desejar. E assim a relação humana forma a criança para a comunicação, mesmo em situações conflituais.

Exemplos de segredos:

- “Eu não gosto que os meus colegas me chamem baleia”
- “Eu já sei ler tudo!”
- “A minha mãe vai ser operada e eu tenho medo”
- “Não gosto nada dos dias de chuva porque não posso ir para a rua brincar e fico sozinho em casa”
- “A minha mãe ralha comigo por eu não comer mas eu não sou capaz de almoçar sozinho. Eu antes queria comer na cantina da escola”
- “Hoje estou assustada por causa de um pesadelo que tive na noite passada.”
- “Eu não gosto da minha irmã. Ela passa a vida a chatear-me”
- “Ontem à noite não consegui dormir. O partiu tudo lá em casa.”
- “Rui, Filipe e Carlos, na terça-feira, no recreio vocês foram mauzinhos. Eu e a minha amiga Sara ficámos mesmo zangadas e com razão. Vocês não nos deixaram saltar à corda. Espero que isto não volte a acontecer.”
- “No recreio, o Nuno chamou um nome feio à minha mãe e eu fiquei tão chateada que até chorei.”
- “Eu estou triste com os “Cangurús” que andam muito preguiçosos.” (Professora)

A “Caixinha dos Segredos” conseguiu, por exemplo, levar à sala de aula uma amiga psicóloga que falou de “MEDOS”, desmistificando uns e alertando para outros.

A relação empática reforça as relações afectivas, que por sua vez geram dinâmica e receptividade para as actividades curriculares, o que para além de motivar os alunos lhes incute o gosto pela frequência assídua e pontual, aumentando as suas expectativas.

3.4. O “Livro do Mês”

Uma prática interiorizada por todos e muito do nosso agrado é “O Livro do Mês” trata-se da leitura, pela professora, de contos infantis e juvenis.

Algumas obras escolhidas para “O Livro do Mês” e que se encontram no “Clube de Leitura” da sala de aula são óptimos exemplos de tolerância, justiça, igualdade, respeito pelo diferente e solidariedade:

- “A GALINHA VERDE” de Ricardo Aliberty;
- “A MENINA DO MAR” de Sophia de Mello Breyner Andresen;
- “A FADA ORIANA” de Sophia de Mello Breyner Andresen;
- “O CONTO DE NATAL” de Sophia de Mello Breyner Andresen;
- “A COR QUE SE TEM” de Maria Cândida Mendonça;

- “AMIGOS EM TODO O MUNDO” de Leonel Neves;
- “VOA, PÁSSARO VOA” de Sidónio Muralha;
- “O PRINCIPEZINHO” de Antoine de Saint-Exupéry;
- CONTOS POPULARES de Portugal, África, China, Índia ...

No sentido de estimular a criatividade, há no “Clube de Leitura” este apelo:

“DEPOIS DE UM LIVRO LER
QUE POSSO EU FAZER?”

Assim, por exemplo, após a leitura de “A GALINHA VERDE”:

Os alunos confrontam pontos de vista diferentes, debatem-nos, levantam e discutem questões como ser diferente/ser igual, ser intolerante/ ser tolerante e argumentam, recorrendo a cenas vividas ou presenciadas, ou fazendo referência a episódios de telenovelas, como exemplos e contra/exemplos. Por vezes, dramatizam o conto ou cenas, com muita vivacidade e imaginação, desenham, pintam, relêem (re)escrevem, alteram.

No caso dos Cangurús, como elaborávamos mensalmente um jornal que era vendido na escola e no bairro (dando cada um o que podia e revertendo essa verba a favor do Clube de Leitura), a turma decidiu publicar no jornal, na rubrica “O livro do mês”, o seguinte apelo de leitura:

O LIVRO DO MÊS



A GALINHA VERDE

A **GALINHA VERDE** é uma galinha viúva, mãe de cinco pintainhos, muito assada e boa dona de capocira. Um dia levantou-se ainda mais cedo que de costume porque tinha muito que fazer. Logo de manhã recebeu a visita da galinha Amarila, engomadeira de seu ofício, que gostava muito de meter o bico na vida alheia. Como a **Galinha Verde** não tinha roupa para lhe dar a engomar nem tempo para “cagarrear” a Galinha Amarila achou que era uma desconsideração e, com a sua imaginação de galinha, inventou uma história.

- Querem saber a história?

- Ora, se querem mesmo saber, façam como nós.
Leiam “**A GALINHA VERDE**” de Ricardo Aliberty.
Nós gostámos muito!





3.5. *Livro sobre a Tolerância*

Soubemos pelo “Diálogo Entreculturas” que dia 16 de Novembro era o DIA INTERNACIONAL DA TOLERÂNCIA e, espontaneamente, apareceu a TOLERÂNCIA no Plano de Actividades desse dia, que tem sempre a participação dos alunos. Logo surgiu a ideia de fazer poemas ou frases que falassem de tolerância. Observaram-se os seguintes passos:

1. Debate sobre o tema, a partir de exemplos de situações de tolerância e de intolerância observadas e/ou vividas:

- na família,
- na escola,
- no bairro,
- nos telejornais,
- na sociedade ...

Ao longo do debate foram sendo realçadas algumas implicações, na vida pessoal e interpessoal, do facto de se ser tolerante ou intolerante.

2. Escrita individual de poemas sobre a “Tolerância”.
3. Leitura em voz alta de cada poema na “cadeira de escritor”, lugar criado para valorizar a produção escrita.
4. Opiniões/sugestões de melhoramento por parte dos colegas, cabendo ao autor aceitá-las ou não.
5. Entrega dos poemas à professora para correcção de erros ortográficos e de concordância.
6. Construção de um poema colectivo que fecha o livro da Tolerância (em anexo).
7. Re-escrita dos poemas para o respectivo “Livro de escritor” e sua ilustração.
8. Ilustração dos textos processados (pela professora) a computador, tendo as ilustradoras da capa e da contracapa sido escolhidas pela turma.
9. Organização do livro da Tolerância com o conjunto dos poemas escritos.

Observação:

Penso que as actividades atrás referidas se reflectiram nitidamente, na quantidade, riqueza e diversidade dos 25 poemas que “nasceram” quando participámos no concurso “DIA EUROPEU DA POESIA INFANTIL”, dirigido a crianças da Comunidade Europeia com idade inferior a 13 anos, promovido pela Maison Internationale de la Poésie – Bruxelles, com o tema “UMA EUROPA UNIDA PARA UM MUNDO SEM MEDO UMA FRATERNIDADE DE TODAS AS CORES”, tendo tido como vencedora portuguesa a aluna da turma Sílvia Alexandra dos Santos Nascimento, com o poema:



**“UMA EUROPA UNIDA PARA UM MUNDO SEM MEDO
UMA FRATERNIDADE DE TODAS AS CORES”**

Vamos dar as mãos abertas
e guardar este segredo:
“Vamos fazer uma Europa
onde não haja medo!”

Se eu fosse uma fada
metia muita tolerância
no coração dos “cabeças rapadas”.

Nós somos irmãos
cada um tem a sua cor.
Vamos todos combater o mal
Vamos todos dar amor.

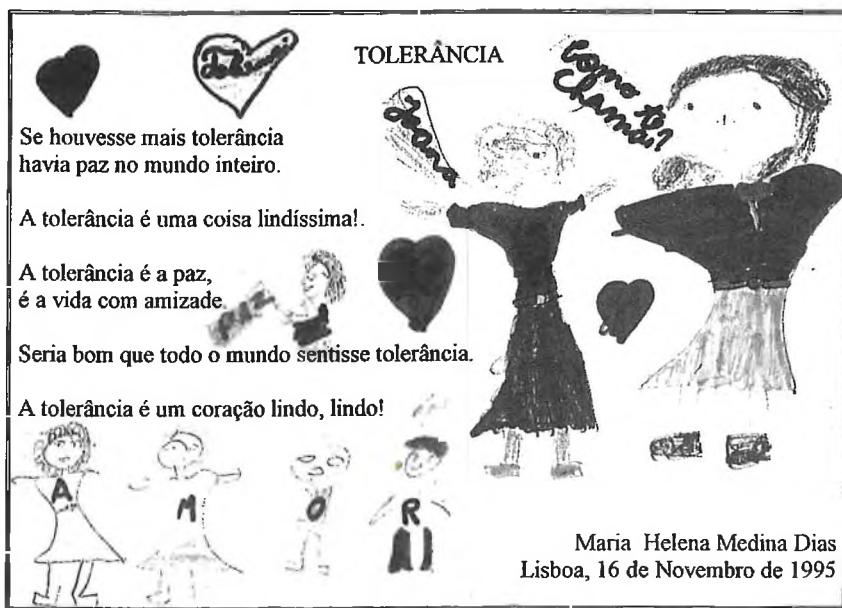
O mundo é uma bola redonda.
Quando damos um abraço
também fazemos uma bola.
É como dar um grande laço
estando todos na mesma onda!

Europa, minha rainha
Unida do princípio até ao fim.
Racismo, tens de acabar!
Os homens vão-se aceitar
Para reinar sempre a Paz.
Agora, veja lá o que faz!

Sílvia Nascimento – 9 anos



Anexo





TOLERÂNCIA

Se eu fosse a tolerância entrava na cabeça e no coração
“dos cabeças rapadas” e fazia-lhes entender
que o mundo é de todos.

Se eu fosse a tolerância fazia com que
houvesse paz em todo o mundo.

Se eu fosse a tolerância fazia com que os corações das mães
não sofressem com a intolerância dos seus filhos.

Se eu fosse a tolerância tocava no coração das pessoas
e evitava que as crianças de todo o mundo
sofressem com a intolerância de algumas pessoas.

TOLE RÂNCIA

Bruno Miguel dos Santos Teixeira
Lisboa, 16 de Novembro de 1995

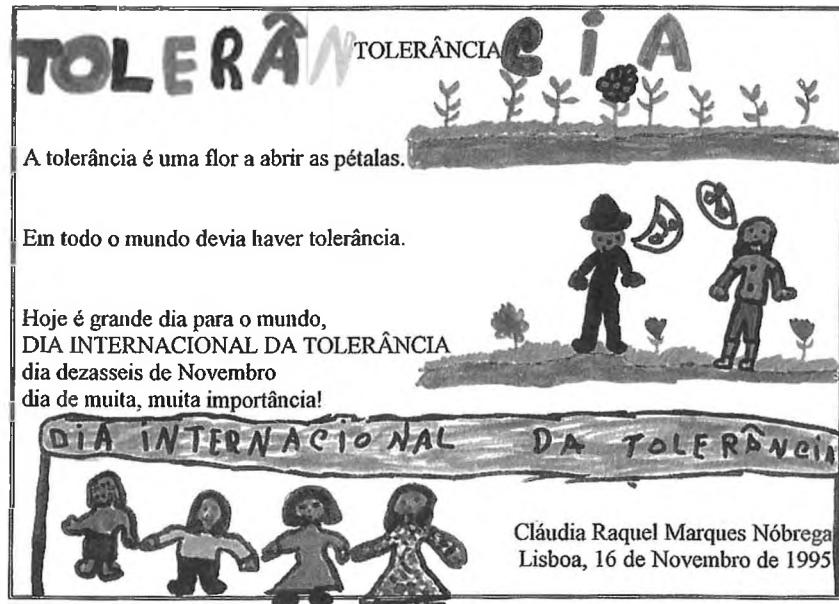
TOLERÂNCIA

Quando o Renil entrou na nossa sala
nós fomos logo tolerantes com ele
Brincámos com ele, mostrámos-lhe a escola
e jogámos logo à bola.

A tolerância toca na alma e no coração.
A tolerância, para mim, é um botão de flor
A tolerância é dar, a todos, a nossa mão.
A tolerância é sentir muito amor.

A tolerância é uma coisa que nós devemos ter todos.

Cátia Sofia Campos Teixeira
Lisboa, 16 de Novembro de 1995



TOLERÂNCIA

Todos juntos e aliados
Os de longe e de perto
Leves ou pesados
Escuros ou pálidos
Rapazes e raparigas
Abraçamo-nos. Daqui em diante
Nada de racismos
Cada um é importante
Igual e diferente
Amigos de toda a gente!

“Os Cangurus”

O CURRÍCULO NA ESCOLA DA BIQUINHA

Motivar os alunos para a aprendizagem e centrar o currículo nas suas experiências e interesses implica adaptações de horários e de espaços e trabalho de equipa entre professores. Também aqui se dá conta de estratégias de envolvimento das crianças ciganas e suas famílias. E quando as crianças vêem um programa de televisão que as impressiona, as professoras ajudam-nas a pensar sobre ele, fazendo com que o currículo “aconteça”.

*Maria Cândida Duarte
Maria Carolina Morais
Maria Isabel Espanhol
Cristina Maria Polónia*

Escola nº 2 da Cruz de Pau (Biquinha)



Índice

1. Caracterização da Escola e do Meio	31
2. Organização e Desenvolvimento Curricular	31
3. A Valorização da Cultura Cigana	32
4. Angola e os Meninos de todas as Cores	33
5. Em Síntese...	34
6. Anexos	37



1.

Caracterização da Escola e do Meio

A escola nº 2 da Cruz de Pau (Biquinha) situa-se numa zona de habitação social onde residem famílias de grupos economicamente desfavorecidos, sendo algumas de etnia cigana.

As actividades predominantes são as indústrias metalúrgica, conserveira, pescas e construção civil.

O desemprego tem vindo a aumentar, sendo significativo o número de mães domésticas.

É uma população que possui índices de escolarização muito baixos.

O insucesso escolar e o absentismo são problemas preocupantes, motivo pelo qual se pretende desenvolver uma educação que promova a valorização das diferentes culturas, o desenvolvimento de capacidades, atitudes e valores e o domínio de instrumentos teóricos e práticos facilitadores duma plena integração e participação activa na sociedade.

Os objectivos gerais definidos no Projecto Educativo são diminuir o absentismo e a agressividade e promover o sucesso educativo, prevenindo assim a exclusão escolar e social.

Neste sentido, nos primeiros anos da sua implantação, a escola, consciente de que muitas crianças ciganas não eram sequer inscritas, deslocou-se até ao bairro em que viviam, dispôs-se a ajudar os pais a tratar de assuntos correntes e foi, a pouco e pouco, construindo uma relação de proximidade e confiança que levou muitos deles a enviarem os filhos à escola. Para além disso, dada a política de "portas abertas" que a comunidade escolar tem vindo a aprofundar, os pais começaram não só a vir à escola e a participar em algumas actividades, tais como exposições de trabalhos e festas, como também a estarem presentes em aulas e a pedirem ajuda para a resolução de dificuldades de várias ordens. Daí também o envolvimento no Projecto de Luta Contra a Pobreza.

No presente ano lectivo, 96-97, a população escolar é constituída por 224 alunos, sendo 30 de etnia cigana e um oriundo de um país da União Europeia. Funcionam 11 turmas em dois turnos: 2 turmas de 1º ano, 3 de 2º ano, 2 de 3º ano e 4 de 4º ano.

A escola conta com 17 professoras 4 funcionários e 1 vigilante.

Semanalmente, as crianças da pré-primária, que funciona em instalações anexas à escola e que almoçam diariamente na cantina, participam também na área das Expressões, de forma alternada, já que, sendo mais de 50, têm que ser divididas em 2 grupos. Esta é uma estratégia de acolhimento e de motivação para a vida escolar.

São também muitos os alunos que, frequentando o 2º Ciclo, vêm partilhar connosco as suas experiências.

2.

Organização e Desenvolvimento Curricular

A escola tem vindo a apostar numa organização curricular centrada na área das Expressões, tendo a Expressão Plástica vindo a assumir um papel de grande relevo, já que uma das professoras da escola, com uma licenciatura em Belas-Artes, possui conhecimentos de cerâmica, azulejaria e pintura e, por seu lado, a escola dispõe dos necessários recursos materiais para o desenvolvimento destas áreas.



No ano lectivo 95/96, a escola criou uma área a que chamou Educação Visual e Tecnológica, cujas principais dinamizadoras são a professora responsável pela Área da Expressão Plástica e as professoras responsáveis, respectivamente, pela Biblioteca e pela sala dos Computadores, dando a Directora da Escola todo o apoio e condições para o seu funcionamento. Esta área, assegurada pelas 3 professoras destacadas para essas funções, constitui duas horas semanais dos horários de todos os alunos da escola (Anexo 1). Assenta no princípio de que o conhecimento científico, tido como sério e objectivo, e a actividade artística, considerada como veículo transmissor de criatividade humana, devem ser vistos não como actividades antagónicas, mas como complementares. É um projecto que tenta conciliar Arte, Ciência, o domínio das técnicas e o desenvolvimento de relações interpessoais.

Partindo do programa do 1º Ciclo, as professoras, centradas neste espaço curricular, procuram desenvolver estratégias de ensino aprendizagem que sejam motivadoras e significativas para os alunos. Com base na Área “Meio Físico e Social”, são identificados temas integradores para cada um dos anos de escolaridade (Anexo 2). Este trabalho é planificado com a colaboração das professoras responsáveis pelas diferentes turmas da escola, que acompanham os seus alunos nessas duas horas curriculares semanais, indutoras dos temas a tratar, por forma a, nas suas aulas, poderem fazer a articulação dessas actividades com o trabalho subsequente.

As 3 professoras responsáveis pelo Projecto de Educação Visual e Tecnológica reunem semanalmente, às sextas-feiras, fazendo o balanço da semana e programando a próxima. Diariamente, no final de cada aula – o que significa 4 por dia –, fazem a avaliação do trabalho com as respectivas professoras de cada turma: “trabalho conseguido”; “não-conseguido”; “A continuar...”

A planificação é anual, trimestral, mensal e semanal, mas sempre sujeita a ajustamentos. Por vezes, a planificação é posta de lado para dar resposta a assuntos que, por exemplo, preocupam os alunos, chamam a sua atenção por serem notícia em meios de comunicação social ou derivam de questões originadas por visitas de estudo... Uma vez as crianças foram à Câmara Municipal de Matosinhos, onde viram um painel de Júlio Resende. Motivadas por isso e por uma reportagem televisiva sobre a sua obra, foi decidido construir um painel de azulejos procurando imitar o seu estilo. Enquanto pintor que se associa à cidade de Matosinhos, aproveitou-se para chamar a atenção para a localização geográfica da cidade e daí partir para o estudo das províncias, no âmbito dos temas que interessava tratar no Meio Físico e Social.

3.

A Valorização da Cultura Cigana

O número de crianças ciganas na escola tem vindo a decrescer, por questões ligadas a políticas de realojamento.

Contudo, sempre foi nossa preocupação dar a conhecer e valorizar a cultura cigana, documentando-nos o mais possível sobre esse assunto.

Podemos relatar, a título de exemplo, que após o Congresso de Sevilha, em Maio de 1994, a professora de Expressão Plástica, que nele participou, fez uma sessão de divulgação para as outras professoras da escola, algumas das quais nunca tinham tido contacto com a cultura cigana. Nessa sessão foi passado um pequeno documentário sobre o Congresso e sensibilizaram-se as professoras para actividades a desenvolver com os alunos.



Do Congresso foi trazida uma bandeira cigana que demos a conhecer às crianças, tendo-se estudado a sua simbologia: o azul do céu, o verde da pradaria, a roda do caminheiro. As crianças desenharam e pintaram a bandeira, puderam-na levar para casa para mostrar às suas famílias e estudaram também aprofundadamente a bandeira portuguesa, por forma a valorizar paralelamente as duas culturas. Lembramos que uma das crianças observou que gostaria de ser cigana para ter também duas bandeiras. Tratou-se de um pretexto para lançar outras actividades ligadas ao conhecimento e à valorização da cultura cigana. Contámos histórias que sabíamos sobre o povo cigano, as crianças pesquisaram em livros informação sobre a história e cultura cigana. Construímos textos. A Maria Cândida, professora de Expressão Plástica também deu o seu contributo (Anexo 3) e as crianças aplaudiram-lhe o poema.

Estudaram-se hábitos, costumes e profissões e, em cerâmica, construiu-se um acampamento cigano e também aldeias portuguesas típicas. Curiosamente, as crianças insistiam em desenvolver e em trabalhar temas sobre os ciganos. Os grupos de trabalho eram heterogéneos, constituídos por crianças não ciganas e ciganas. As crianças desta etnia, que, por vontade própria, se sentavam frequentemente, lá atrás, num cantinho, tornaram-se o centro das atenções. Passaram a abrir-se mais e houve troca de experiências e entreajuda. Explicavam às outras como moldar, que cores usar para pintar. Aplicavam os seus conhecimentos dizendo: "Olha que a roda não é assim, a carroça aqui não está bem! Põe uma fogueira. Aí dentro não! Gostamos de estar cá fora." As aldeias, os seus habitantes e actividades foram também motivo de conversa e estabeleceram-se semelhanças e contrastes.

4.

Angola e os Meninos de todas as Cores

Um dia as crianças chegaram à escola muito excitadas porque tinham visto um anúncio de um programa sobre as crianças de Angola, que iria passar à noite na televisão.

As imagens eram chocantes, tendo levado as crianças a comentar:

- As moscas passeavam na boca dos meninos.
- Eles não tinham que comer...
- Tinham umas barrigas muito grandes.
- Eles já tinham pistolas...
- ... Mas não faz mal, porque quando eles forem grandes vão pegar em espingardas e matá-los a todos.
- Estes meninos são pretos!
- Mas sentem como nós.
- Professora, Angola é muito longe?

Alguns alunos quase exaltavam a posição do miúdo angolano que afirmava que, quando fosse grande, ia matar os outros, ia vingar-se. Isso preocupou-nos. Não podíamos deixar ficar as coisas assim, porque era um assunto muito delicado e estava mal interpretado. Havia que orientar as crianças. O nosso tempo exige diálogo e a comunicação é a grande arquitecta da personalidade.



Procuramos que a escola seja facilitadora da comunicação e estímulo da mesma, através de imagens vivas. É por isso que aproveitamos também vivências ou problemas das crianças para as podermos ajudar a crescer. Neste sentido, servimo-nos desta notícia como ponto de partida para o trabalho a desenvolver. Perguntámos às crianças se elas queriam tratar do assunto dos meninos que vivem noutros países, por vezes em condições de vida muito difíceis. Alterámos a planificação que tinha sido elaborada para a semana, centrada no estudo do vestuário, e perguntámos-lhes: "O que é que vocês querem fazer com este tema?"

Disseram-nos: "Queremos cantar a canção dos 'Meninos de todas as cores'!" – que já tinham cantado.

"Queremos conhecer outros meninos de outros países."

Tínhamos o material da OIKOS que é muito bom e que ainda só tínhamos explorado a nível de audição da canção e da exploração do filme. Planificámos então as actividades (Anexo 4).

Ouviram e viram filmes de histórias de vida de "meninos de todas as cores"; passámos no projector de opacos essas histórias; leram essas histórias; interpretaram-nas, recontaram-nas por palavras deles e de diferentes maneiras: escreveram-nas em computador, à mão, desenharam-nas e moldaram-nas. E sempre a investigar! Descobrimos as bandeiras dos países dos meninos de todas as cores. Retomámos o tema anteriormente planificado do vestuário. Como se vestem os meninos na Ásia, em África, na Europa, na Oceania? Mas onde fica isso? Fomos ver no mapa onde ficavam os continentes, os oceanos... E situámos Portugal. Vimos rios, províncias e vestimos bonecos de cá e de lá, de diferentes continentes e de diferentes países. Estudámos também a habitação em diferentes lugares do mundo. Na Matemática trabalharam a noção de espaço, viram quantas vezes Portugal cabia na Europa e fizeram outros cálculos dessa natureza. Na Expressão Plástica estudaram as cores mais fortes, mais ténues... para utilizar nos trabalhos em cerâmica, em azulejo, para caracterizar melhor as paisagens, o vestuário e a habitação conforme os países.

Baseando-se na canção Meninos do Mundo, as crianças fizeram o poema Meninos da Biquinha para se despedirem da Professora Margarida, porque tinham concluído o 1º Ciclo. Dramatizaram o poema, fizeram uma dança; todos desenharam, recortaram e pintaram uma margarida para dar à professora.

Partimos do currículo obrigatório e procuramos ir mais longe...

5. Em Síntese:

Explorámos todos os temas do Meio Físico.

Aprendemos muito sobre: modos de vida, vestuário, habitação, escola e divertimentos (o que fazem os meninos no seu tempo livre).

Consultámos mapas para localizarmos países, continentes, oceanos.

Desenhámos mapas e nele localizámos os meninos que conhecemos e os países em que vivem.

Recortámos bonecos em tecido (as auxiliares coseram-nos à máquina).

Vestimos bonecos com diferentes tecidos, dando vida aos meninos que conhecemos.

Desenhámos as suas casas e instrumentos musicais, utilizando diferentes materiais.

Ouvimos canções em diferentes línguas e, conhecendo as suas mensagens, procurámos cantá-las.



Lemos, contámos histórias.

Escrevemos as histórias do menino amarelo, do vermelho, do castanho e do negro. Conhecendo os seus costumes, ficámos a conhecê-los melhor. Por fim, escrevemos a história do menino branco. O Daniel foi escolhido para a personagem principal.

Pesquisámos e contámos lendas.

Fizemos dramatizações.

Desenhámos e vidrámos azulejos

Fizemos inúmeras peças de cerâmica.

No dia mundial da criança lembrámo-nos novamente dos meninos de todo o mundo.

Tomámos consciência de que há meninos para quem os direitos humanos não existem, meninos que não vivem como nós, que não estão bem na vida, que não são felizes. Fizemos um livro com os seus textos de comentário à situação dos meninos de Angola, onde revelam o seu desejo de intervir, de ajudar e em que exprimem achar injusta a situação, não ser justo o que se está a passar com eles, na vida deles. Temos o hábito de elaborar com as crianças livros que registam as actividades, para posteriores consultas de alunos e professores.

O Anexo 5 mostra alguns produtos dos trabalhos realizados.

Pensamos com este tipo de trabalho poder explorar valores morais, desenvolver atitudes e contribuir para a formação pessoal e social das nossas crianças.



Índice de Anexos

Anexo I: Horário de E.V.T.	39
Anexo II: Temas Integradores	40
Anexo III: Poema	44
Anexo IV: Planificação Conjunta de Actividades	45
Anexo V: Trabalhos de Alunos	46

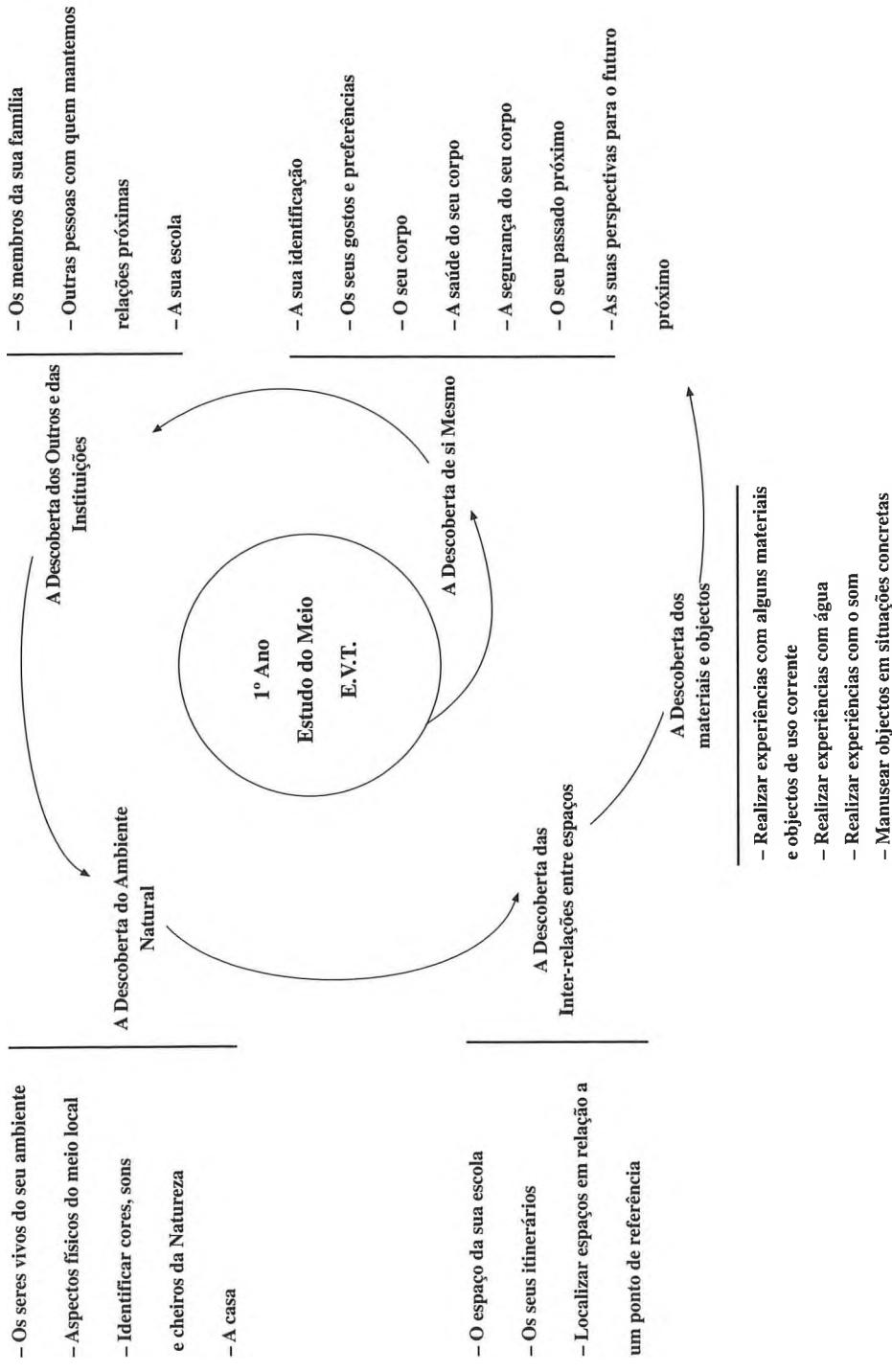
Anexo I
Horário E.V.T.

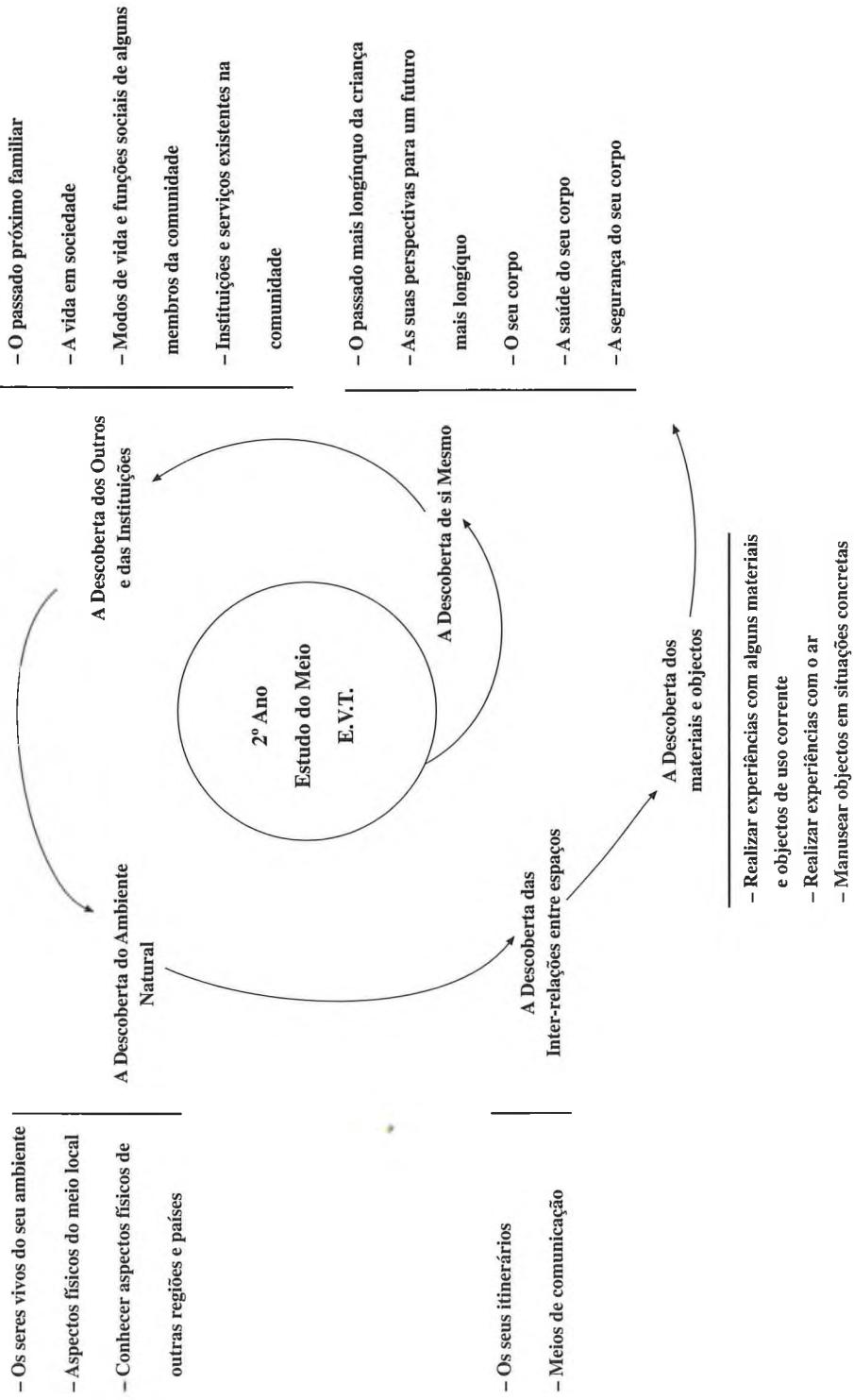
Horário E.V.T.
1996/97

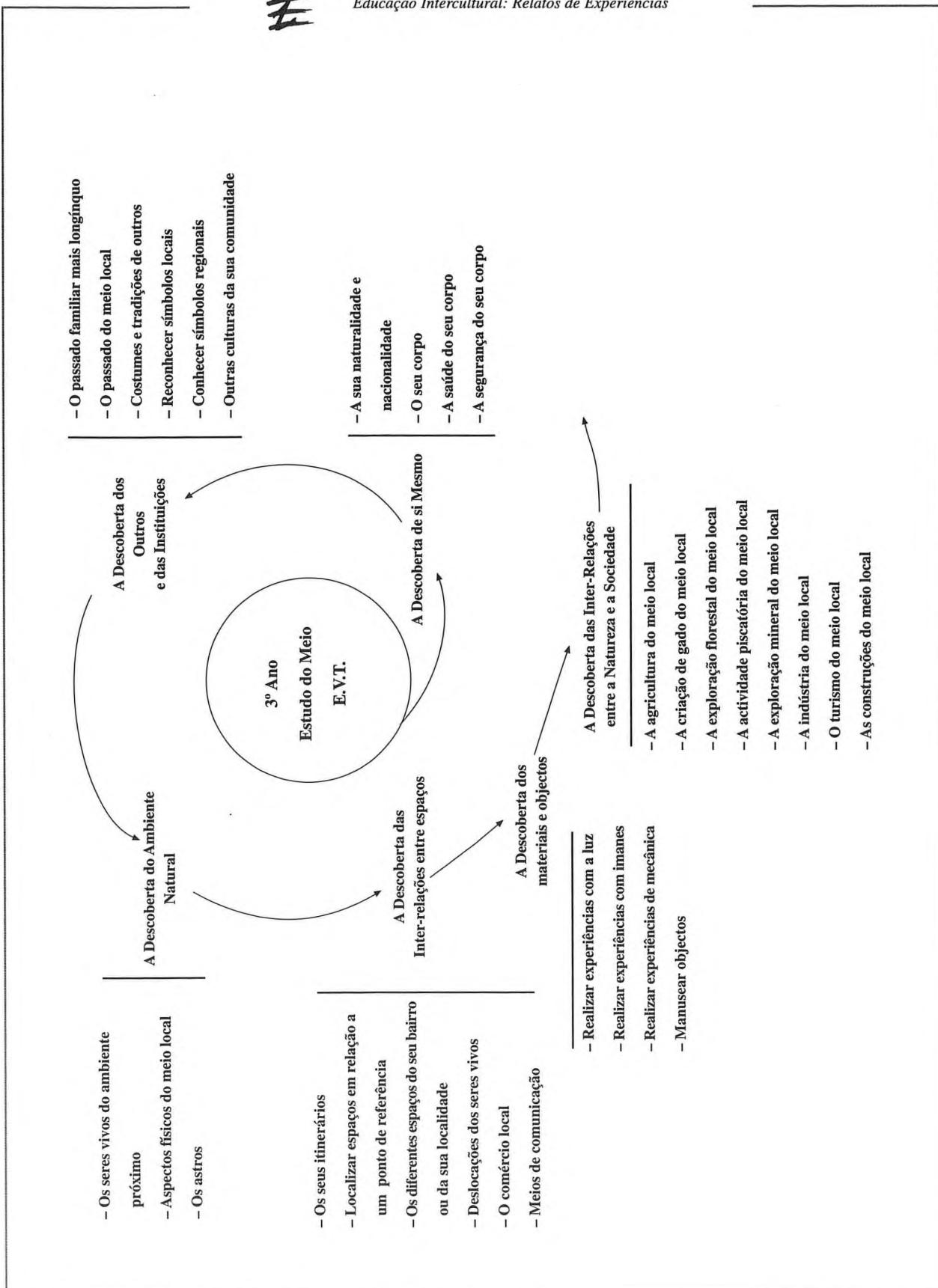
	2^a FEIRA	3^a FEIRA	4^a FEIRA	5^a FEIRA	6^a FEIRA
8h 15m	Área-Escola	2º ano Profª Zita	3º ano Profª Conceição Lemos	2º ano Profª Conceição And.	Pré-Primária
11h	Área-Escola	2º ano Profª Natália	3º ano Profª Filomena	3º e 4º anos Profª Diotília	Programação
13h 15m		1º ano Profª Margarida		3º e 4º anos Profª Edite	4º ano Profª Susana
16h		1º ano Profª Fátima			4º ano Profª Dália

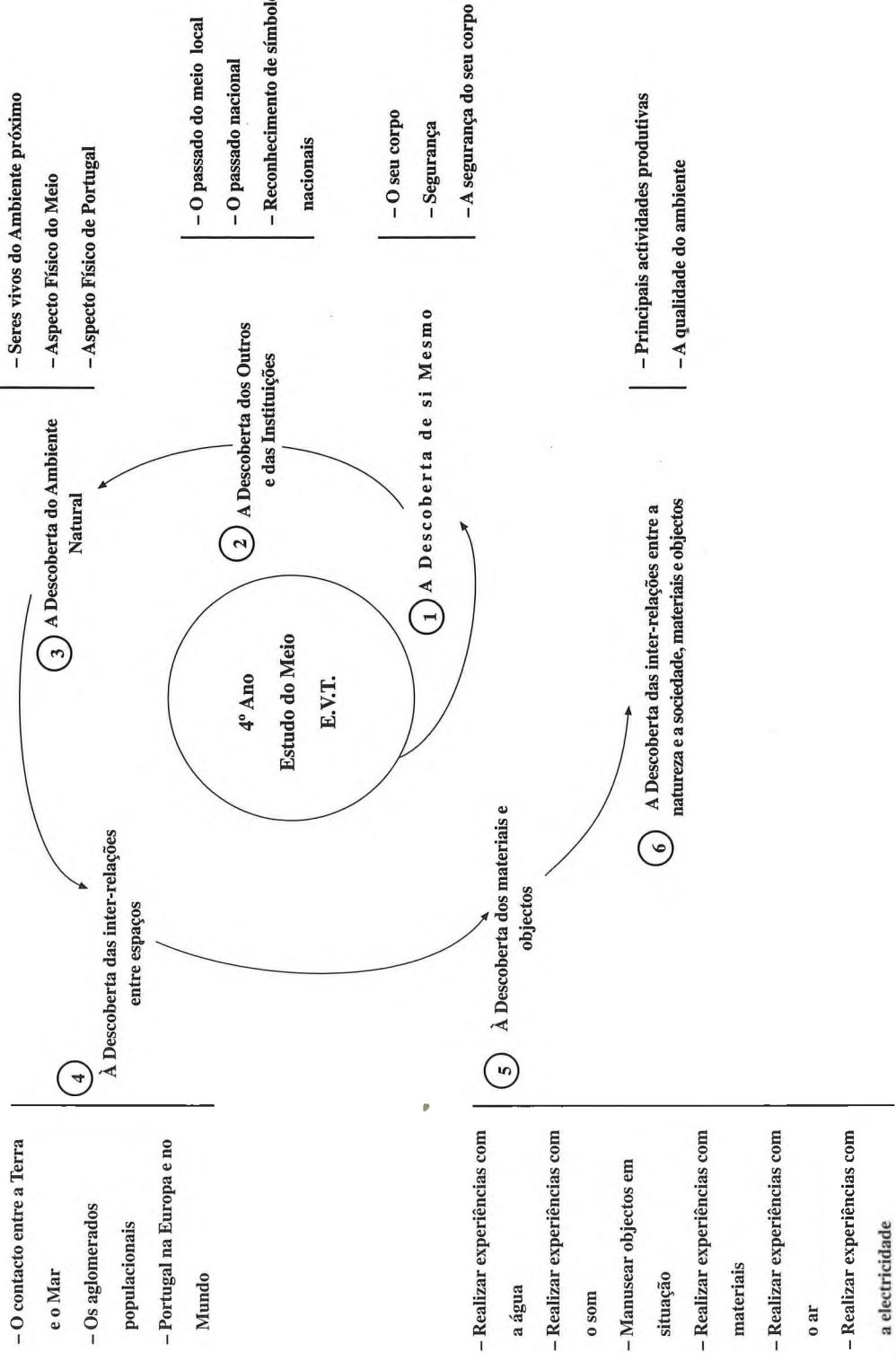


Anexo II Temas Integradores











Anexo III

Há muitos, muitos anos havia
Um povo que muito caminhava,
Pela Ásia, pela Índia, pela Hungria,
Atrás da terra que tanto procurava.

Era um povo de alegres tradições,
Cheio de esperança no olhar
Tinha, como cobertor, o céu
E, como luz, as noites de luar.

A erva era a cama para dormir
E aquecia no calor de uma fogueira.
Nas carroças, caminhando sem parar,
Gritavam crianças em alegre brincadeira.

Percorriam terras sem ter fim
À procura de um lugar onde ficar
Quando chegou ao canto da Europa
O povo cigano nem quis acreditar.

Era um país à beira mar plantado
D'um céu imenso e um sol sempre a brilhar
Era tão alegre e tão hospitaleiro
Que a gente cigana, então, lá quis ficar

Pararam, olhando à sua volta,
Deixaram os cavalos a pastar
Montaram tendas e colheram frutos
E, nessa noite, não pararam de dançar

E a pouco e pouco o sonho aconteceu
Pois finalmente encontraram onde morar
Ganharam casa e um lar acolhedor
Têm amigos e amizade para dar

Mas quando chega a noite, a ciganita
Bem agasalhada, na sua camita
Não consegue deixar de meditar
Tem saudades das flores do campo
Que tudo cobrem em alegre manto,
E tem saudades dos pássaros a voar

Levanta-se e espreita pela janela
Vê as estrelas no céu a brilhar
Porque amanhã irá para a escola
E os amigos a esperam para brincar

Encontrará a sua sala e os seus colegas,
E de repente começa a compreender
Não era preciso sonhar com o passado,
Pois o melhor estava agora a acontecer.

Maria Cândida Duarte

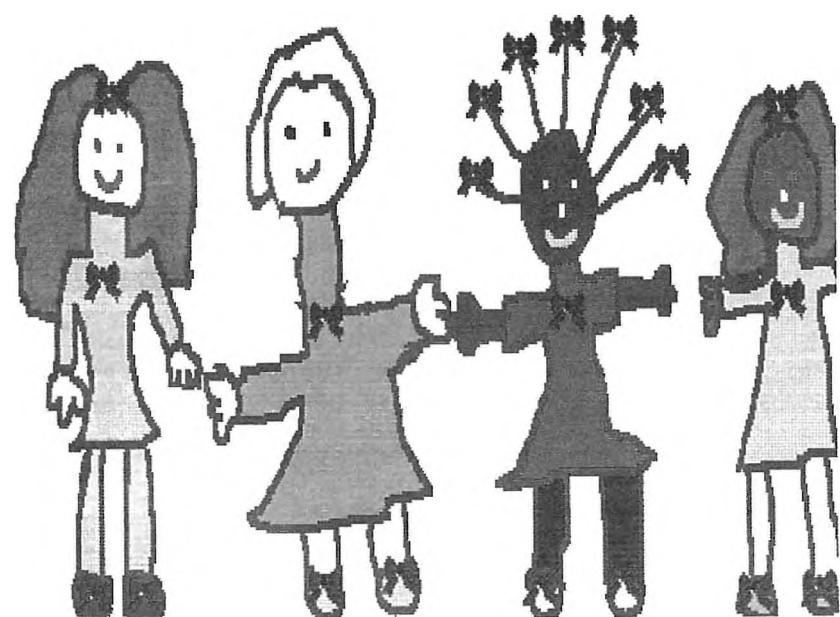


Anexo IV
Planificação Conjunta de Actividades

QUEM VAI FAZER	O QUE VAMOS FAZER	PARA QUÊ	MATERIAIS
Alunos da Profª Susana	<i>Proposta dos alunos</i> – conversar sobre a televisão – ver nos livros – ver na televisão – pintar no cavalete – desenhar no computador – fazer barro – fazer azulejo – fazer visitas de estudo – escrever cartas a outros meninos – fazer a Expovida com os trabalhos – vestir meninos – construir livros – contar histórias	– para aprendermos – para conhecermos os outros meninos – para vermos os outros meninos – para aprendermos coisas	papeis pinceis tintas lápis cores marcadores tinteiros barro vidrado azulejos lãs tecidos cola botões televisão vídeo computadores livros retroprojector de opacos
TEMA		– desenvolver a interdisciplinaridade, o conhecimento, capacidades físicas e valores	
"Como é bom sermos diferentes"	<i>Proposta do professor</i> – ouvir a canção "somos meninos do mundo" – cantar – dançar – mimar – marcar ritmos – pesquisar em casa – conversar com os pais – elaborar questionários		
RESPONSABILIDADES	CURIOSIDADES	AVALIAÇÃO	
	<i>Comentários dos alunos:</i> Ana Rita – distribui material Gabriel – recolhe o material Sofia – deixa a sala arrumada <i>Proposta do professor</i> – vão descobrir na biblioteca e em casa coisas sobre o tema para ensinarem aos outros – pôr em comum	– Angola é muito longe? – Os meninos estão com fome – Até têm moscas na cara... – As moscas passeiam na boca dos meninos... (Angola) – ... tinham umas barrigas grandes... – Eles já tinham pistolas – Mas não faz mal porque quando forem grandes vão pegar em espingardas e matá-los a todos – Mas estes meninos são pretos – Mas sentem como nós – Professora, Angola é muito longe?	Este tema parece-nos ser muito enriquecedor. Esta notícia trazida pelas crianças veio modificar o que tínhamos pensado para esta aula. Parece-nos importante explorar um tema tão pertinente que poderá levar a um enriquecimento mais participado e motivado. As crianças mostram-se muito activas. Todas querem participar. Todas dão ideias. É preciso chegar aos mesmos objectivos por outros caminhos.
	código: não conseguido conseguido X	continuar 	data: 96/05/16

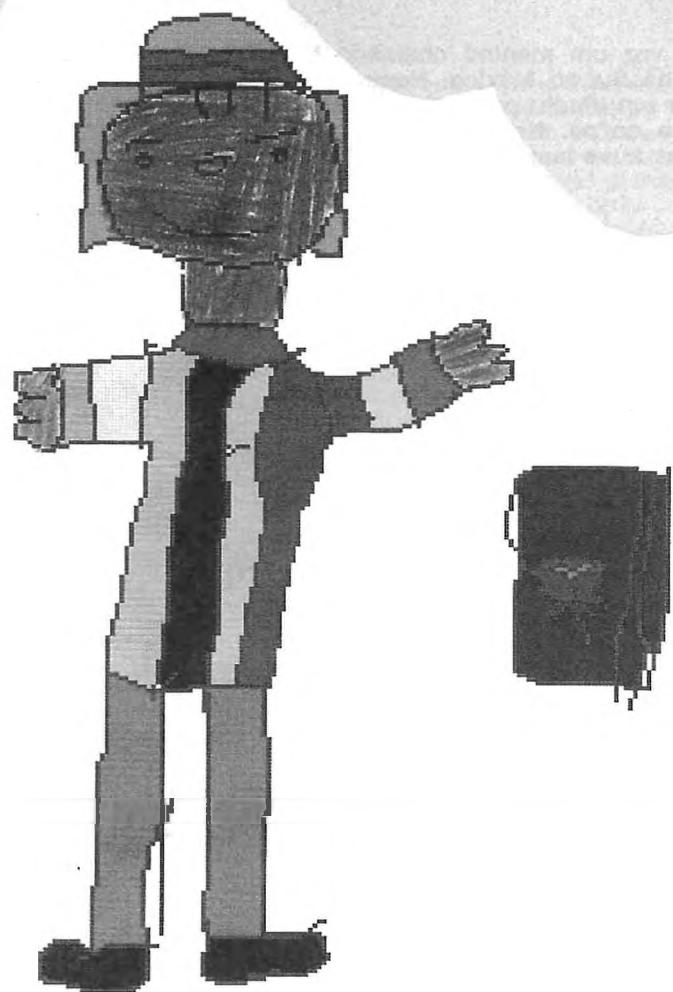


Anexo V
Trabalhos de Alunos



O Mundo está unido por laços fortes .

Patricia Sofia Caldeira Mota
96 / 5/ 9 .



Ali Bábá vai à escola no oásis.
Aprende Tamásheq e também francês.
O morabito ensina-o a recitar o Corão.

Liliana Andreia Oliveira Moura .



Demétrio o menino Mexicano

Era uma vez um menino chamado Demétrio que vivia na América do Sul, no México. Nesse país estava muito frio e ele vestia um chullu para pôr na cabeça e um poncho para aquecer o corpo. Nem sempre ia à escola para ficar a guardar as suas lamas. A sua alimentação era batatas, feijão e cevada.

Liliana Patrícia Santos Fagundes.
Matosinhos, 28 de Maio de 1996.





Lenda do Senhor de Matosinhos

Nicodemos era um hábil escultor. Ele estava quase a terminar a escultura de Jesus, quando os Fariseus o perseguiam por ele ser cristão. Teve de deitar a escultura ao mar Mediterrâneo. As ondas trouxeram a escultura à praia de Matosinhos, no sítio do Espinheiro, onde está o monumento do Padrão. A imagem incompleta foi adorada pelas pessoas. Vários escultores tentaram fazer-lhe o braço, mas nenhum ficava bem.

O artista foi perseguido, mas concluiu o braço que faltava à imagem. Quando o acabou estava enclausurado numa prisão e nas muralhas vinham bater as ondas do Mediterrâneo. Nicodemos, disse, atirando ao mar a sua obra:

-Braço, vai unir-te ao corpo a que pertences.

Passado os cinquenta anos, uma mulher andava na praia de Matosinhos apanhar algas secas para o lume. Encontrou um objecto que lhe pareceu bom para queimar e meteu-o na cesta. Chegou a casa deitou-o à fogueira, mas o objecto logo saltou fora, por muitas vezes. A mulher tinha uma filha muda e miraculosamente falou pela primeira vez na sua vida:

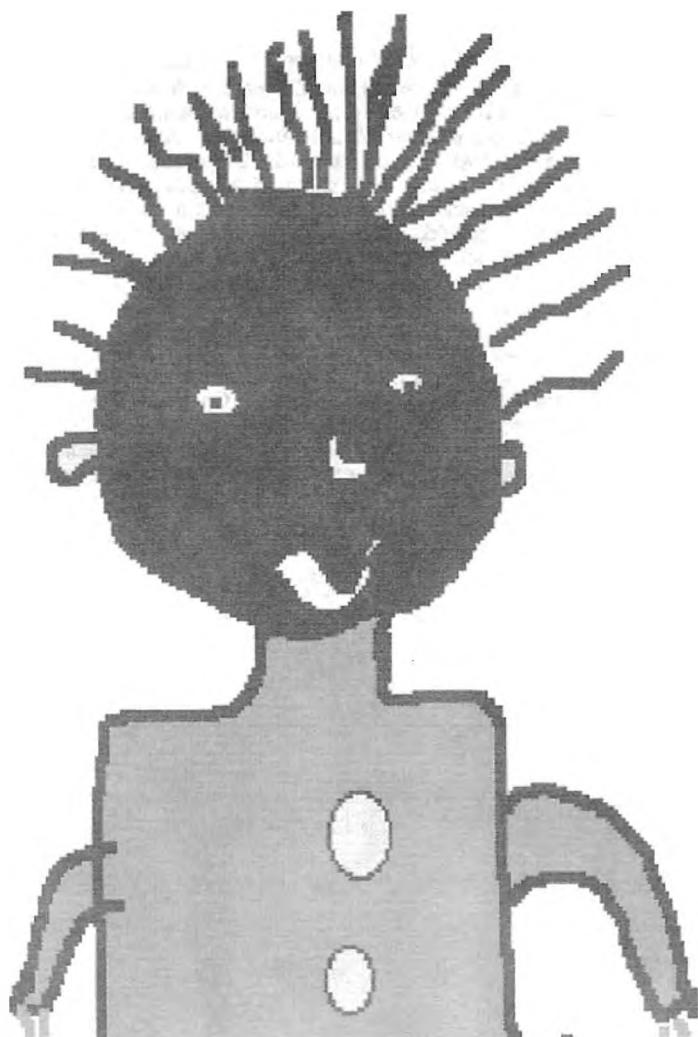
- Não teime em deitar ao lume esse pedaço de madeira, porque é o braço que falta ao Bom Jesus. Foram ajustar o braço ao tronco e era tal e qual.

É apartir deste milagre que se festeja a grande romaria ao Senhor de Bom Jesus de Matosinhos.



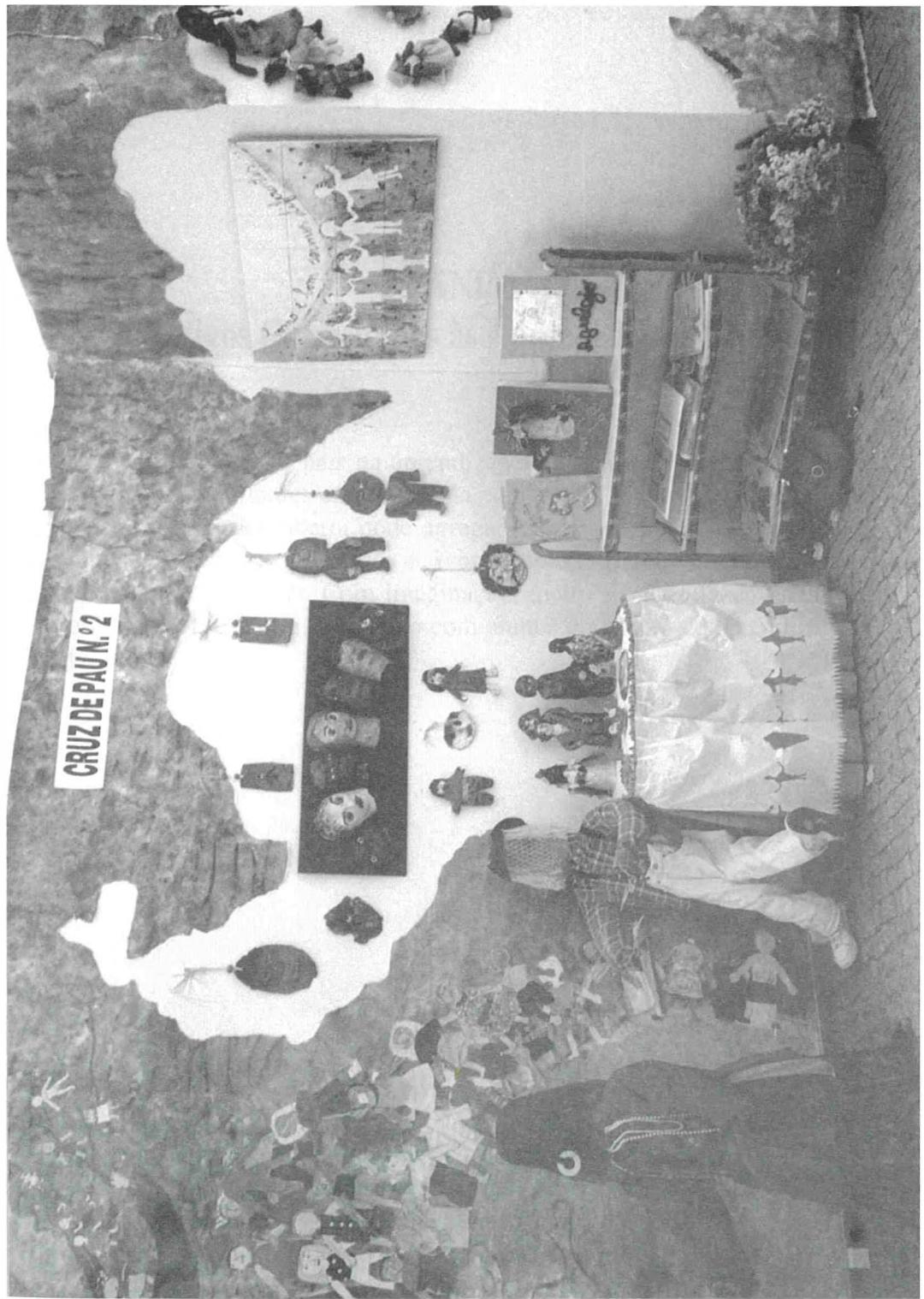
23/05/96

Ana Rita



Este menino é escuro.
Eu gosto de ser ciganita.

Soraia



“OS ANIMAIS”

Dos Objectivos Curriculares às Aprendizagens Multiculturais

O envolvimento dos pais na aprendizagem é factor de sucesso escolar e cria laços importantes entre a escola e a família. O currículo centrado na pesquisa e na descoberta pode agregar, de forma integrada e até lúdica muitos conteúdos e processos activos de aprendizagem, com lugar para a participação dos pais. Com imaginação, muito se pode fazer à volta de uma visita ao Jardim Zoológico com alunos do 1º ano de aprendizagem. Os pais avaliam.

*Maria Goreti Martins Mascarenhas
Célia Santana Ramos
Olga Neves Martins*

Escola Básica nº 1 de Quarteira



Índice

1. Introdução	57
2. Caracterização da Comunidade Escolar da Turma e dos Pais	57
3. A Motivação dos Alunos...	58
4. A Motivação dos Pais...	58
5. Desenvolvimento do Trabalho Pedagógico	59
6. Partilhar uma Reflexão...	65
7. Anexos	67



I. Introdução

A descrição do trabalho “Os Animais – dos objectivos curriculares às aprendizagens multiculturais” apresenta-se como a partilha de uma reflexão que propomos a todos os professores, conscientes da necessidade de promover o sucesso educativo, através do reforço da relação escola/família.

Uma escola mais eficaz, sob o ponto de vista educativo e social, exige mudanças na natureza das práticas pedagógicas, bem como a diversificação e adequação das mesmas a públicos social e culturalmente diferenciados, promovendo processos de ensino/aprendizagem significativos, relativamente às motivações e aos contextos sócio-culturais dos alunos.

Para além disso, o sucesso da adequação do currículo à motivação e interesses dos alunos está aliado ao envolvimento parental e à sua co-responsabilização no processo educativo.

É nesta perspectiva que se inserem as actividades que aqui se relatam, desenvolvidas numa escola de 1º ciclo, a escola nº 1 de Quarteira.

2.

Caracterização da Comunidade Escolar da Turma e dos Pais

A Escola nº 1 de Quarteira situa-se no concelho de Loulé, a 10Km da sua sede, no litoral algarvio, “entre a falésia do Barlavento e os areais do Sotavento”.

Povoação de origem piscatória, modificou-se devido à implementação do importante complexo turístico de Vilamoura. “Aos originários marítimos, pequenos comerciantes e agricultores juntaram-se, assim, centenas de novos serviços e vários milhares de novos habitantes”, oriundos dos vários pontos de Portugal e imigrantes (sobretudo africanos e cabo-verdianos).

Actualmente é uma zona populosa, cuja heterogeneidade é bastante significativa, indo desde famílias de classe média/alta (construtores, comerciantes, profissões liberais, ...) até famílias cujos rendimentos são precários (pescadores e trabalhadores sazonais ligados à construção e ao turismo).

Os alunos provenientes destas comunidades possuem características muito específicas e que se reflectem directamente no seu aproveitamento escolar e nas suas expectativas face à escola.

Os níveis de insucesso escolar, outrora muito elevados, têm vindo a diminuir progressivamente, assim como o absentismo e abandono escolar, em virtude do Projecto Educativo que a escola desenvolve desde 1992/93 e pela sua inserção no estatuto de Escola de Intervenção Prioritária, englobada também no projecto de Educação Intercultural.

A escola tem cerca de 600 alunos (nímeros do ano lectivo 95/96), distribuídos por 31 turmas, que funcionam em horário duplo. Dos 41 professores, 3 estão dispensados da componente lectiva, 2 fazem parte da Equipa do Ensino Especial, 3 são professores de Apoio, 2 trabalham com programas de A.T.L. e um trabalha com uma turma de Pré-Profissionalização. Tem 2 técnicos de educação (1 terapeuta da fala e 1 psicólogo). São 3 os auxiliares de educação e 3 os vigilantes.

O espaço físico da Escola, Plano P 3, engloba 10 salas de aulas e 5 pavilhões pré-fabricados, compostos por ginásio, refeitório, gabinete médico, gabinete de direcção e diversas arrecadações.

A experiência, que passamos a descrever, desenvolveu-se numa turma de 1º ano de escolaridade



composta por 20 alunos com idades compreendidas entre os 6 e 7 anos, sendo 15 do sexo feminino e 5 do sexo masculino. A sua proveniência é Quarteira, excepto uma aluna que nasceu em Lisboa.

Desde o início se revelaram desinibidos (ninguém chorou no 1º dia de aulas), activos, muito comunicativos, extremamente determinados, colaborantes, com grande capacidade de auto-organização e de trabalho ao nível de pequenos grupos (2 ou 3 elementos) muito embora sem experiência de Jardim de Infância (só 8 alunos o frequentaram).

Quanto às famílias (pai e mãe) dos alunos, o seu nível sócio-cultural é médio, distribuindo-se, maioritariamente, pelos níveis de escolaridade que vão da instrução primária ao 3º Ciclo, existindo um número menor de pais com o nível do Ensino Secundário e só um com curso superior.

A média de idades dos encarregados de educação situa-se nos 33 anos.

Quanto à sua naturalidade, sendo na maioria algarvios, registam-se 12 de origem africana (Angola, Moçambique e Cabo Verde).

Os rendimentos das famílias provêm, essencialmente, das profissões dos pais que têm incidência em trabalhos por conta própria – electricista, pescador, contabilista, cabeleireira e empregados de hotelaria, escritório, auxiliares de educação, construção civil, bancário e professor, registando-se ainda, neste contexto, 4 mães domésticas.

3.

A Motivação dos Alunos...

Este trabalho “Os Animais – dos objectivos curriculares às aprendizagens multiculturais” resultou de uma abordagem e desenvolvimento de actividades que partiram do interesse dos alunos em conhecer melhor os animais, motivados por relatos de experiências, como a descrição feita por uma aluna sobre o nascimento atribulado das suas gatas e outros relatos de alunos referentes a animais que têm em casa. Este interesse veio a ser alargado por filmes documentais televisivos, vídeos e jogos a que os alunos faziam referência na “Hora das novidades”.

O trabalho pedagógico propôs-se integrar a participação activa dos pais no desenvolvimento de uma unidade didáctica.

4.

A Motivação dos Pais...

Desde o início do ano lectivo e por se tratar de alunos entrados pela primeira vez na escola, tentou-se que os pais se sentissem implicados e co-responsabilizados no processo educativo dos seus filhos. Eles próprios demonstraram interesse e disponibilidade para acompanharem o processo de aprendizagem dos seus educandos.

Estavam assim criadas condições para a sua cooperação nas actividades escolares.

Para os motivar, falou-se-lhes do interesse dos filhos sobre os animais e surgiu a proposta de uma visita conjunta ao Jardim Zoológico.

De acordo com uma metodologia de trabalho centrada em momentos de informação, acompanhamento e avaliação, realizaram-se várias reuniões com os pais.



As marcações das reuniões de pais eram feitas com a devida antecedência e de acordo com a disponibilidade de todos. A convocatória da reunião apresentava a ordem de trabalhos que tinha sempre um ponto comum: convívio.

As reuniões, que basicamente visavam uma partilha e reflexão conjunta sobre o trabalho desenvolvido e a desenvolver na sala de aula, pautaram-se pela criação de um clima afectivo-relacional positivo, de diálogo aberto e de entreajuda.

5.

Desenvolvimento do Trabalho Pedagógico

O trabalho pedagógico com os alunos desenvolveu-se interdisciplinarmente, no âmbito da percepção, exploração, aquisição e integração de conhecimentos sobre a diversidade e habitat dos animais. Foi abordado o mundo animal mais próximo da realidade das crianças (alguns animais domésticos) e o mais distante delas mas conhecido pelos pais nos seus países de origem (alguns animais selvagens).

Privilegiou-se uma metodologia assente na aprendizagem experiencial. Partindo do levantamento de ideias prévias e conhecimentos sobre o tema, recorreu-se a estratégias diversificadas, introduziram-se actividades de observação, exploração, registo e sistematização.

Procurou-se que as estratégias seleccionadas fossem promotoras de atitudes positivas e estimuladoras da capacidade de compreensão, do desenvolvimento do pensamento e da reflexão crítica, da abertura de espírito, da autonomia, da criatividade e do sentido de responsabilidade.

A planificação do trabalho propôs-se responder às motivações dos alunos e conciliar os conteúdos programáticos com as realidades sócio-culturais dos alunos e suas famílias.

Sequência de actividades

O Plano de Actividades, que apresentamos no Anexo I, descreve o trabalho realizado ao longo do 2º e do 3º Período, organizado a partir da área disciplinar de Estudo do Meio.

Passaremos a realçar alguns momentos.

1º Momento – Reunião de pais

Tempo: 2.30h

Surgiu pelo Carnaval a necessidade de confecção dos trajes carnavalescos. Conjuntamente com uma professora da equipa, foram elaborados os moldes e adquirido todo o material necessário.

A partir daí, foram convidados os pais a irem à Escola e confeccionaram-se os trajes, segundo um tema extraído do Projecto Educativo: “As flores da nossa Escola”.

Nestes encontros estabeleceu-se um ambiente descontraído e informal (por vezes, havia café, chá e bolos...).

Surgiu, no desenrolar deste trabalho, a proposta de mais momentos de convívio e o interesse na organização de viagens de estudo com as crianças.



Aproveitando esta motivação, falou-se do gosto das crianças por animais e surgiu a proposta de visita ao Jardim Zoológico de Lisboa.

Na sequência desta reunião de pais, organizou-se o processo da visita de estudo e definiram-se objectivos, estratégias e actividades adequadas ao nível etário e ao desenvolvimento cognitivo dos alunos, no âmbito do programa curricular do 1º ano de escolaridade e, mais especificamente, na Área de Estudo do Meio.

A planificação deste trabalho passou pelo estabelecimento dos contactos necessários junto da autarquia para a cedência de transporte e ainda pela colaboração da directora da escola no apoio logístico.

2º Momento – Trabalho em sala de aula

Actividades desenvolvidas:

- debate
- Ficha de registo de conhecimentos (Estudo do Meio)

Tempo: 1.30 h

A professora fez com os alunos um levantamento do nome dos animais que conheciam e levou-os a identificar as diferenças entre animais domésticos e animais selvagens e/ou que vivem em liberdade.

Através da ficha de Estudo do Meio em anexo (Anexo II), os alunos agruparam e desenharam alguns animais que são domésticos e outros que vivem em liberdade, sendo ou não selvagens. Foi também feita a distinção entre a situação de um animal que vive na selva ou num parque natural e a do que vive num Jardim Zoológico.

Actividades desenvolvidas:

- Hora do conto

Tempo: 30 min.

Aproveitando a “Hora do conto”, actividade habitual nesta turma, foi lido um trecho retirado do livro “Anita no Jardim Zoológico” (Anexo III), trazido pelos alunos.

“Anita, Pedro e Pantufa vão passar a tarde ao Jardim Zoológico. (...)

No Jardim Zoológico há todas as espécies de animais da terra, da água e do ar. Vieram dos quatro cantos do Mundo: da Ásia, da África, da América e da Oceânia. (...”)

A sua exploração incidiu no significado de Jardim Zoológico (lugar para observação directa de animais oriundos das diferentes partes do Mundo) e ainda oralmente foram analisadas algumas gravuras do livro referido. Aquele conceito foi explorado em conversa com os alunos, no sentido de os sensibilizar para os “*quatro cantos do Mundo*”, isto é, a diversidade das origens geográficas de animais e pessoas. Paralelamente foi feita referência à origem dos pais dos alunos desta turma.

Auscultaram-se os alunos quanto ao seu interesse na realização de uma visita de estudo ao Jardim Zoológico de Lisboa, juntamente com os pais, o que aconteceu no final do 2º período.



3º Momento – Reunião de pais

Tempo: 2.30h

Em reunião com os pais, que contou com a participação da representante do CAE do Algarve, foram apresentados os objectivos e as dimensões do Projecto de Educação Intercultural do Secretariado Entreculturas, organismo que apoia o desenvolvimento de actividades e nomeadamente apoiou a projectada visita de estudo ao Jardim Zoológico de Lisboa que tinha sido sugerida pelos próprios encarregados de educação na reunião anterior.

A professora da turma debateu com os pais os objectivos da visita, realçando o interesse da sua participação activa na observação dos animais e fazendo referência ao facto de algumas crianças irem, pela primeira vez, ver animais característicos da terra dos seus pais e/ou avós. Isto constituiria um importante contributo para a valorização e conhecimento das origens geográficas e culturais das famílias envolvidas.

Foi apreciado o projecto da visita de estudo ao Jardim Zoológico, construído conjuntamente pela professora e pelos alunos.

Tal apreciação permitiu:

- esclarecer objectivos e metodologias;
- apresentar a ficha de registo de informação;
- sensibilizar para a sua intervenção ao nível do acompanhamento de pequenos grupos de alunos, orientação da observação e colaboração no registo das observações;
- solicitar colaboração no registo em vídeo e fotografia, de toda a visita de estudo (trabalho conjunto professora/pais);
- comunicar que toda a informação recolhida seria importante para posterior desenvolvimento de trabalho e aprendizagem.

Feito o levantamento do número de familiares que estariam disponíveis para integrar a visita ao Jardim Zoológico, verificou-se que, em média, cada um teria que se responsabilizar pelo acompanhamento de uma outra criança para além da sua.

4º Momento – Trabalho em sala de aula

Actividades desenvolvidas:

- debate para organização da visita de estudo
- construção de cartões de identificação

Tempo: 2.30 h

Neste momento fez-se o levantamento de hipóteses para a concretização da visita de estudo. Em diálogo, os alunos tiveram oportunidade de expressar as suas opiniões, de acordo com a sua motivação sobre o tema em estudo, tendo tido uma participação activa na definição de regras de conduta e na organização de tarefas a realizar durante a visita.

Os alunos, em conjunto com a professora, decidiram organizar-se em pequenos grupos (2 elementos) para realizar a observação, acompanhados dos pais e/ou familiares.

Elaboraram também cartões de identificação (alunos, pais e professora) (Anexo IV).



5º Momento – Trabalho de cooperação de professores

Em cooperação com a professora Brígida Eusébio, cuja turma de 1º ano também participou na visita de estudo, foi elaborada uma Ficha de Registo de Observação de características morfológicas, alimentação e habitat dos animais a observar.

6º Momento – Trabalho em sala de aula

Actividades desenvolvidas:

– Treino da ficha de registo de observação

Tempo: 45 min.

Foi treinado na sala de aula o preenchimento da ficha de registo de observação, aplicando-a à exploração de um animal próximo da realidade dos alunos e escolhido por eles – o gato – com o objectivo de, mais facilmente, serem identificados os conteúdos a observar e o modo de proceder ao seu registo, no Jardim Zoológico.

7º Momento – Realização da visita de estudo

Tempo: 1 dia

No início da viagem de estudo, os grupos de trabalho organizaram-se com os pais, no sentido dos mesmos se responsabilizarem, acompanharem e colaborarem em todas as tarefas propostas – acompanhamento nas refeições, visita à exposição “Os Gigantes do Passado”, orientação na observação dos animais e preenchimento da Ficha de Registo de Observação (Anexos V e VI).

Já no Jardim Zoológico, foi muito gratificante observar o convívio inter-pares estabelecido – pais, filhos e colegas dos filhos.

Os pais acompanharam o seu grupo de trabalho, ajudando os alunos a uma observação mais cuidada, estando atentos às situações, dando resposta às questões e interesses dos alunos e detectando pormenores que chamavam a sua atenção e contribuiam para o alargamento dos seus conhecimentos. De facto, as informações recolhidas alargaram e completaram os conteúdos da ficha de observação proposta, pois foram feitas anotações que iam para além dos ítems previamente definidos, como outros hábitos alimentares dos animais, tempo de gestação, hibernação, etc.

Cada grupo de trabalho organizou-se livremente segundo os seus interesses e o tipo de observações a efectuar. A professora deslocou-se por entre os grupos, respondendo às solicitações e acompanhando as dificuldades pontuais que surgiram.

A preparação prévia e cuidada do trabalho a desenvolver durante a visita, tanto em sala de aula com os alunos como na reunião de pais, propiciou uma grande responsabilização e adequação das respostas às tarefas designadas e uma grande autonomia nos grupos de trabalho. O interesse manifestado por todos, a motivação e o bom relacionamento no processo de preparação desta visita de estudo proporcionaram uma forte interacção e enriquecimento mútuo na adesão às propostas de trabalho.



8º Momento – Trabalho na sala de aula

Actividades desenvolvidas:

- debate sobre as observações feitas
- síntese:
 - elaboração de diagramas em colectivo, no quadro
 - registo individual em ficha
 - feitura de cartazes

Tempo: 3 h

No dia seguinte à visita de estudo, deu-se início ao trabalho de exploração e sistematização das observações e registos feitos.

O trabalho em sala de aula desenvolveu-se, neste dia, através da exploração oral, pondo em comum alegrias e impressões de um dia de aulas diferente, constituído por motivos e desafios fora do seu círculo de vivências.

Partiu-se de seguida para o debate e síntese das observações efectuadas e construíram-se dois esquemas de associação de ideias “No Jardim Vimos”: um com conteúdos ligados à observação global (Anexo VII) e o outro sobre os diferentes tipos de animais observados pela turma (Anexo VIII). Estes esquemas foram primeiramente construídos conjuntamente em grande grupo, no quadro, seguindo-se o registo e sistematização de conhecimentos em ficha individual e cartazes (Anexo IX).

Actividades desenvolvidas:

- jogo de adivinhas
- pesquisa em livros
- desenho da viagem

Tempo: 2 h

As fichas de registo de observação preenchidas durante a visita de estudo foram postas em comum, através de um jogo de adivinhar: a turma questionou cada colega sobre as características do animal, obtendo para cada hipótese colocada a resposta “Sim” ou “Não” –, de modo a conseguir adivinhar de que animal se tratava.

O entusiasmo dos alunos pelo tema em estudo levou-os a pesquisar em livros que tinham em casa.

Dois alunos trouxeram livros para a escola e partilharam a sua observação com os colegas. Os próprios alunos organizaram-se em dois grupos para ver os livros, descobrir e comentar os animais que já haviam encontrado no Jardim Zoológico.

Na área de expressão plástica, os alunos desenharam os aspectos que mais os sensibilizaram durante o percurso da viagem.

Actividades desenvolvidas:

- Ficha de sistematização interdisciplinar (associação de texto e desenho)
- jogos interactivos: puzzles e lotos

Tempo: 2 h

Os conteúdos trabalhados foram sistematizados no quadro, no “cadernão”, numa ficha de sistematização (Anexos X) e ainda através de jogos interactivos – puzzles e lotos (Anexos XI e XII) construídos com materiais recolhidos pelos alunos: pacotes de açúcar com imagens de animais



selvagens. Foram organizados vários lotos de associação imagem/palavra, forma lúdica de sistematizar o nome dos animais observados e ainda de proporcionar um ambiente onde se estabelecesse um relacionamento mais próximo e de preparação para o trabalho de cooperação entre as crianças.

Actividades desenvolvidas:

- jogo de associação animal/terra de origem
- debate de sensibilização à multiculturalidade

Tempo: 1.30 h

Foi elaborado um mapa-mundo, de visualização simples, no qual estavam assinalados, com diferentes cores, os 5 Continentes. Este mapa constituiu outro jogo, de associação animal/origem geográfica, no qual os alunos colocavam um animal no seu continente de origem. Este jogo teve por base os dados recolhidos e registados na ficha de observação, na qual os alunos tinham copiado, da placa de identificação dos animais no Jardim Zoológico, o continente de origem desses animais.

Esta actividade lúdica possibilitou às crianças a percepção visual dos continentes de origem dos animais observados e também proporcionou um debate para descoberta e comparação entre o continente europeu onde as crianças nasceram e os continentes de origem dos seus familiares.

Deste modo sensibilizaram-se os alunos para a diversidade de lugares, de habitat, de modos de viver, de culturas, enfim, riquezas existentes no mundo, propiciadoras da construção de conhecimento e de desenvolvimento pessoal.

9º Momento – Última reunião de pais

Tempo: 2.30 h

Realizada a visita de estudo e feita a sua exploração (através de debate, organização dos registos de observação, elaboração de cartazes, puzzles, jogos interactivos) e avaliação na sala de aula (através de um processo formativo de identificação, comparação, análise e síntese do objecto em estudo “Os Animais”), os pais, na última reunião de pais do ano lectivo, tiveram oportunidade de ver o vídeo e as fotografias de todo o trabalho e ainda trocar ideias sobre esta metodologia activa e os contributos da mesma para o progresso escolar e educativo dos seus filhos.

Preencheram um inquérito, como balanço da visita de estudo (Anexo XIII), cujo objectivo era recolher opiniões sobre o desenvolvimento do trabalho aos seguintes níveis:

- desenvolvimento da actividade (conteúdos, documentação entregue, interesse suscitado e consecução dos objectivos);
- condições de trabalho no decurso da actividade (número de participantes, relacionamento entre orientadores, encarregados de educação e auxiliares de acção educativa);
- opiniões sobre a participação dos pais em actividades escolares;
- observações/sugestões (aspectos positivos e negativos).

A análise dos dados deste inquérito revelou que todo o processo foi do agrado dos pais, que as condições de trabalho proporcionaram um bom clima afectivo-relacional entre todos e que a sua participação em actividades como esta “é muito importante para o desenvolvimento da criança e



para o bom relacionamento(...)". Sugerem “colaborar sempre que for preciso com a professora e com a escola”.

A análise e tratamento dos dados desta “Ficha de Avaliação da Actividade” (Anexo XIV) permitiu-nos constatar que os encarregados de educação apreciaram o seu envolvimento e participação na actividade e que se disponibilizavam para continuar esta linha de colaboração em outras actividades.

6.

Partilhar uma Reflexão...

Factos sociais e culturais relevantes, desemprego, movimentos migratórios, focos de miséria, tensões de natureza variada são sinais que aparecem por todo o lado e suscitam medos de perda de identidade e precariedade de valores.

Estes sinais mostram-nos que é urgente educar para valores humanistas e integradores de todos os indivíduos na sociedade, independentemente da sua cultura, etnia, classe social ou económica, numa perspectiva holística de acolhimento que garanta a igualdade de oportunidades.

Esta inquietação faz-nos, por um lado, repensar todo o sistema educativo como microcosmos da sociedade, que espelha os movimentos e características da mesma, e, por outro lado, reflectir sobre as atitudes perante o ensino e tentar mudar as práticas pedagógicas no sentido de integrar no processo educativo a diferença como factor gerador de aprendizagens construtivas, de desenvolvimento pessoal, numa perspectiva de dignificação do indivíduo.

Constatamos a necessidade de olhar de outro modo o nosso comportamento em sociedade e o nosso posicionamento como educadores e profissionais.

Conscientes e sensibilizadas para esta necessidade urgente de integrar novas abordagens e interessadas no desafio de renovar a prática pedagógica, procurámos conciliar a nova perspectiva do ensino das ciências, com a valorização do trabalho interdisciplinar e a cultura da solidariedade, do respeito pelo outro e pela sua identidade, num diálogo permanente e revelador do saber, do saber-estar e saber-ser de cada um.

Este trabalho sobre “Os Animais” foi fundamentado na psicologia cognitiva interaccionista e nas perspectivas educativas da pedagogia intercultural, tendo proporcionado a cada aluno a aquisição de informação diversificada sobre animais do Jardim Zoológico e a experiência do trabalho cooperativo, em entreajuda e respeito pelo outro.

O uso de metodologias activas de experimentação propicia às crianças uma atitude científica inerente ao processo de ensino-aprendizagem e a optimização da competência em estabelecer interacções com o outro (o que permite a melhoria das relações entre colegas).

Como refere Ausubel (1980) “à medida que o novo material é assimilado pela estrutura cognitiva relaciona-se e interage com o conteúdo relevante já estabelecido. A aquisição de novos significados é um produto dessa interacção”.

As crianças tiveram a oportunidade de comparar, decidir, criticar, manipular, organizar, esquematizar, cooperar e brincar, desenvolver espírito de análise e adquirir experiências de pensamento que contribuem para o seu desenvolvimento cognitivo, psico-motor, afectivo tão necessário para a sua integração na sociedade, no respeito pelos seus semelhantes e pela natureza.



É pela descoberta concreta, real e material que a criança adquire um conhecimento experencial próprio determinante do seu nível de desenvolvimento cognitivo e pode valorizar e repartir o seu saber e experiências anteriores, o êxito e o reconhecimento por parte de todos, o que favorece a motivação para a aprendizagem.

“O espírito científico é uma atitude cultural, que vai bem mais longe do campo das ciências físicas e matemáticas e abraça não só todo o complexo dos conhecimentos racionais, mas até mesmo a própria vida experencial. É um nível de consciência mais alto do que o senso comum. O conhecimento científico inicia-se logo no 1º dia de escola.” (Bruno Ciari)

A ligação entre a escola e a família foi seguramente uma estratégia educativa que assumiu particular relevância no processo de ensino/aprendizagem destes alunos.

São vários os autores que referem que, quando as famílias participam no acto educativo, as crianças melhoram o aproveitamento escolar e que, para além dos progressos das crianças a nível de desenvolvimento cognitivo, esse envolvimento melhora também a auto-imagem e a relação pais-filhos.

O trabalho descrito, realizado a partir da utilização de metodologias activas, poderá ser um contributo para atingir objectivos de natureza tão ampla quanto aqueles que são enunciados pela Lei de Bases do sistema educativo.

Conscientes de que estas actividades, alicerçadas numa perspectiva multicultural, são promotoras de aprendizagens significativas, activas e socializadoras, propomo-nos continuá-las, ao longo dos 4 anos de escolaridade, por forma a irmos ao encontro das grandes finalidades educativas que estabelecemos para este ciclo de estudos, nomeadamente:

1. Sensibilizar para valores e atitudes que promovem a valorização e o intercâmbio de culturas.
2. Promover a inserção social e cultural dos alunos.
3. Fomentar valores universais de cooperação e respeito mútuo.
4. Promover o sucesso escolar e educativo dos alunos.
5. Criar atitudes de respeito pela vida e pela natureza.
6. Criar hábitos de participação e cooperação dos encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos.



Índice de Anexos

Anexo I: Plano de Actividades	69
Anexo II: Ficha de Registo do Conceito de Animal Doméstico e Selvagem	72
Anexo III: Trecho do Livro “Anita no Jardim Zoológico”	73
Anexo IV: Cartão de Identificação	74
Anexo V: Ficha de Registo de Observação	75
Anexo VI: Fotografia de Registo de Observação	76
Anexo VII: Síntese de Observação Geral	77
Anexo VIII: Síntese de Observação de Animais	78
Anexo IX: Fotografia de Cartaz	79
Anexo X: Ficha de Registo da Sistematização da Observação	80
Anexo XI: Puzzles	81
Anexo XII: Loto	83
Anexo XIII: Ficha de Avaliação da Actividade	85
Anexo XIV: Tratamento dos Dados da Ficha de Avaliação	87

TEMA INTEGRADOR: OS ANIMAIS E O SEU HABITAT

Educação Intercultural: Relatos de Experiências

Anexo I
Plano de Actividades

Decurso do trabalho	Área	Blotto	Temas / Conteúdos	Objectivos Específicos	Actividades / Estratégias	Recursos	Avaliação de tipo formativo
2º Período	Estudo do Meio	A descoberta de si mesmo	● Gostos e preferências dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecer gostos e preferências dos alunos ● Selecionar brincadeiras, música, frutos, cores, animais, ... 	1- Diálogos em pequeno e grande grupo 2- Débates sobre gravuras, livros, notícias	<ul style="list-style-type: none"> ● Livros ● Gravuras ● Hora das notícias ● Recortes ● Revistas ● Jornais 	<ul style="list-style-type: none"> ● Registos orais ● Registos escritos ● Cartazes ● Ficha
	Língua Portuguesa	Comunicação oral	● Gostos e preferências dos alunos	<ul style="list-style-type: none"> ● Expressar por iniciativa própria ● Relatar acontecimentos do seu quotidiano ● Descrever situações vivenciadas no meio familiar ● Produzir registos escritos através de relatos orais 			



TEMA INTEGRADOR: OS ANIMAIS E O SEU HABITAT

Decurso do trabalho	Área	Bloco	Temas / Conteúdos	Objectivos Específicos	Actividades / Estratégias	Recursos	Avaliação de tipo formativo
3º Período	Estudo do Meio Natural	À descoberta do Ambiente Natural	● Os Seres Vivos – Os animais	<ul style="list-style-type: none">Identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo; Conceito de animal domésticoIdentificar alguns animais mais comuns existentes em ambientes mais afastados; Conceito de animal selvagemReconhecer os diferentes ambientes onde vivem os animais	<p>Levantamento do nome dos animais que os alunos conhecem</p> <p>Organização de listas de animais conhecidos, segundo o seu habitat</p> <p>Realização de fichas para sistematização dos conceitos: Doméstico e Selvagem</p> <p>Hora do conto: "Anita no Jardim Zoológico"</p> <p>Exploração oral da história</p>	<ul style="list-style-type: none">● Livros● Livros de histórias de animais● Gravuras● Ficha	<ul style="list-style-type: none">● Registos orais● Registos escritos● Preenchimento de fichas
	Língua Portuguesa	Comunicação oral	● Histórias de animais	<ul style="list-style-type: none">Contar históriasApresentar e emitir opiniões sobre históriasIntervir oralmente tendo em conta a adequação progressiva às situações de comunicação		<ul style="list-style-type: none">● Livro de histórias● Gravuras	

TEMA INTEGRADOR: OS ANIMAIS E O SEU HABITAT

Educação Intercultural: Relatos de Experiências

Decurso do trabalho	Área	Bloco	Temas / Conteúdos	Objectivos Específicos	Actividades / Estratégias	Recursos	Avaliação de tipo formativo
3º Período	Língua Portuguesa oral	Comunicação oral	Exploração da visita de estudo	<ul style="list-style-type: none"> ● Relatar acontecimentos sobre a visita ● Descrever situações vividas na visita ● Comunicar oralmente descobertas feitas ● Apresentar e emitir opiniões sobre a visita de estudo ● Produzir registos escritos das várias etapas da visita 	<p>Pôr em comum os registos de observação feitos no Jardim Zoológico</p> <p>Realização de debates sobre os registos efectuados</p> <p>Produção de textos individuais e colectivos</p> <p>Realização de diagramas</p> <p>Realização de cartazes</p> <p>Organização de fotografias</p> <p>● Promover espaços de interacção lúdica</p> <p>● Organizar puzzles a partir de gravuras / imagens</p> <p>Realizar jogos de correspondência imagem / palavra (lotó)</p> <p>Relacionar origens de animais e pessoas</p>	<p>Ficha de registo de observação</p> <p>● Registo oral de opiniões</p> <p>● Fotografias</p> <p>● Cassete de vídeo</p> <p>● Fichas</p> <p>● Registos escritos no quadro e no cadernão</p> <p>Ficha</p>	<p>● Fichas de observação</p> <p>● Fichas</p> <p>● Fichas de observação</p>



Anexo II

Ficha de Registo do Conceito de Animal Doméstico e Selvagem

ESTUDO DO MEIO

NOME: _____

DATA: _____

Os animais que conhecemos:	Que vivem perto do Homem. Não lhe fazem mal. E são úteis:	São Animais _____	Que vivem em liberdade na selva ou no Jardim Zoológico (em cativeiro):	São Animais _____
----------------------------	--	-------------------	--	-------------------



*Anexo III
“Anita no Jardim Zoológico”*

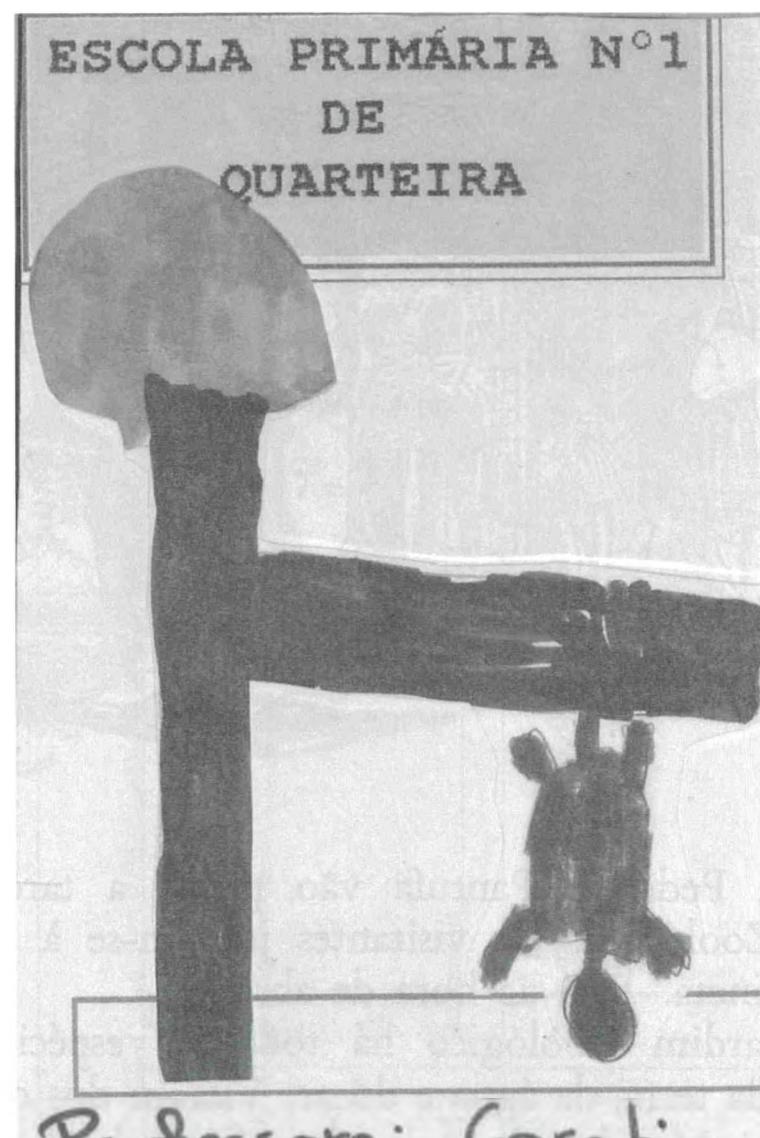


Anita, Pedro e Pantufa vão passar a tarde ao Jardim Zoológico. Os visitantes juntam-se à porta. Toca a sineta. Está na hora de abrir.

No Jardim Zoológico há todas as espécies de animais da terra, da água e do ar. Vieram dos quatro cantos do Mundo: da Ásia, da África, da América e da Oceânia.



Anexo IV
Cartão de Identificação





Anexo V
Ficha de Registo de Observação

Quantas tem?

2 4

Tem ?

Sim Não

Tem ?

Sim Não

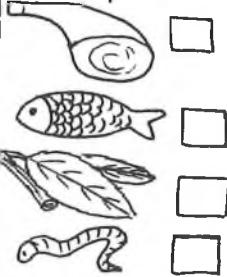
Tem ?

Sim Não

Têm o corpo coberto de

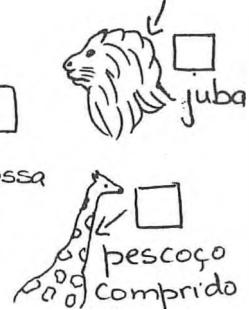
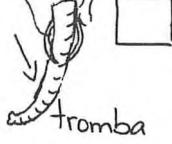
penas pêlos
escamas
ou pele nua

O que come?



Onde vive?
na terra
na água
no ar (voa)

Também tem?



Desenho:

Em que partes do Mundo vive?

Nota: Ficha elaborada pela Professora Brígida, turma 1º Ano, sala conjunta
E.B.1 Quarteira nº 1



Anexo VI
Fotografia de Registo de Observação



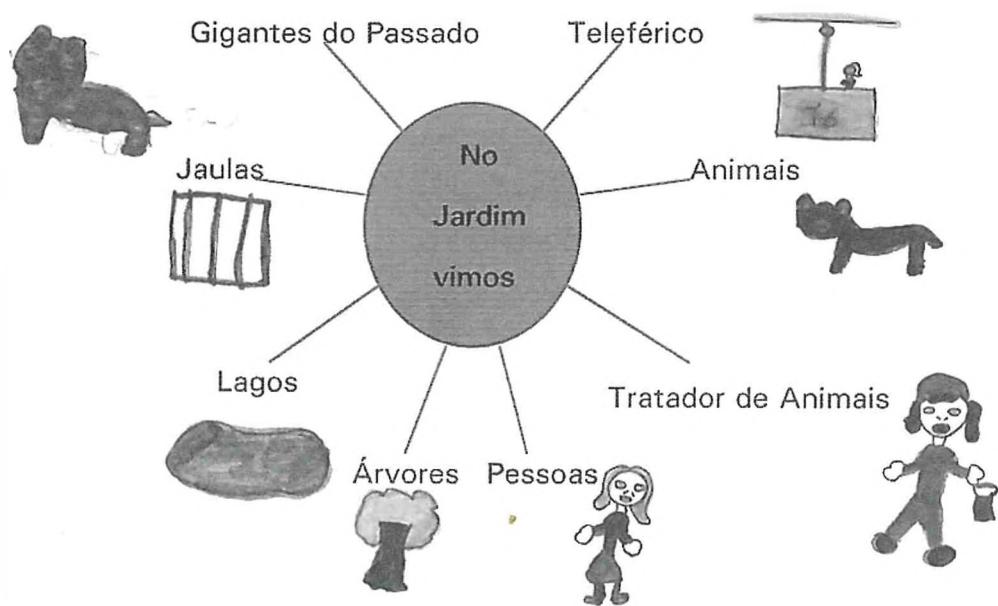


Anexo VII
Síntese de Observação Geral

Estudo do Meio

Nome Índia Lourenço

Data 96.05.02

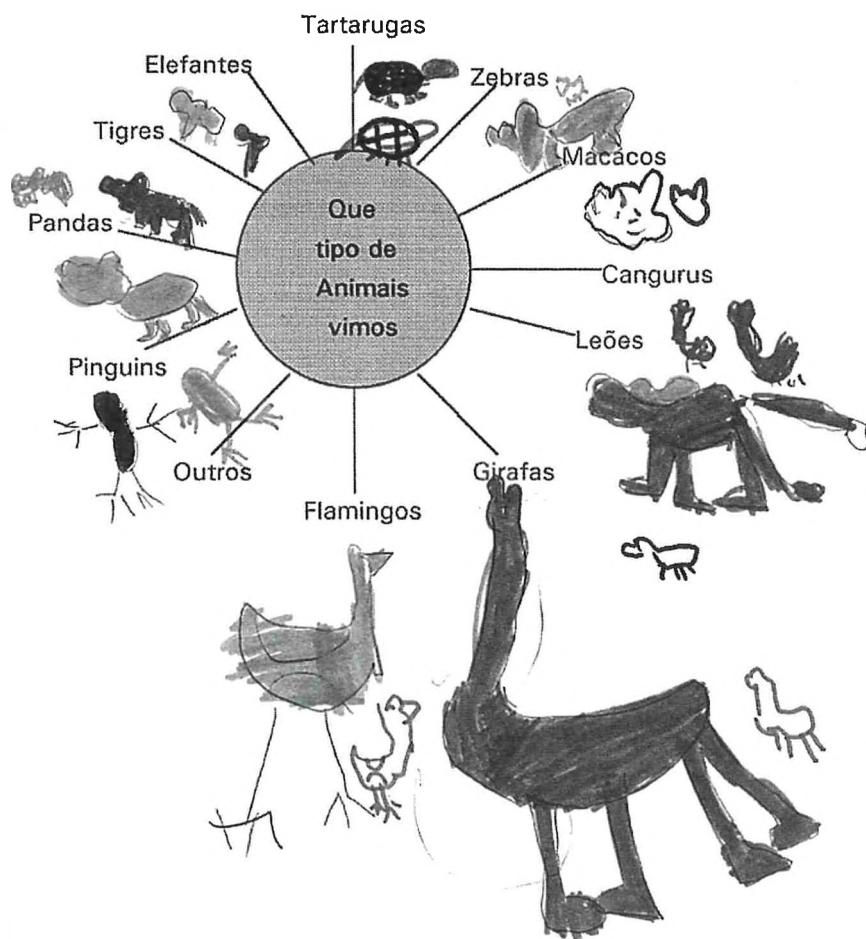




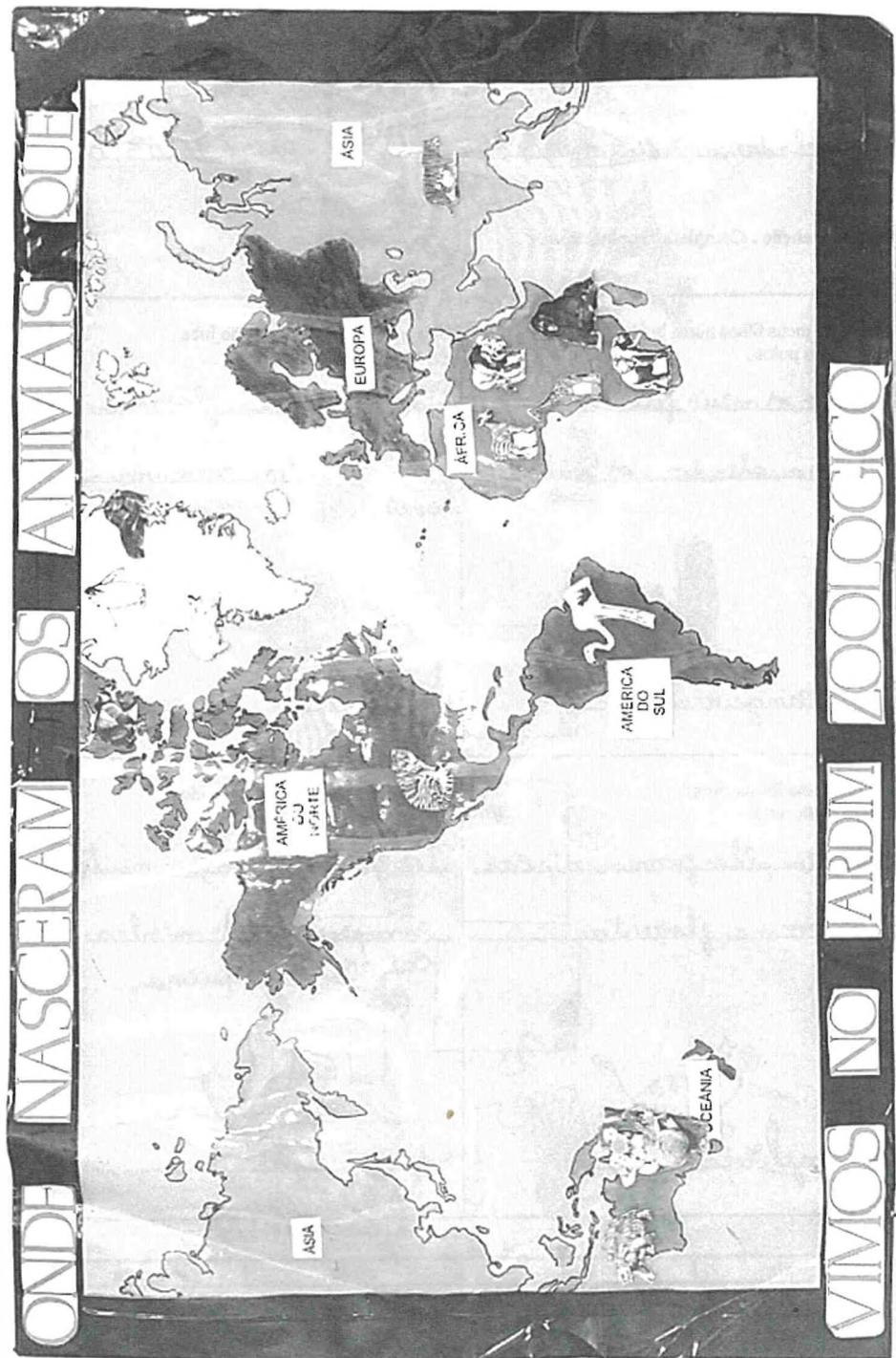
Anexo VIII
Síntese de Observação de Animais

ESTUDO DO MEIO

NOME Jamile Amorim DATA: 06.03



Anexo IX
Fotografia de Cartaz



z
Anexo X
Ficha de Registo da Sistematização da Observação

FICHA DE ESTUDO DO MEIO

Anexo X

NOME: claudreia, Tafis, ymon, Lantos

DATA: 96.05.07

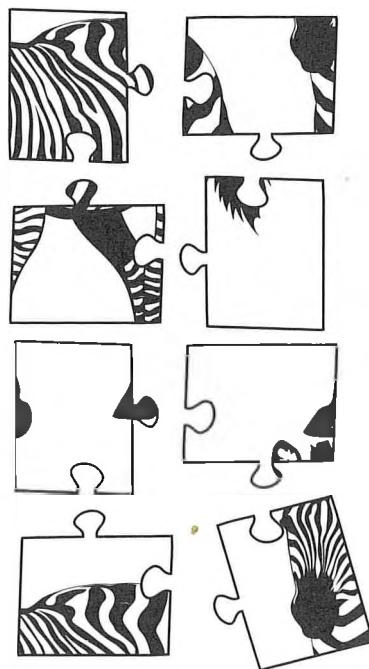
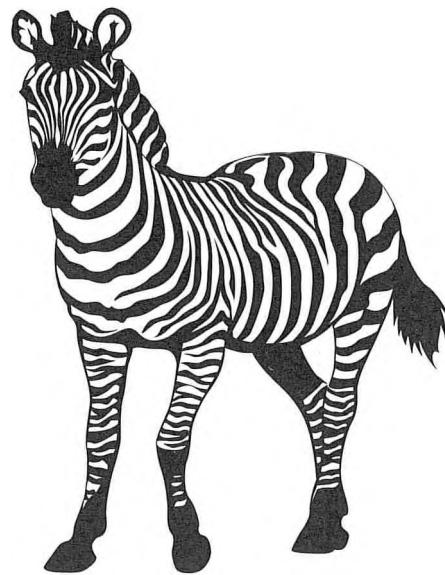
Lê com atenção . Completa , copia e ilustra .

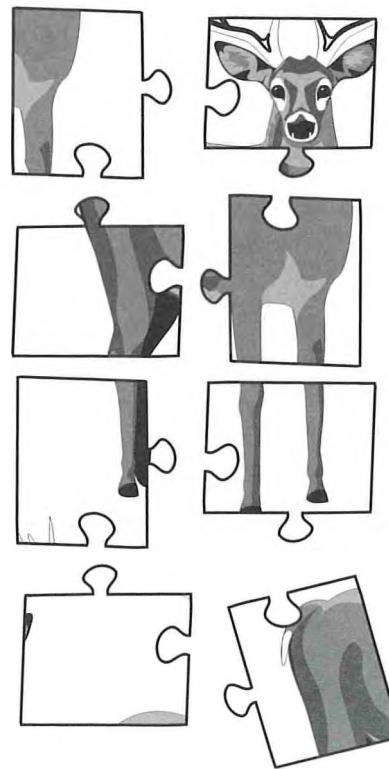
<p>Levo os meus filhos numa bolsa . Ando aos pulos .</p> <p><i>Levo os meus filhos numa bolsa. Ando aos pulos.</i></p>  <p>Sou o <u>canguru</u>.</p>	<p>Sou o rei da floresta . Tenho juba . Ao ver-me, todos têm medo .</p> <p><i>Sou o rei da floresta. Tenho juba. Ao ver-me, todos têm medo.</i></p>  <p>Sou o <u>leão</u>.</p>
<p>O meu pelo forma riscas . Vivo na floresta .</p> <p><i>O meu pelo forma riscas. Vivo na floresta.</i></p>  <p>Sou o <u>zebra</u>.</p>	<p>Tenho o pescoço muito comprido . A minha cabeça é pequena .</p> <p><i>Tenho o pescoço muito comprido. A minha cabeça é pequena.</i></p>  <p>Sou o <u>girafa</u>.</p>

<u>girafa</u>	<u>leão</u>	<u>zebra</u>	<u>canguru</u>
---------------	-------------	--------------	----------------



*Anexo XI
Puzzles*



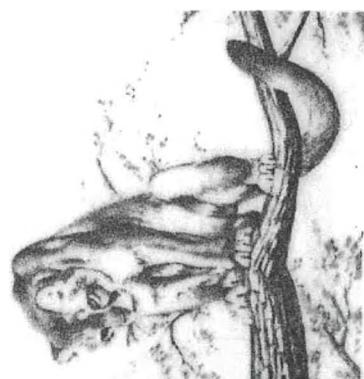




Anexo XII
Loto

		Tigre	Zebra
			Girafa

		Veadinho	Lobo
			Puma



PROJECTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Local : Escola Básica do 1º Ciclo nº 1 de Quarteira
Reunião de País

Data: ____ / ____ / ____

FICHA DE AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE

“Visita de Estudo ao Jardim Zoológico”

Assinale com [X] a sua opinião

1. Desenvolvimento da Actividade

1. 1. Conteúdos

Considera-os :

- insuficientes
 em excesso
 deseados

1. 2. Documentação entregue - Ficha de registo de observação para os alunos Considera-a:

- pouco útil
 útil
 muito útil

1. 3. Interesse

Classifique, numa escala de 1 a 5, o interesse suscitado por esta actividade:

- Junto dos alunos
 1 2 3 4 5

- Junto dos pais

- 1 2 3 4 5

1. 3. 1. Considera a recolha de imagens em vídeo e fotografia, para os alunos trabalharem a informação posteriormente:

- Muito importante
 Importante
 Sem importância

1. 4. Consecução dos objectivos

Classifique, numa escala de 1 a 5 consecução dos objectivos definidos para a actividade

- 1 2 3 4 5



2. Condições de trabalho no decorso da actividade

2. 1. Participantas (alunos/pais)/Orientadores (Professores)/Aux. Accção Educ.

2. 1. 1. Número de participantes
- reduzido conveniente elevado

2. 1. 2. Número de Orientadores

2. 1. 3. Número de Aux. Accção Educ.
- reduzido conveniente elevado

2. 1. 4. Relacionamento entre Orientadores/Participantas/Aux. Accção Educ.

- mau aceitável bom

3. Considera que a sua participação em actividades escolares do seu educando:

- Poderá levá-lo a uma maior dedicação às actividades escolares
- Será pouco importante porque a professora é que deve orientar as actividades escolares
- Não terá influência nenhuma no desenvolvimento do meu educando

4. Observações/Sugestões

4. 1. Qual o aspecto que mais lhe agradou na realização desta actividade?

4. 2. Qual o aspecto que menos lhe agradou na realização desta actividade?

4. 3. Outros assuntos que queira referir.

5. Avalie globalmente a ação, numa escala ascendente de 1 a 5.

- 1 2 3 4 5 6

ANÁLISE DA AVALIAÇÃO DA ACTIVIDADE
“Visita de Estudo ao Jardim Zoológico”
na Reunião de Pais

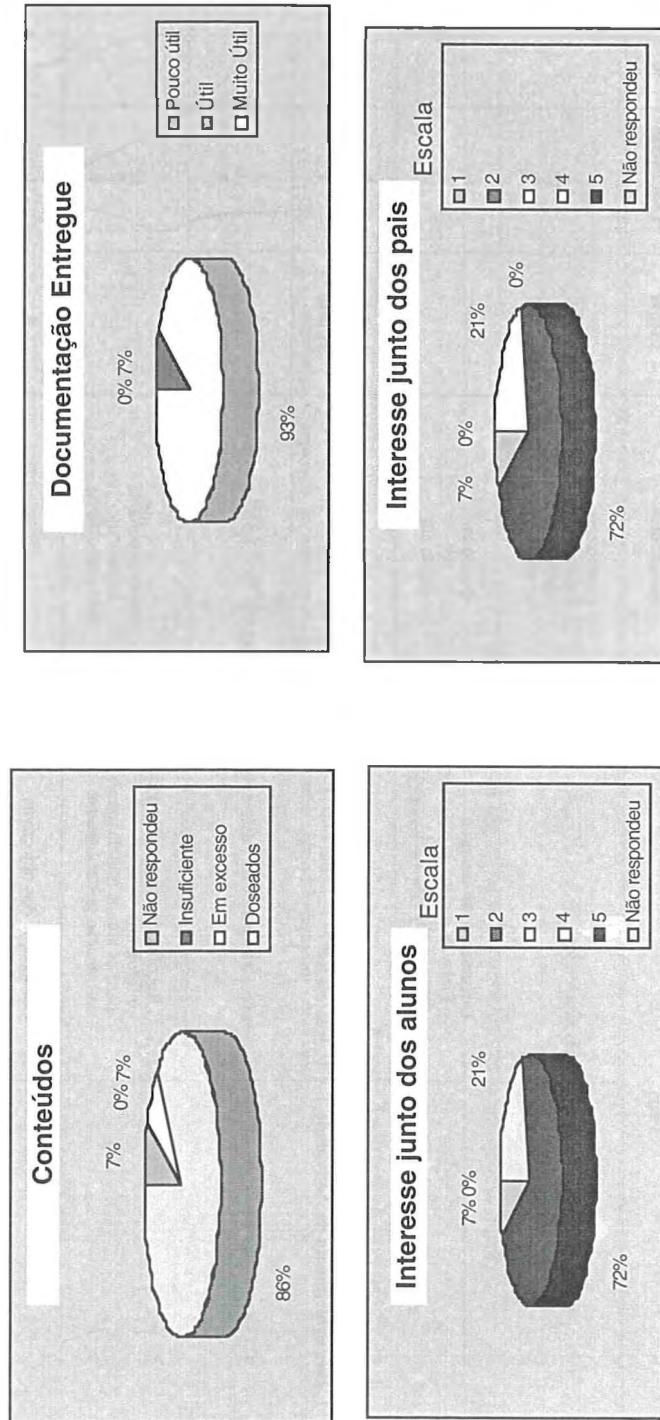
Data: 26 / 06 / 96

1. Dados da análise

Itens	Indicadores	Escala	Frequências	%
1. 1. Conteúdos	insuficiente em excesso deseados não respondeu		0 1 13 1	
1. 2. Documentação entregue – Ficha de registo de observação para os alunos	ponco útil útil muito útil		0 1 13	
1. 3. Interesse	Junto dos alunos	4 5 N/resp	3 10 1	
1. Desenvolvimento da Actividade	Junto dos pais	3 5 N/resp	3 10 1	
1. 3. 1. Recolha de imagens em vídeo e fotografia para os alunos trabalharem a informação posteriormente	Muito importante Importante Sem importância		12 2 0	
1. 4. Consecução dos objectivos		4 5 N/resp	6 7 1	

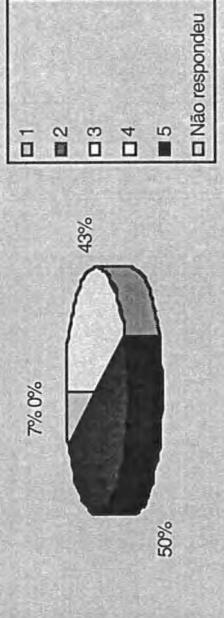


1. 1. Análise percentual

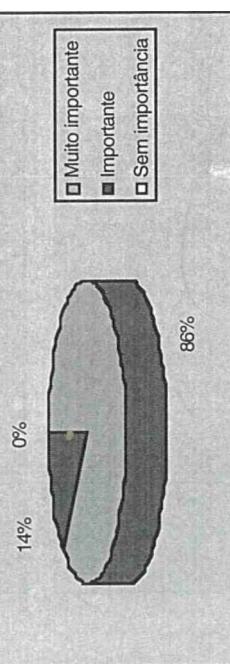




Consecução dos objectivos



Recolha de imagens: Vídeo e Fotografia

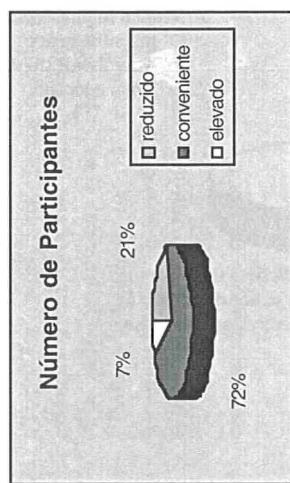
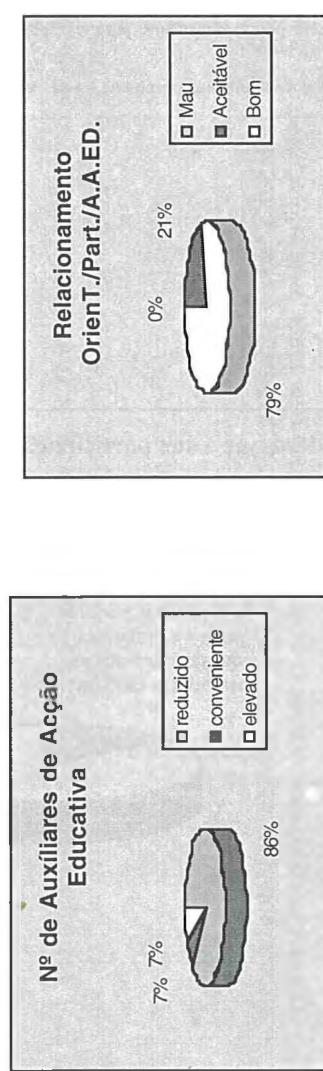
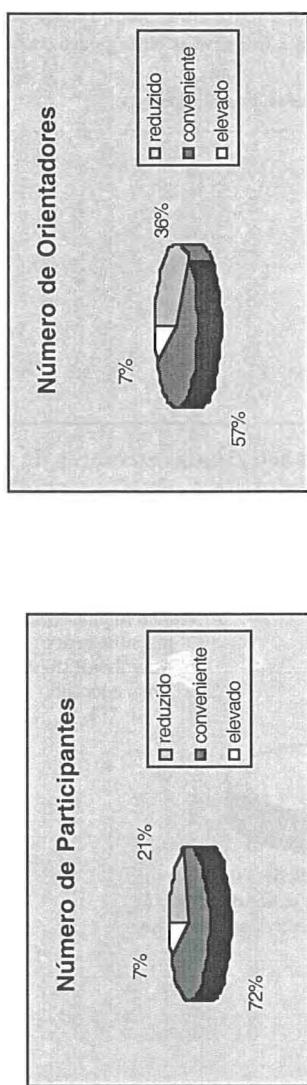


2. Condições de trabalho no decurso da actividade

Itens	Indicadores	Escala	Frequência	%
2. 1. 1. Número de participantes	reduzido conveniente elevado		3 10 1	
2. 1. 2. Número de Orientadores	reduzido conveniente elevado		5 8 1	
2. 1. 3. Número de Aux. Accção Ed.	reduzido conveniente elevado		12 1 1	
Relacionamento entre todos	Mau Aceitável Bom		0 3 11	

ANÁLISE PERCENTUAL

2. Condições de trabalho no decurso da actividade quanto a:

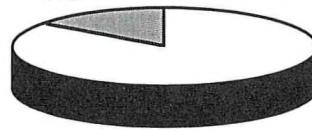




Itens	Frequência	%
Considera que a sua participação em actividades escolares do seu educando:	12	
Poderá levá-lo a uma maior dedicação às actividades escolares	2	
Será pouco importante porque a professora é que deve orientar as actividades escolares	0	
Não terá influência nenhuma no desenvolvimento do meu educando		

Considera que a sua participação em actividades escolares do seu educando:

Será pouco importante porque a professora é que deve orientar as actividades escolares
14%



Não terá influência nenhuma no desenvolvimento do meu educando
0%

Poderá levá-lo a uma maior dedicação às actividades escolares
86%

4. Observações / Sugestões

Aspectos que mais agradaram na realização destas actividades

A “alegria com que as crianças ficaram ao saber da visita” ao Jardim Zoológico e “a ida à capital”. “Tudo foi importante desde o convívio entre alunos, pais e a outra turma, bem como a atenção e fascínio que as crianças tiveram desde que entraram no autocarro, a visita aos animais e tudo o que conseguiram captar”. “Foi tudo muito bem elaborado”, “foi excelente”, “com todos os aspectos interessantes”. “Toda a actividade foi do agrado”, “com muito interesse para as crianças pois ganharam muitos conhecimentos”, que os levaram “à descoberta de animais pouco comuns no seu contacto e descoberta do seu país de origem”, o relacionamento no mundo animal, “tipo de animal, “habitat” e localização (continente)”. “A realização” destas actividades “é muito importante para o desenvolvimento da criança e para o bom relacionamento com as crianças de várias culturas” e pela “participação dos encarregados de educação”.

Aspectos que menos agradaram na realização desta actividades

“A abordagem sobre o comportamento a ter para com os diversos animais bem como referências quanto à sua extinção” não ser “de um modo mais directo (...) a maneira como eles vão desaparecer e ficar apenas como recordação no futuro”.

Outros assuntos que queira referir

“Espero colaborar sempre que seja preciso com a professora e com a escola”; “gostaria de participar em todos os projectos programados, porque é bastante interessante para todos incluindo os pais”. “(...) a realização de viagens mais curtas a outros sítios onde também existem animais. Alguns mais comuns, outros não” e “(...) mais actividades e visitas de estudo com o mesmo fim”. “No próximo ano lectivo focar a educação ambiental”. “É sempre bom serem criadas visitas de estudo que cativem as crianças em tantos aspectos, como aconteceu nesta visita ao Zoo”.



CAPÍTULO II

Relatos dos 2º e 3º Ciclos

EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA INTERCULTURAL

Um grupo de professores da Escola Preparatória de Nun'Álvares relata o seu percurso rumo à aprendizagem cooperativa e à articulação disciplinar. As estratégias e actividades vão sendo concebidas numa perspectiva cada vez mais interdisciplinar, o que implica uma criteriosa selecção e produção de materiais. O currículo contempla a diversidade cultural, torna-se lúdico, formativo e integrador. A Língua Portuguesa articula-se com a História e alia-se à Matemática.

*António Costa
Lina Guerra
Marciana Parreirinha
Paula Coito*

Equipa “Entreculturas” da
Escola Preparatória de Nun'Álvares



Índice

1. História do Desenvolvimento do Projecto de Educação Intercultural	99
2. Práticas Pedagógicas na Sala de Aula	101
2.1. Trabalho em Língua Portuguesa 94/95	101
2.2. Trabalho em História e Geografia de Portugal 94/95	103
2.3. Balanço do Trabalho Realizado	105
2.4. Trabalho em Língua Portuguesa 95/96	105
2.5. Trabalho Interdisciplinar: Língua Portuguesa e Matemática 95/96	106
2.5.1. Passagem de Mensagens de Linguagem Verbal para Linguagem Matemática e Vice-versa	106
2.5.2. O Capuchinho Vermelho	108
3. Anexos	111



1.

História do Desenvolvimento do Projecto de Educação Intercultural

O Despacho 170/ME/93 cria o Projecto de Educação Intercultural que se desenvolve em escolas do Ensino Básico situadas em zonas de residência de populações de minorias étnicas e elevada percentagem de insucesso escolar.

Os objectivos gerais deste Projecto contemplam:

- relação Escola/Família/Comunidade local;
- valorização dos saberes e culturas das populações;
- promoção da igualdade no acesso e usufruto dos benefícios da Educação, Cultura e Ciência.

A Escola Preparatória de Nun'Álvares integra este projecto. Está localizada na freguesia da Arrentela, no concelho do Seixal. É constituída por 5 pavilhões de madeira (tipologia pré-fabricado ligeiro), independentes, com 10 salas de aula, 2 laboratórios para Ciências da Natureza, 3 salas para Educação Visual e Tecnológica, sala de alunos, refeitório e ginásio. É ainda característica da Escola existirem espaços exteriores exígues.

Tem mantido uma população escolar constante, cerca de 560 alunos, distribuídos por 24 turmas, 12 do 5º ano e 12 do 6º ano.

O corpo docente é constituído por 10 grupos disciplinares, num total de aproximadamente 52 professores apresentando, em média, cerca de 40% de mobilidade anual e tendo os mesmos, por isso, poucos laços com o meio. Para tal também contribui o facto de uma parte significativa dos professores ter residência fora do concelho.

A escola tem em funcionamento um Serviço de Psicologia e Orientação assegurado pela presença semanal de uma psicóloga, uma técnica de assistência social e uma técnica do ensino especial.

Quanto aos Auxiliares de Ação Educativa fazem parte do quadro de vínculo distrital 13 elementos, aos quais acrescem 5 com contrato a termo certo. Este número, dadas as características da escola, é considerado insuficiente.

Os alunos e as famílias desta escola são caracterizados por uma enorme diversidade étnica, linguística e cultural e, quase todos, residem na Arrentela e na Torre da Marinha.

Alguns dos alunos são filhos de operários e um conjunto significativo filhos de funcionários do sector terciário. Actualmente verifica-se a existência de um largo número de famílias com o pai e/ou a mãe no desemprego ou emprego precário. É de realçar que em muitos casos a mãe é doméstica.

O insucesso escolar traduz-se numa taxa de retenção de 15%. Verifica-se grande absentismo (são muitas as faltas sem justificação dadas pelos alunos) e abandono da escola. No passado ano lectivo



não se matricularam pela primeira vez, no 5º ano, 25 alunos oriundos do 1º ciclo – cerca de 10% – e, de 76 alunos retidos nos 5º e 6º anos, não se matricularam 40 – 53% aproximadamente. Segundo informação da Escola Secundária José Afonso, onde a maior parte dos alunos desta escola frequenta o 3º ciclo, cerca de 60% destes não chegam a completar este ciclo obrigatório de estudos. Os alunos estão, na sua maioria, pouco motivados para as actividades de aprendizagem. É grande o número de alunos com necessidades educativas especiais.

No biénio 93/95, com vista à implementação do Projecto de Educação Intercultural nesta escola, procedemos, através de questionários, ao diagnóstico da realidade escolar, tendo sido identificados quatro grandes problemas:

- a) baixas expectativas face à escola/tendência para um padrão de desistência;
- b) ligação escola/comunidade: necessidade de activar mecanismos de envolvimento;
- c) situações significativas de agressividade/violência;
- d) baixo nível de participação nos contextos de aprendizagem: fraca coesão e participação na vida da escola.

Tendo como metodologia de trabalho a reflexão/ação, o nosso plano de intervenção considerou prioritários os problemas a) e c), por afectarem directamente os alunos e por estarem mais dependentes da dinâmica interna da escola.

Assim, partindo da grande finalidade estabelecida para o Projecto, “Conviver em harmonia num clima de tolerância”, e trabalhando em parceria com o Projecto Educativo da Escola, pretendemos intervir no espaço escolar, procurando torná-lo mais rico e capaz de cativar os alunos para a ocupação dos seus tempos livres na escola com a criação de um clima mais acolhedor.

Nesta linha, criámos o Clube Entreculturas, espaço aberto ao conhecimento e valorização de culturas diferentes; neste Clube, os alunos desenvolviam actividades de pesquisa em grupo ou realizavam diversos jogos de convívio. Com a colaboração de dois animadores culturais, procurámos dinamizar a Sala do Aluno e organizámos actividades de animação como, por exemplo, sessões de Contos Populares e um Programa de Férias.

Conscientes de que os pais e encarregados de educação são uma componente vital do processo educativo, planificámos os “Espaços de Diálogo” – sessões de reflexão sobre problemas do quotidiano educativo como, por exemplo, a relação pais/filhos ou a prevenção de comportamentos desviantes. Desenvolvemos ainda projectos em colaboração com a autarquia e escolas locais como, por exemplo, o intercâmbio cultural com uma escola de Cabo Verde ou a participação em actividades de animação de rua, através da mostra de jogos e brinquedos tradicionais produzidos pelos alunos.

Foi também nossa preocupação actuar ao nível da formação de professores e funcionários. Para tal promovemos uma acção de formação subordinada ao tema “Relações Interpessoais”.

Quanto ao trabalho lectivo, na sala de aula, começámos a investir na produção de materiais pedagógicos que fossem motivantes e significativos para os alunos. É esta área de trabalho que mais adiante passaremos a desenvolver.

Em 1995/96 a reformulação do nosso Projecto organizou-se em função da avaliação do primeiro biénio. Reformulámos algumas das actividades anteriormente iniciadas como o Clube Entreculturas, propondo-nos conferir-lhe uma vertente mais lúdica que passasse pela construção de jogos e brinquedos. Estes, posteriormente, seriam utilizados no intercâmbio com Cabo Verde, que desenvolvemos em colaboração com a Câmara Municipal.



Com as escolas do 1º ciclo, Arrentela nº 1 e nº 2, continuámos o trabalho realizado nos encontros “Espaços de Diálogo”.

As actividades desenvolvidas no âmbito do Clube Entrejogos e Culturas (antigo Clube Entreculturas) e as de animação, nomeadamente as sessões de Contos Populares, levaram-nos a valorizar a vertente lúdica e as vantagens de a contemplar, ao nível das estratégias, no tratamento dos conteúdos programáticos disciplinares.

Também as experiências entretanto desenvolvidas, ao nível da sala de aula, tinham-nos tornado mais clara a necessidade de investir em estratégias de trabalho e na produção de materiais que tornassem a aprendizagem mais significativa para os alunos.

2.

Práticas Pedagógicas na Sala de Aula

Concebemos a sala de aula como um espaço plural, dinâmico e interactivo.

A presença de alunos de origens geográficas e referentes culturais diversos, com práticas e registos sociais diferentes da cultura padrão, abre perspectivas à permuta, transformando a qualidade da comunicação e das interacções.

O ambiente da sala de aula pode enriquecer-se se o ensino – aprendizagem se diversificar e der relevo às culturas em presença.

Foi esta perspectiva que enformou o trabalho desenvolvido em Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal.

2.1. Trabalho em Língua Portuguesa 94/95

Os Contos Tradicionais

Numa tentativa de levar os alunos a reconhecerem a língua portuguesa como um património partilhado por outros povos e outros continentes e, ao mesmo tempo, contactarem com vivências diferentes, privilegiámos, do conjunto de leituras obrigatórias recomendadas pelo Programa, contos tradicionais oriundos de diferentes países lusófonos. O nosso objectivo era ir ao encontro da realidade multicultural da escola. De facto, o programa de Língua Portuguesa do 2º Ciclo tem por objectivo:

“Contactar com textos de temas variados da literatura nacional e universal” (p. 21);
e no capítulo “Orientações Metodológicas”:

“Propõe-se, para leitura orientada, narrativas completas (...) contemplando (...) a literatura em Língua Portuguesa (...) e outros textos de matéria tradicional” (p. 26).

Do conjunto de textos sugeridos pelo programa de Língua Portuguesa, seleccionámos a fábula “O coelho e o elefante” (5º. ano) e “A serpente de Olumo” (6º. ano).

Estes contos tradicionais são ricos pela tipologia de personagens que apresentam. Permitem ainda compreender alguns referentes culturais e possibilitam uma abordagem às diferentes realidades actuais africanas, prestando-se à desmontagem de estereótipos que tendem a classificá-las como primitivas e arcaicas na globalidade do continente.



A exploração dos contos iniciou-se com a produção de guiões de leitura orientada. Estes incluem uma ficha de trabalho para o aluno e uma folha de orientação para o professor.

A fábula “O Coelho e o Elefante” (Anexo 1) tem origem em Moçambique. Adequa-se facilmente ao trabalho de identificação de atitudes, à simulação de comportamentos e ao “aferir” de uma moralidade. Esta narrativa aponta para duas filosofias de vida praticamente antagónicas. Permite reconhecer, no confronto entre dois animais, por exemplo, o peso da astúcia perante a força física ou a importância da personalidade versus o aspecto físico. A audição da história sem o conhecimento do seu desfecho e o pedido de réplicas, isto é, o pedido aos alunos para que imaginem possíveis continuações para o enredo, perspectiva a sua opção perante um comportamento e/ou filosofia de vida através dos destinos que sugerem para certa personagem.

Um trabalho de descoberta colectiva foi estabelecer a correspondência com “personagens padrão” das fábulas europeias, por exemplo, comparar o coelho com a raposa.

“A Serpente de Olumo” (Anexo 2) apresenta um dilema que ajuda à reflexão sobre a problemática da dimensão humana: o fazer escolhas, as atitudes face ao amor, a busca da felicidade, lidar com a morte ou com o futuro, são algumas das reflexões equacionadas neste conto recolhido na Nigéria. Por ser um dilema, facilitou o escutar e partilhar pontos de vista e sentimentos, o manifestar criticamente opiniões, o reflectir sobre a conduta individual e a atitude face aos outros. Neste processo, o professor não é chamado a emitir opiniões ou juízos de valor mas antes a questionar “as razões” dos alunos, os seus porquês.

O aluno começa por se identificar com certa personagem, argumenta em sua defesa e, depois de ter “vestido a sua pele”, é levado a assumir a sua própria identidade e a defendê-la.

O debate aberto e a postura de observador do professor faz perceber aos alunos que se reconhece tanta importância aos conhecimentos como às atitudes e valores, ou melhor, à capacidade de reflectir sobre elas.

Neste contexto, uma proposta de trabalho que veio possibilitar a participação da escola-família no processo educativo foi a recolha, em casa, de outros pontos de vista e argumentos que, na aula seguinte, eram apresentados à turma, dando continuidade à reflexão iniciada.

Quer no 5º, quer no 6º ano de escolaridade, o desenvolvimento desta actividade fez-se em trabalho de pares e/ou grupos (com 4/5 alunos). Os grupos eram formados de acordo com as preferências individuais de cada um. Surgiram, assim, quase sempre, grupos homogéneos: em função do sexo, do perfil de conduta ou do desempenho académico.

Era nosso objectivo promover a entreajuda e a colaboração em cada grupo de trabalho. Ao mesmo tempo, através do guião de leitura orientada, era estimulada a autonomia do grupo na aquisição dos conteúdos principais do texto narrativo.

Estas propostas de trabalho foram apresentadas em reunião de Conselho de Disciplina de Língua Portuguesa. Explicámos que a nossa intenção era estudar outros textos e realidades culturais para além dos contos tradicionais portugueses ou de autores contemporâneos habitualmente trabalhados. Paralelamente, foi também nosso objectivo envolver os outros professores da disciplina, partilhando com eles materiais, pedindo-lhes sugestões, procurando que também as suas turmas participassem neste trabalho. A maioria dos colegas aderiu a este projecto.

Saliente-se que a concretização destas actividades foi enriquecida com a realização de Sessões de Contos Populares Lusófonos, dinamizadas pelos Contadores do projecto “Cada um conta o que sabe...”. Estes encontros faziam parte do nosso plano de actividades de animação da escola e a oportunidade de conciliar a audição e leitura de contos, veio criar o gosto por estas narrativas. Veja-se a avaliação feita pelos alunos (Anexo 3).



Todas as turmas da escola, organizadas em diferentes grupos, tiveram oportunidade de escutar diversos contos na biblioteca. Posteriormente, na sala de aula, fez-se o reconto oral, simularam-se alguns momentos do conto estudado ou, através da dramatização, “vestiu-se a pele da personagem” e identificaram-se as suas emoções.

Este trabalho com Contos Africanos, desenvolvido na Língua Portuguesa com a maioria das turmas de 5º e 6º ano, foi complementado com as actividades levadas a cabo na disciplina de História e Geografia de Portugal.

2.2. Trabalho em História e Geografia de Portugal 94/95

Ficha de Trabalho: “Grande Forum Intercontinental” – Encontro dos Mundos no Século XVI

Nesta disciplina, o estudo do conteúdo “Os territórios na África, Ásia e América no século XVI” foi alvo de uma adaptação metodológica. Começámos por aferir conjuntamente a estratégia e procedimentos de trabalho a desenvolver nos grupos disciplinares de História e Geografia e Língua Portuguesa. Assim, no mesmo espaço temporal, enquanto em Língua Portuguesa os alunos estudavam os contos africanos, em História e Geografia tomavam contacto com as realidades socio-culturais da época naqueles continentes.

Para o desenvolvimento desta tarefa, produzimos uma Ficha de Trabalho que englobava um questionário, informações relativas aos continentes Africano, Asiático e Americano e, ainda, uma folha de orientação para o professor (Anexo 4). Estes instrumentos de trabalho foram disponibilizados ao grupo disciplinar.

Esta actividade tinha como objectivos principais levar os alunos a descobrirem como os povos se entre cruzaram e souberam, ou não, beneficiar desses encontros e a interpretarem o acontecimento histórico aproximando-se do seu contexto, de modo a que aprendessem a interpretá-lo à luz dos factos que o explicam e não apenas de certo ponto de vista, geralmente o eurocêntrico.

A criação de Embaixadas e de uma Mesa de Controlo, reunidas num grande Forum Intercontinental, foram o cenário para o desenvolvimento desta actividade.

O método de trabalho foi semelhante ao seguido relativamente aos guiões de leitura em Língua Portuguesa.

A turma é dividida em 4 ou 5 grupos de trabalho. Cada grupo representa a Embaixada de um continente: África, Ásia ou América; em turmas maiores e para evitar grupos muito numerosos, há a divisão do continente Asiático em “Ásia-Índia” e “Ásia-Extremo Oriente”. Há ainda um outro grupo denominado Mesa de Controlo que coadjuva o trabalho dos grupos. Esta mesa substitui, de certo modo, o papel do professor, já que dispõe de toda a informação a que as Embaixadas têm acesso.

Após esta organização da turma, é distribuída a cada grupo uma ficha informativa com dados relativos ao seu continente. Por meio desta ficha é possível conhecer cada continente nos seus aspectos essenciais: características físicas, fauna e flora, modos de vida, organização sócio-económica, trocas culturais resultantes dos contactos com os portugueses, influências sentidas após a colonização.

Numa primeira fase de trabalho, procede-se à recolha de informação que pode ser completada com pesquisas efectuadas por iniciativa do grupo de trabalho/Embaixada. Cada elemento do grupo



procurará “especializar-se” num determinado aspecto relativo ao seu continente sem, contudo, deixar de o conhecer de um modo geral a fim de estar bem documentado.

Numa segunda fase, as Embaixadas reúnem-se num Grande Forum Intercontinental. Cada comitiva de Embaixadores, através do seu Embaixador-Mor (porta-voz do grupo), fará um conjunto de perguntas a cada um dos outros continentes. A partir das respostas proferidas, a assembleia de embaixadores tomará conhecimento da geografia, sociedade, economia e cultura dos outros continentes representados no Forum.

A Mesa de Controlo, grupo de trabalho que tem a informação relativa a todos os continentes, faz a aferição das respostas, podendo corrigi-las ou completá-las.

O facto de os alunos se imaginarem num “espaço diferente” e de assumirem a postura de Embaixadores, fez com que se responsabilizassem perante o grupo e estreitassem os laços de coesão e interajuda. Verificámos também que o índice de motivação e de empenho no êxito da actividade, dentro de cada grupo e no colectivo da turma, crescia satisfatoriamente.

Ao mesmo tempo que se rentabilizava a estratégia do trabalho de grupo, assumia-se o princípio da colaboração, já que cada elemento era responsável pelo domínio de uma área específica da sua Embaixada.

Depois da experiência vivida, já era possível falar sobre o valor do trabalho em equipa.

Numa fase posterior ao Forum e, em actividade complementar, depois de se conhecer a realidade económica, social e política de cada continente, de se tomar conhecimento dos seus hábitos, tradições e modos de vida (ainda que em traços largos), simulavam-se as trocas comerciais que então caracterizavam o mundo do século XVI. Com pequenos cartões representativos dos produtos que cada continente tinha para trocar, não foi difícil entender a lógica de funcionamento da economia mundial de então nem a vulnerabilidade do exuberante império português. A História era então interpretada também pelo ponto de vista dos Outros. Ao mesmo tempo que se assimilavam conceitos abstractos operatórios da disciplina como, por exemplo, Política de Transporte, Mercado, Câmbio..., enriquecia-se o sistema relacional da turma em contexto de aula.

Composição de Grupos de Trabalho

A reflexão feita sobre a actividade desenvolvida e, particularmente, a forma de organização dos grupos de trabalho na turma, levou-nos a ponderar outras estratégias para a sua composição.

Pretendíamos criar grupos heterogéneos relativamente ao desempenho académico, sexo, competências sociais, estatuto social e origem étnica. A estratégia adoptada usou quatro a cinco cartões de cores diferentes para constituir quatro ou cinco grupos de trabalho, por analogia de cor.

No início da aula foram distribuídos os cartões de várias cores, de acordo com a composição de grupos planeada pelo professor, pensando os alunos que tudo se passava de forma aleatória. Desta forma, ultrapassavam-se algumas das barreiras iniciais: mesmo que não gostassem dos seus pares não tinham como “esquivar-se”, pois o factor coincidência/acaso funcionava para todos. Misturavam-se rapazes e raparigas, ritmos diferentes e níveis de desempenho também diversos, evitando grandes discrepâncias entre grupos. Os mais argutos, reparavam que aquele “factor” tinha algo de mágico e inexplicável.



2.3. Balanço do Trabalho Realizado

As actividades desenvolvidas nas disciplinas de Língua Portuguesa e de História e Geografia de Portugal introduziram algumas práticas metodológicas que foram alvo de uma reflexão cuidada pelo nosso grupo de trabalho.

De facto, parece-nos que a dinâmica de trabalho em grupo deve estabelecer alguns princípios relativamente à constituição dos grupos de alunos e às etapas da actividade.

Partilhamos a opinião de que a composição dos grupos de trabalho seguindo as preferências dos alunos concorre, em muitos casos, para o reforço do sucesso individual e competitivo, acentua a manutenção dos níveis de desempenho académico e circunscreve as relações interpessoais. Torna-se necessário que os alunos criem um ambiente de colaboração e entreajuda ao nível do grupo e da turma, sendo prioritário incutir-lhes o princípio do respeito pelo Outro e pelas suas diferentes capacidades, aceitando a sua individualidade e reconhecendo-o como participante activo numa proposta de trabalho comum.

De facto, a nova estratégia introduzida para a constituição dos grupos veio promover a coesão e entreajuda entre as equipas, tendo como referentes o princípio de trabalho colaborativo e a responsabilização de cada um.

Sem abandonar a perspectiva globalizante de educação multicultural e, após a reflexão sobre as acções desenvolvidas, acordámos que havia que continuar a apostar na criação de um ambiente relacional de respeito e igualdade; no desenvolvimento de atitudes e competências com vista ao sucesso de todos e na construção do conhecimento em situações significativas, desenvolvendo para isso actividades em que os alunos fossem levados a reconhecer que, para as levarem a bom termo, é preciso comunicar, saber ouvir, argumentar, expor os seus pontos fortes e fracos, partilhar opiniões e chegar a consensos.

Quanto ao papel do professor, constatámos que, promovendo o trabalho de equipa, as relações entre alunos e aluno(s)/professor tendiam a tornar-se mais horizontais e geradoras de empatia.

Também verificámos que os alunos eram mais facilmente motivados para a aprendizagem, quando nos materiais e procedimentos era inserida uma dimensão lúdica.

Foi por isso que decidimos investir na produção de materiais pedagógicos facilitadores da aquisição e conceptualização de alguns conteúdos programáticos, particularmente daqueles que, pela sua natureza, são propícios à promoção de valores e competências e à reflexão crítica.

2.4. Trabalho em Língua Portuguesa 95/96

No caso específico da Língua Portuguesa, e de acordo com as reflexões anteriormente apresentadas, propusémo-nos desenvolver actividades susceptíveis de fomentar o desenvolvimento sócio-moral dos alunos. Neste âmbito se inserem as fichas de trabalho de grupo “Racismozinho Português” e “Scarmentado” de Voltaire (Anexo 5) que são propostas de reflexão sobre situações problema do nosso quotidiano, em que se pretende que os alunos ponderem preconceitos e pontos de vista distorcidos relativamente a questões relacionadas com os direitos humanos e, por isso, pertinentes para a sua formação pessoal e social.

Por outro lado, mesmo quando se tratava de conteúdos curriculares obrigatórios menos motivantes, como o estudo de “Tipos e Formas de Frase”, procurámos sempre abordagens centradas



em actividades que fomentassem o espírito de entreajuda e colaboração. Neste caso concreto, a turma foi dividida em 5 grupos de 4 alunos, tendo-lhes sido explicados os objectivos da actividade. A sua concretização passava pelo faseamento de tarefas a realizar por cada um dos dois pares dentro do grupo.

Inicialmente, cada grupo recebeu uma cartolina, dividida em 4 partes, figurando em cada uma delas, como cabeçalho, a denominação dos respectivos tipos de frase – “Declarativa”, “Interrogativa”, “Imperativa” e “Exclamativa” – e tiras de cartolina com frases que deveriam ser identificadas e classificadas (Anexo 6).

Cada um dos pares leu rotativamente ao outro par do grupo as frases que lhe couberam, com a entoação que julgou adequada. Este classificou-as, justificando a sua opção, e colocando as tiras na base de cartolina, nos espaços correspondentes aos diferentes tipos de frase. A verificação desta tarefa foi feita por outro grupo que para o efeito recebeu uma grelha de correcção.

Numa fase seguinte, foi feita a classificação das frases quanto à forma – Afirmativa/Negativa – de acordo com o mesmo procedimento.

Constatámos que esta metodologia permitiu aos alunos apropriarem-se de conceitos abstractos, a partir de situações concretas vividas em interacção com outros elementos do grupo, ou seja, os alunos manusearam as tiras, procuraram a entoação adequada e, progressivamente, foram diagnosticando dificuldades e foram-nas superando com a colaboração do par e do grupo.

2.5. Trabalho Interdisciplinar: Língua Portuguesa e Matemática 95/96

2.5.1. Passagem de Mensagens de Linguagem Verbal para Linguagem Matemática e Vice-versa

Este trabalho foi desenvolvido numa turma de 5º ano de escolaridade, composta por 19 alunos, com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos, estando 2 deles a repetir o ano.

À data em que eram exploradas algumas técnicas de aperfeiçoamento de texto em Língua Portuguesa, em Matemática, disciplina que se confronta com o preconceito de difícil e complicada, iniciava-se o estudo das expressões numéricas. E a professora constatava dificuldades de interpretação de enunciados de problemas, o que impedia os alunos de os passarem para linguagem matemática. A operação inversa (passagem da linguagem matemática a linguagem verbal) também se mostrava difícil. Uma questão se colocou: se os alunos mostravam competências ao nível da utilização da linguagem verbal, na aula de Língua Portuguesa, por que razão, em Matemática, achavam difícil a interpretação da linguagem simbólica simples aplicada a um problema concreto?

As professoras de Língua Portuguesa e de Matemática decidiram cooperar e desenvolver um trabalho conjunto, articulando conteúdos e metodologias. Tendo em conta os objectivos “interpretar expressões numéricas”; “produzir enunciados de problemas” e “aplicar técnicas de enriquecimento de texto”, propuseram-se desenvolver actividades que levassem os alunos a adequar a linguagem verbal à linguagem matemática e vice-versa. No decorrer dessas actividades, os alunos iriam exercitar competências como distinguir elementos essenciais de elementos acessórios e aplicar técnicas de enriquecimento de texto.

O trabalho foi desenvolvido do seguinte modo:



1^a aula: Língua Portuguesa

- Constituição dos grupos de trabalho através do sistema de cartões de cor anteriormente referido. Grupos de 4 alunos que se subdividem em pares e que se irão manter, quer nas aulas de Português, quer nas de Matemática.
- Explicação aos alunos dos objectivos da actividade: interpretar expressões numéricas; produzir enunciados de problemas; adequar a linguagem verbal à linguagem matemática e vice-versa.
- Distribuição a cada par de uma ficha com expressões numéricas que tinham sido elaboradas pela professora de Matemática. Cada ficha continha duas expressões numéricas, envolvendo a adição e a subtração e uma delas o uso de parênteses (Anexo 7).
- Cada par escolhe uma das expressões numéricas e transcreve-a para linguagem verbal, elaborando um enunciado para a mesma.

2^a aula: Matemática

- Os pares de cada grupo trocam os enunciados. Cada par transcreve o enunciado que recebeu do outro par do seu grupo, para linguagem matemática.
- A verificação desta tarefa é feita pelo par autor do enunciado.

3^a aula: Língua Portuguesa

- Em grupo, cada par faz o enriquecimento dos enunciados produzidos através da inclusão de dados acessórios, isto é, criando um texto em que seja apresentada uma situação concreta que traduza a aplicação dos dados matemáticos. Ao descrever essa situação, o par terá que fazer uso de adjectivação, enumeração e pontuação adequada. Cada par cria assim novos enunciados, mais complexos que os anteriores, dados os elementos de enriquecimento de texto utilizados, mas que poderão dificultar a sua interpretação em linguagem matemática – tarefa que caberá ao outro par do grupo na próxima aula de Matemática (Anexo 8).
- Segue-se, trocando os pares entre si os enunciados produzidos, a verificação da correcção ortográfica e da pontuação dos textos. Em caso de dúvida, são ajudados pela professora.

4^a aula: Matemática

- Redistribuição das fichas com os novos enunciados dos problemas pelos grupos (2 por grupo, 1 por par).
- Dentro de cada grupo, cada par escreve em linguagem matemática o novo enunciado que recebeu.
- Em grupo, é feita a verificação da correspondência estabelecida entre a linguagem verbal e matemática, expressando-se cada par sobre o trabalho do outro.

5^a aula: Matemática

- Cada grupo apresenta a sua ficha de trabalho, lendo em voz alta o enunciado e escrevendo no quadro as expressões numéricas correspondentes, por si elaboradas.



- O grupo autor do enunciado identifica-se e faz a sua verificação, dizendo se a expressão numérica produzida corresponde ou não ao enunciado por si elaborado.

Foram os alunos que estabeleceram a continuidade do trabalho nas duas disciplinas, dando a conhecer à respectiva professora a fase da tarefa em que se encontravam.

Os conceitos foram assimilados com a ajuda dos colegas. Partilharam-se conhecimentos, capacidades e dificuldades num contexto em que não havia lugar para o sucesso ou fracasso individuais, dado que a tarefa era colocada ao grupo. Pensámos ser importante dar continuidade a este tipo de metodologia centrada na interdisciplinaridade e na dinâmica grupal.

2.5.2. *O Capuchinho Vermelho*

O mesmo princípio de trabalho colaborativo orientou o cruzamento de conteúdos nas duas disciplinas. Em Português, havia que estudar particularidades do texto narrativo (reconto escrito e diálogo). Em Matemática havia que calcular perímetros, praticando medições com régua. As professoras decidiram partir do estudo da história do Capuchinho Vermelho, planificaram actividades e construiram materiais: um conjunto de 7 figuras simbólicas recortadas em cartolina e fichas de trabalho para sistematização de cada cena da história, divididas em 3 partes: à esquerda, um espaço para a descrição escrita da cena; a meio, um espaço para a descrição/representação da cena através da utilização de figuras geométricas, cujos lados serão posteriormente medidos com régua, a fim de permitir o cálculo do perímetro das figuras que representam a cena; à direita, um espaço para efectuar os cálculos da soma dos lados das figuras escolhidas para representar a cena que irão dar o referido perímetro (Anexo 9).

O trabalho desenvolveu-se do seguinte modo:

1^a aula: Língua Portuguesa

- Como sensibilização, procede-se à leitura de algumas versões da história “O Capuchinho Vermelho”. A professora diz aos alunos que, em casa, todos devem pedir a um familiar que lhes conte a história, para que confrontem essa versão com a dos textos lidos na aula.

2^a aula: Língua Portuguesa

Relato das várias versões recolhidas em casa e identificação/sistematização das semelhanças. Identificação das personagens principais e dos momentos-chave da acção. Construção de uma versão da turma, sendo realçadas as cenas principais que são registadas no quadro.

3^a aula: Matemática

Fornece-se aos grupos o conjunto das figuras geométricas que permitem a representação das seis cenas da história, explicando-se a simbologia de cada uma delas.

Servindo-se dessas figuras, nos grupos, cada par constrói a composição de figuras que representa



cada uma das 6 cenas da história, alternando com o outro par a quem cabe a tarefa de fazer o controlo dessa composição de figuras, avaliando a sua adequação à cena.

Assim, o par A traça a linha do perímetro da cena que compôs e passa o seu trabalho ao par B. Este, que fez a mesma tarefa relativamente a outra cena, vai medir, conferir e registar os valores encontrados pelo par A, ao mesmo tempo que este faz o mesmo relativamente ao par B.

Esta metodologia segue para cada uma das 3 cenas de que cada par se ocupa, quer nesta fase quer na fase seguinte, que consiste em conferir as medições e fazer o cálculo do perímetro total da cena.

4^a, 5^a e 6^a aulas: Língua Portuguesa

Concluídas as operações matemáticas relativas a cada uma das cenas da história, em Língua Portuguesa os alunos passaram ao reconto escrito das várias cenas, alternando entre os pares de cada grupo a produção de texto e a verificação, em primeiro lugar, da sua adequação à cena representada pela composição geométrica, em segundo lugar da sua correcção linguística.

Dado que cada grupo dispunha das seis cenas que constituíam o conjunto da história, a turma seleccionou a melhor narrativa de cada uma das cenas. Posteriormente, os alunos escreveram-nas em acetato, dando assim forma à versão final da turma. Seguiu-se o reconto oral desta versão.



Índice de Anexos

Anexo I: Fábula “O Coelho e o Elefante”	113
Anexo II: “A Serpente de Olumo”	121
Anexo III: Avaliação das Sessões de Contos Populares Lusófonos	128
Anexo IV: Grande Forum Intercontinental – Encontro dos Mundos no Séc. XVI	129
Anexo V: “Racismozinho Português” e “Scarmentado”	135
Anexo VI: Tipos de Frase	138
Anexo VII: Expressões Numéricas	139
Anexo VIII: Enunciados	140
Anexo IX: “O Capuchinho Vermelho”	141

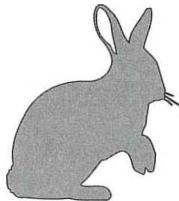


Anexo I

Fábula “O Coelho e o Elefante”

REPÚBLICA
POPULAR DE
MOÇAMBIQUE

Continente: ÁFRICA
Capital: MAPUTO
Superfície: 783 030 km²
População: 9 629 000
Riquezas: agricultura (chá, cana-de-açúcar, algodão, sisal, tabaco)
minerais (carvão, prata).



(Conto tradicional)

Um coelho andava certo dia a passear pela floresta quando encontrou, à sombra de uma árvore, um grande ajuntamento de animais. Curioso, aproximou-se do grupo e perguntou:

– Que se passa, amigos? Há alguma novidade?
– Estamos aqui reunidos para resolver um problema! – respondeu-lhe uma tartaruga, que estava sentada entre um cágado e um macaco.
– E já o resolveram? – quis saber o Coelho.
– Ainda não! – explicou o Cágado. – Aguardamos a chegada do nosso chefe, para depois o resolvermos!
– E quem é o vosso chefe? – tornou o Coelho.
– O nosso chefe é o Elefante! – informou um lagarto que fazia parte do grupo.
– O Elefante?! – espantou-se o Coelho, dando um salto.
– Ele mesmo! – confirmou o Macaco, fazendo com a cabeça um sinal afirmativo.
– Não posso acreditar! É impossível! – quase gritou o Coelho, arrebitando muito as duas orelhas. Ao vê-lo tão agitado, a Tartaruga perguntou:
– Passa-se alguma coisa, Sr. Coelho?
– Passa-se sim, D. Tartaruga! – respondeu o Coelho, muito solene. – Passa-se que o Elefante não pode ser o vosso chefe, porque é o meu criado particular!
– É mentira! É mentira! – exclamaram ao mesmo tempo todos os animais.
– É verdade! O Elefante é o meu criado particular! – teimou o Coelho, arrebitando ainda mais as orelhas compridas.
– O Elefante é um animal sensato, inteligente e o maior da floresta! Não pode ser criado particular de um pequeno coelho como tu! – interrompeu o Gato-Bravo, com ar de poucos amigos.
– Pois fica sabendo que ele até me leva às costas sempre que me apetece dar um passeio mais longo! – replicou o Coelho, cheio de importância.
– Nesse caso, prova o que afirmas! – desafiou o Lagarto.
– Prová-lo-ei mais depressa do que imaginam! – retorquiu o Coelho, afastando-se todo empertigado.
Nessa altura, alguns animais resolveram abandonar a reunião, convencidos de que o Coelho falara verdade.
Pouco depois chegou o Elefante.
– Então, os outros ainda não chegaram? – perguntou ele.
– Pelo contrário! – informou o Macaco. – Já cá estiveram, mas foram-se embora!
– Embora, porquê?! – surpreendeu-se o Elefante.
– Porque o Coelho afirmou que tu não eras o nosso chefe, mas sim o seu criado particular!
– Pois irei buscar o Coelho hoje mesmo, para que desminta aquilo que disse! – exclamou o Elefante, bastante irritado.



O Coelho, porém, esperto como era, assim que pressentiu as passadas do Elefante perto de casa, saiu para a rua, deitou-se sobre uma esteira e começou a gemer como se estivesse muito doente.

Chegado junto dele, o Elefante ordenou, numa voz muito zangada:

– Levanta-te e vem imediatamente comigo! Tens de dizer a todos os animais da floresta que mentiste e que não sou teu criado particular!

– Oh! Querido amigo! Eu estou muito mal! Estou a morrer! – queixou-se o Coelho numa voz sumida e arrastada.

– Lamento muito, mas tens de vir comigo! – teimou o Elefante.

– Não te zangues! Isso foi só uma pequena brincadeira! E eu estou tão mal! – volveu ele cheio de manha.

– Já te disse! Levanta-te e vem comigo! – insistiu o Elefante, cada vez mais zangado.

– Não posso! Não consigo nem pôr-me de pé! Só se tu me levares às costas!

– Seja! Levar-te-ei às costas! – concordou o outro.

– Nesse caso, dá-me a minha camisa nova, que está sobre a cadeira!

O Elefante meteu a tromba pela porta e deu-lhe a camisa.

– Já agora, dá-me também as calças novas e os sapatos novos! Se eu morrer pelo caminho, quero estar vestido com as minhas melhores roupas!

O Elefante assim fez.

Quando já estava calçado e vestido, o Coelho subiu devagarinho para as costas do Elefante. Nessa altura pediu numa voz ainda mais fraca:

– Amigo, dá-me a sombrinha! Está muito sol, e eu posso não aguentar o calor e morrer antes de chegar junto dos outros!

O Elefante pegou na sombrinha com a tromba e entregou-a ao Coelho. Depois disto puseram-se a caminho.

Bem repimpado sobre o dorso do Elefante, o Coelho, mal viu que se aproximavam do grupo dos animais, tomou uma posição importante, espetou o focinho e pôs um ar cheio de satisfação.

Ao vê-lo às costas do Elefante, debaixo da sombrinha e muito bem vestido, os outros bichos, cheios de espanto, puseram-se a cochichar:

– É verdade! É verdade! O Elefante é o criado particular do Coelho!

Assim, mal os dois pararam junto deles, o Coelho saltou ágil para o chão, apontou o Elefante, que, de tão espantado, nem conseguia falar, e disse:

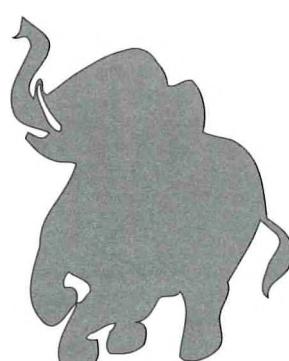
– Aqui está a prova do que afirmei! E agora, acreditam ou não que o Elefante é o meu criado particular?

– Acreditamos! Acreditamos! – gritaram os animais, começando às gargalhadas.

Descobrindo finalmente a maroteira, o Elefante, mais zangado do que nunca, esticou a tromba para agarrar o mentiroso. Mas o Coelho, matreiro como poucos, deu uma corrida tão veloz que o Elefante o perdeu de vista!

Contam os animais da floresta, depois de saberem a verdade, que o Elefante ainda por lá anda, à procura do maroto do Coelho, para lhe pedir contas de tão grande partida!

O Coelho e o Elefante, in *Os mais belos contos de todo o mundo I*, Europa-América





Língua Portuguesa
5º ano

Nome: _____ Nº. _____
Data: _____ Turma: _____

QUESTIONÁRIO

Lê o texto com muita atenção e responde às questões, usando frases completas.

1 – Numera os parágrafos do texto.

2 – Identifica as personagens intervenientes.

3 – Classifica este tipo de narrativa, tendo em atenção a resposta anterior.

4 – « Um coelho andava certo dia a passear (...) » (parágrafo 1)
« (...) o Coelho subiu devagarinho para as costas do Elefante. »
(parágrafo 40)

4.1 – Classifica as palavras seguintes:

	CLASSE	SUBCLASSE
Um		
coelho		
O		
Coelho		



5 – Localiza a acção no espaço. Justifica com palavras tuas.

6 – És capaz de localizar esta história no tempo? Explica porquê.

7 – Nesta fábula predomina o diálogo. Recolhe os verbos introdutores e preenche o quadro, prestando atenção aos exemplos:

7.2 – Diz em que tempo estão todas essas formas verbais.



7.3 – Ordena alfabeticamente os mesmos verbos (no infinitivo).

8 – O narrador é:

participante
não participante

Justifica, transcrevendo uma frase do texto.

9 – Queres ser o Coelho ou o Elefante?

De acordo com a tua escolha, responde à pergunta 9.1 OU 9.2, usando a primeira pessoa gramatical.

9.1 – Coelho: transformação dos parágrafos 1 e 4.

9.2 – Elefante: transformação dos parágrafos 21, 22 e 24.

9.3 – Por que razão escolhestes essa personagem?



10 – Vamos agora caracterizar algumas personagens.
10.1 – Preenche a coluna B:

ADJECTIVOS	ANIMAIS
ingénuo(a)	
matreiro(a)	
ponderado(a)	
protector(a)	
obediente ao chefe	
desafiador(a)	
desonesto(a)	

10.2 – O Gato-Bravo exprimiu-se com «ar de poucos amigos». (parágrafo 16)

Por isso, ele foi

paciente
intransigente

tolerante
pacífico

(Assinala apenas uma hipótese).

11 – Imaginemos que a Fada da Floresta tomou conhecimento desta desavença. Reuniu-se, então, com o Coelho e o Elefante para saber as razões das suas atitudes.

O Coelho

O Elefante



12 – Propõe um título para esta fábula, apresentando as razões da escolha.

13 – Imaginavas que um coelho pudesse ser assim? Porquê?

13.1 – Em algumas fábulas não africanas que já conheciais, qual é o animal que costuma ser matreiro?

13.2 – Indica algumas fábulas em que esse animal é personagem.



Escola Preparatória de Nun'Álvares

Língua Portuguesa
5º ano

FOLHA DO PROFESSOR

Como forma de contribuir para o enriquecimento cultural dos nossos alunos e de promover o respeito e a aceitação de culturas diferentes, propomos algumas sugestões de trabalho que cada professor adaptará e/ou completará...

- Referência bibliográfica:
"O Coelho e o Elefante" (conto tradicional de Moçambique), in Os Mais Belos Contos de Todo o Mundo I, Publicações Europa-América.
- O texto dos alunos Não tem título.
- Actividade a desenvolver com a possível colaboração de História e Geografia de Portugal:
 - * recolha de alguma informação geográfica sobre Moçambique
 - * pesquisa sobre características naturais desse país (fauna, flora ...)
- ***
- A pergunta nº. 7 poderá ser desenvolvida em trabalho de pares.
- As perguntas nºs. 10, 11 e 12 poderão ser resolvidas em grupo.
- Em cada turma poderão ser abordados os conteúdos gramaticais que o professor julgar mais oportuno.



Anexo II

“A Serpente de Olumo”

Um jovem, chamado Ayobami, vivia feliz na sua aldeia até ao momento em que, tendo atingido a idade adequada, decidiu, com o consentimento dos pais, arranjar mulher e casar.

Ayobami tinha duas amigas que já conhecia há muito tempo e com as quais passara toda a sua infância: a mais nova chamava-se Olu, a outra Yemesi. Ayobami queria absolutamente casar-se com uma das duas, mas não sabia qual delas escolher. Elas eram diferentes uma da outra, mas igualmente belas.

Pelo seu lado, as duas jovens amavam Ayobami. O homem era bom trabalhador e excelente caçador; possuía o sentido da justiça, sendo respeitado em toda a aldeia e bastante conhecido nos arredores. Ayobami era rico e bem constituído; teria podido muito bem casar com as duas raparigas ao mesmo tempo; mas a tradição não o permitia. Não conseguindo decidir-se, viam-no ficar longas horas sentado diante da sua cabana, a examinar as vantagens que teria em se casar com uma ou com outra. Quando julgava ter decidido e se levantava para ir anunciar a boa nova a seus pais, pensava imediatamente nas qualidades da outra e voltava a hesitar.

As duas jovens, pelo seu lado, rivalizavam em gentileza e beleza, não estando nenhuma delas disposta a ceder o seu lugar à outra. A última palavra cabia, pois, a Ayobami; precisava, a todo custo, de saber qual das duas raparigas o amava mais.

Uma tarde, enquanto as duas raparigas estavam sentadas ao pé de Ayobami, estando este a reflectir nesse problema, uma serpente transparente saiu da floresta de Olumo, uma das colinas da região de Abeokuta. Tinha à cabeça três enfeites, e todo o seu corpo, extremamente comprido, fumegava ligeiramente ao deslizar em silêncio por entre as ervas. Quando chegou perto da fogueira, ergueu-se sobre a cauda e dançou por instantes enquanto as chamas brilhavam nos seus olhos vermelhos. Todos estes sinais lhe davam uma aparência mágica, e toda a gente reconheceu assim nela uma serpente enfeitiçada e sagrada.

Ayobami, que estava de costas para a serpente, não a viu chegar; e quando as duas raparigas finalmente a avistaram, já era demasiado tarde. Gritaram ao mesmo tempo quando a serpente mordeu Ayobami na coxa, antes de desaparecer na noite. Ela cumprira assim a missão que os deuses lhe tinham confiado.

Em breve, Ayobami foi obrigado a ir deitar-se no interior da sua cabana. As duas jovens despertaram então toda a aldeia. Foram procurar o feiticeiro que, reconhecendo nisso um sinal dos deuses, não quis intervir. As velhas mandaram, então, ferver imediatamente umas ervas e uns pós, que puseram seguidamente na ferida, mas sem sucesso. Tudo foi tentado para salvar a vida de Ayobami; contudo, algumas horas depois, este acabou por morrer, sem sequer ter voltado a abrir os olhos e, sobretudo, sem ter chegado a dizer qual das duas jovens preferia.

Ambas se puseram então a chorar a morte do seu amigo. De manhã, Olu, a mais nova, levantou-se e proferiu as seguintes palavras:

-Sem a existência de Ayobami, a minha vida já não tem sentido. Quando o fogo morre, o fumo desaparece com ele. Não posso viver sem a sua presença. Assim, vou hoje juntar-me a ele na morte.

E, antes que alguém a tivesse podido impedir, pôs-se a correr através do mato. Encontrou a pista da serpente enfeitiçada, foi ter com ela e, por seu turno, fez com que ela a mordesse. Olu tombou por terra, caindo entre as ervas, e morreu pouco depois, julgando estar aí todo o preço do seu amor.

Yemesi não sabia o que fazer. Reflectiu alguns instantes, e depois, de súbito, decidiu-se. Entrou na cabana de seu pai, pegou na grande catana pendurada numa das paredes, e seguiu igualmente a pista da serpente. Quando a apanhou, e no momento em que erguia a arma para lhe cortar a cabeça, a serpente ergueu-se à sua frente e disse-lhe:

-Yemesi, não me mates! Se me deixares viver, ajudar-te-ei a salvar Ayobami.

A jovem aceitou e a serpente deu-lhe, então, dois saquinhos, um contendo um pó negro, o outro um pó branco:

-Pega neste dois sacos e põe-te em cima do cadáver de Ayobami. Fecha os olhos e lança o pó negro para muito longe, na direcção do sol nascente, e o pó branco também para muito longe, na direcção do sol poente.

Yemesi seguiu os conselhos da serpente, e, de imediato, Ayobami e Olu foram misteriosamente ressuscitados.

Ayobami não hesitou mais e escolheu aquela que devia ser sua esposa para toda a vida.

Caro leitor, se fosses Ayobami, qual das duas jovens terias escolhido: aquela que provou o seu amor morrendo com ele, ou aquela que lhe voltou a dar a vida?

Versão recolhida na Nigéria,
adaptada por Alain Nadaud
Tradução de
Manuel Lourenço Godinho



Escola Preparatória de Nun'Álvares

Língua Portuguesa
6º ano

Nome: _____ Nº. _____
Data: _____ Turma: _____

QUESTIONÁRIO
(Retenção da Informação Oral)

Ouve o texto com muita atenção e assinala cada resposta correcta com uma cruz.

1 – Ayobami tinha duas amigas

- que conhecia há pouco tempo
- que conhecia há alguns anos
- que conhecia há muito tempo

2 – Ele queria casar-se

- com as duas raparigas
- e sabia qual escolher
- mas estava indeciso

3 – O jovem era

- bom trabalhador e excelente pescador
- bom trabalhador e excelente caçador
- bom trabalhador e excelente agricultor

4 – Ayobami era

- rico e bem constituído
- pobre mas robusto
- rico e franzino



5 – As duas jovens

conversaram e tornaram-se muito amigas

rivalizavam entre si

decidiram qual seria a esposa de Ayobami

6 – A serpente

não tinha enfeites

fumegava ao deslizar em silêncio

tinha um corpo extremamente curto

7 – A serpente mordeu

uma das raparigas

as duas jovens

Ayobami

8 – A mordidela da serpente provocou

a morte

um ligeiro envenenamento

uma dor terrível

9 – Como prova de amor

as jovens enfrentaram a serpente

uma das jovens deixou-se morder, mas sobreviveu

uma das jovens decidiu matar a serpente

10 – Finalmente

as jovens recusaram casar

Ayobami decidiu qual delas escolher

os pais do jovem escolheram a mais corajosa



Escola Preparatória de Nun'Álvares

Língua Portuguesa
6º ano

Nome: _____ Nº. _____
Data: _____ Turma: _____

QUESTIONÁRIO

Lê o texto com muita atenção e responde às questões, usando frases completas.

1 – Numera os parágrafos do texto.

2 – Localiza a acção no espaço.

3 – És capaz de localizar a história no tempo?

Justifica relacionando com o facto de ser um conto tradicional.

4 – Identifica as personagens intervenientes.

5 – Sugere um título para o texto.

6 – Classifica o tipo de narrador e justifica.

7 – Reescreve o primeiro parágrafo na primeira pessoa gramatical.

8 – Divide o texto nas três partes fundamentais, dando um título a cada uma delas. Delimita-as.

Partes	Delimitação	Títulos
1 ^a		
2 ^a		
3 ^a		



9 – Completa, com o retrato de Ayobami:

Físico	Psicológico

10 – O que sucedeu ao jovem?

11 – Conseguiu de imediato tomar uma decisão?

Sim Não

12 – Descobre as razões:

As jovens

Eu sou Olu, a mais	Ambas somos _____ e queremos _____	E eu Yemesi, sou a mais

13 – Refere alguns dos sentimentos vividos pelo rapaz.

14 – Uma tarde, algo inesperado aconteceu... Transcreve esse momento.

15 – No texto, a narração desse acontecimento é interrompida por um momento de pausa. A que corresponde essa descrição?

16 – Delimita-a no texto.



17 – Por que razão o feiticeiro não quis intervir?

**Esta personagem
alterou a história...**

18 –

Olu: Como prova de amor, aceitei <hr/> <hr/>	Ambas chorámos a morte de Ayobami	Yemesi: Como prova de amor, tentei <hr/> <hr/>

19 – "Yemesi, não me mates! Se me deixares viver (...)"
O recurso expressivo utilizado nesta frase é:

adjectivação
repetição
personificação

20 – Comenta a última intervenção da serpente no texto.

21 – Consideras esta narrativa aberta ou fechada?
Justifica a tua resposta.

22 – Depois de conheceres melhor o texto, repensa o título que sugeriste na resposta número 5.

23 – Se tu fosses Ayobami, qual das jovens escolherias?
Porquê? (Escreve, no mínimo, seis linhas.)



Escola Preparatória de Nun'Álvares

Língua Portuguesa
6º ano

FOLHA DO PROFESSOR

Como forma de contribuir para o enriquecimento cultural dos nossos alunos e de promover a aceitação de culturas diferentes, propomos o estudo de um conto africano. Aqui deixamos algumas sugestões de trabalho que cada professor adaptará e/ou completará...

1. O texto dos alunos Não tem título!
2. "A Serpente de Olumo" (in Selecta - 6º. ano, DGEBS, p-111)
3. Questionário (retenção da informação oral – aluno)
 - O professor lê o texto, sem mencionar o título.
 - Os alunos preenchem o questionário.
 - A correção poderá ser feita oralmente.
4. Distribuição e leitura do texto, por parte dos alunos.
5. Trabalho colectivo:
 - Diálogo sobre o que é uma "versão".
 - Situação geográfica da Nigéria.

...
6. Trabalho de pares:
 - Realização da ficha de trabalho proposta (Questionário).
7. A partir das respostas à última pergunta, organizar a turma em dois grupos e promover um debate (cf. manual, p. 29).
8. Finalmente, tentar que os alunos exprimam opiniões sobre o texto.
9. Em cada turma poderão ser abordados os conteúdos gramaticais que o professor julgar mais oportunos



Anexo III

Avaliação das Sessões de Contos Populares Lusófonos

Eu nunca tinha ouvido nenhum dos contos mas gostei muito, eles são ótimos a contar contos tradicionais.

Gostava que eles voltassem mais denta vez para contarem outros contos tradicionais.

Tmês: Alexandre

mi: 11 f: B

EPNA - 94/95

Eu queria gravar os à formata municipal de São Paulo, mas tiveram problemas de áudio e ficou muito ruim. Eu gostei muito dos contos e a ^{apresentação} também muito gosto muito pentáfilos. Acho que foi um divertimento para mim e para todos nós. Gostei imenso de os ouvir e também gostei de certas atividades que nos permitiu.

Alexandre

Flávia Simões

EPNA - 94/95

os professores fizeram muita bem a nós considerando para quem é mais difícil. porque eles só dão coisas - só só histórias e algumas coisas engajadas é pena que eles só pediam que ficasse tempo para contar mais histórias.

Tiguel - 6ºA

EPNA - 94/95



Anexo IV

Grande Forum Intercontinental – Encontro dos Mundos no Séc. XVI

PROPOSTA DE TRABALHO

Nesta ficha vais ficar a conhecer melhor as riquezas e costumes de povos e culturas diferentes. Poderás compreender melhor o seu modo de vida se reparares nas características naturais e na organização política e social que têm.

Procura descobrir os aspectos positivos e negativos resultantes dos contactos estabelecidos entre a Europa, a África, a Ásia e a América.

- Quem pôs em contacto os diferentes povos do mundo no século XVI?
- Que diferenças existiam nos seus modos de vida?
- Quais as vantagens de se conhecer e contactar com mundos diferentes?
- Que atitudes devemos ter com as pessoas que são diferentes de nós e pensam de um modo diverso do nosso? Porquê?

HGP-6	NOME _____
	Nº. _____ TURMA _____



África



1471– Descoberta das ilhas de S. Tomé.

1482– Diogo Cão descobre a foz do rio Zaire.

1488– Bartolomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas.

1491– O rei do Congo converte-se ao Cristianismo.

1539– Corsários franceses na costa da Guiné

1542– Abandono das praças de Safim e Azamor.

1550– Abandono de Arzila.

1 – CARACTERÍSTICAS NATURAIS

A flora é muito variada. Predomina a vegetação tropical, equatorial e desertos. Contraste entre zonas frondosas e áridas.

A fauna é muito variada. Existem grandes herbívoros como o elefante e o rinoceronte e grandes mamíferos como o leão, leopardo; rica em répteis, aves e macacos. (pág. 178)

2 – MODOS DE VIDA

As populações vivem da caça, pecuária, recollecção, agricultura primitiva e da extracção de minérios. Aceitavam a poligamia, viviam em palhotas e gostavam da música de tambores. O vestuário quase não existia.

Organizavam-se em reinos mas existiam várias etnias com religiões e dialectos diferentes. (pág. 179; doc. 8)

3 – TROCAS OU INFLUÊNCIAS

- Ofereciam ouro, escravos ou marfim em troca de sal ou trigo.
- A aceitação da nossa cultura resultou da missão, da mestiçagem e da colonização. Construíram-se escola, igrejas; divulgou-se a escrita, a língua, novos usos, materiais e técnicas diferentes. (pág. 179; doc. 9)



Ásia



1488– Dobragem do Cabo da Boa Esperança.

1498– Chegada a Calecute.

1505– Nomeado o 1º. Vice-Rei, Francisco de Almeida.

1510– Conquista de Goa.

1511– Conquista de Malaca.

1513– Chegada ao litoral da China.

1515– Chegada a Timor.

1542– Francisco Xavier chega a Goa.

1543– Chegada ao Japão para comerciar.

1557– Fixação de uma feitoria em Macau.

1 – CARACTERÍSTICAS NATURAIS

A vegetação é abundante. Predominam os bambus, os coqueiros, os mognos e os frutos são variados.

Destaca-se o cultivo do arroz, do chá e das especiarias.

A fauna caracteriza-se pelos animais de grande porte: os elefantes e os tigres; existem várias espécies de serpentes. (pág. 182)

2 – MODOS DE VIDA

Existem zonas muito povoadas e no litoral situam-se cidades importantes. A economia vive do comércio. A organização política e social encontra-se bem definida.

Revelaram-se hospitaleiros, de hábitos requintados e com uma alimentação exótica. As raízes culturais e religiosas eram muito fortes nas várias etnias. No entanto, os orientais mostravam resistência à cultura e aos hábitos ocidentais. (pág. 183; doc. 10-11)

3 – TROCAS OU INFLUÊNCIAS

Oferecem especiarias, porcelanas, perfumes, sedas, drogas ou pedras preciosas em troca de ouro ou prata

A aceitação da nossa cultura resultou da missão, da mestiçagem e dos casamentos. Os orientais permitiram a fixação dos portugueses e o convívio com a nova cultura apesar das resistências oferecidas. (pág. 184; doc. 11)



América



1492– Chegada de Cristovão Colombo às Antilhas.

1494– Tratado de Tordesilhas.

1500– Chegada ao Brasil por Pedro Álvares Cabral.

1507– O novo continente passa a ser chamado de América.

1530– Colonização do Brasil e divisão em capitaniias.

1539– 1^a. chegada de escravos africanos para os engenhos de açúcar.

1549– Nomeado o 1º. governador geral, Tomé de Sousa. 1^a. missão dos Jesuítas.

1 – CARACTERÍSTICAS NATURAIS

- A flora é muito exuberante. Predomina a floresta tropical e equatorial muito variadas.
- A fauna caracteriza-se por uma grande variedade de espécies. (pág. 186)

2 – MODOS DE VIDA

- Os índios vivem muito ligados à natureza. Dedicam-se à caça, à pesca e à recollecção. Mostravam-se pacíficos e muito acolhedores.
- Viviam organizados em várias tribos.
- O vestuário era reduzido; enfeitavam-se com penas e pintavam-se com cores vivas.
- As armas usadas eram as lanças, arcos e flechas de pontas venenosas. (pág. 187; doc. 12)

3 – TROCAS OU INFLUÊNCIAS

- De início, fez-se o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis: a madeira (pau-brasil) e as aves exóticas.
- Posteriormente, explorou-se a cana-do-açúcar e as bananeiras.
- A aceitação da nossa cultura foi fácil: a colonização, a divisão do território em capitaniias e a missão permitiram a fixação dos portugueses e dos costumes europeus. (pág. 188)



ENCONTRO DOS MUNDOS

Os comerciantes, os marinheiros, os militares, os missionários põem em contacto mundos que até então não se conheciam. Eles ENSINAM e APRENDEM: crenças, palavras, músicas, técnicas, culinárias, gestos de cortesia...

Os povos começam a conhecer-se e misturam-se; maltratam-se mas aprendem uns com os outros.

Nem sempre as trocas foram vantajosas para todos e, enquanto no Oriente destacam o requintado, o diferente ou o curioso, em África ou nas Américas, o domínio dos europeus levou esses povos a assimilarem novos hábitos, novas ideias e outra religião.

OS PRODUTOS NOVOS

ÁFRICA		ÁSIA		AMÉRICA	
Levados	Trazidos	Levados	Trazidos	Levados	Trazidos
trigo panos bijuterias sal ***	banana malagueta café melancia melão ***	cobre prata ouro ...	cereja arroz perfumes chá caril canela noz-moscada gengibre cravo-da-Índia pimenta açafrão porcelana sedas cana-da-Índia incenso mirra cânfora lacre ***	carneiros porcos cavalos galinhas trigo cevada aveia rosas cana-açúcar café ...	ananás maracujá abóbora tapioca amendoim cacau feijão batata tomate milho girassol colorau tabaco coca perú ***



AS PALAVRAS

ÁFRICA		ÁSIA		AMÉRICA	
Levadas	Trazidas	Levadas	Trazidas	Levadas	Trazidas
o vocabulário que a língua possuía nesta altura	batuque tanga samba cachimbo masmorra ...	botan 1 kappa 2 shabon 3 koppu 4 mantô 5 haca 6 portutugaru 7 uru 8 kirishitan ⁹ kouendo-ro 10 juban 11 ...	bengala biombo bule leque salamaleque banzé catana pires chávena ...	o vocabulário que a língua possuía nesta altura	jacaré capim carioca toca borracha látex ...

1-botão, 2-capa, 3-sabão, 4-copo, 5-manto, 6-faca, 7-português, 8-ouro, 9-cristão, 10-coentro, 11-gibão.

OS HÁBITOS E USOS

ÁFRICA- AMÉRICA	ÁSIA
<ul style="list-style-type: none"> As principais marcas da presença portuguesa foram a língua, a religião cristã, a aceitação do modo de vida europeu, a colonização agropecuária e o tráfico de escravos. Nestes continentes os portugueses descobriram novos ritmos e sons musicais ou danças. 	<ul style="list-style-type: none"> A presença portuguesa fez-se sentir através do comércio e da missão. As porcelanas, os biombos, as colchas passam a retratar figuras europeias e símbolos cristãos, assim como o modo de vestir europeu ou até o uso de barba. O vinho torna-se uma bebida apreciada. Os portugueses levaram também as armas de fogo: a espingarda. Adquiriram-se novos hábitos: o uso dos pratos individuais e talheres, o gosto pelo chá, pelo côco, canja ou especiarias; o apreço por jóias ou novas peças de mobiliário; os novos produtos usados na farmácia.
O encontro e o convívio entre os povos permitiu a mistura de diferentes etnias e a criação de laços familiares — a mestiçagem.	

«A terra onde fores ter, faz como vires fazer»

Concordas com a ideia expressa neste provérbio? Porquê?
Organizem um debate para troca de ideias!



Anexo V

“Racismozinho Português”

PROPOSTA DE TRABALHO Língua Portuguesa 6

Há dias, ao entrar casualmente num centro comercial de Lisboa, na Av. Almirante Reis, voltei a reviver o trauma, o medo e a profunda tristeza de ser vítima de insultos racistas e não ter coragem de ripostar e de saber defender-me – algo que pensava ter ultrapassado na minha adolescência. Quando me encontrava junto à esplanada de um café, um jovem nos seus 15-16 anos, acompanhado de rapazes e raparigas da mesma idade, olhou para mim e disse em voz alta: "Isto é só pretos, pá, pretos por todo o lado." Os seus companheiros riram-se alegremente. (...)

Quando era miúdo fingia não ouvir este tipo de insultos e afastava-me rapidamente. E agora eis-me ali, já adulto, com medo de enfrentar um bando de adolescentes cruéis e malcriados. (...) Não tive coragem de enfrentar os seus olhares e fiz o que antes fazia: afastei-me. Enquanto comprava uma caneta numa livraria do centro, continuei a escutar as provocações, que também podiam ser ouvidas pela maior parte das pessoas nas proximidades. A dado momento, puseram-se a contar anedotas racistas: "Sabes por que é que se deres um tiro na cabeça de um preto ele não morre?/ Não! / É que a bala fica lá dentro à procura de um cérebro, e como não o encontra, volta a sair!" Seguiram-se os risos estridentes das raparigas.

As pessoas dentro da livraria escutavam a conversa, tal como eu, mas fingiam nada ouvir, talvez para não me embaraçar, entretendo-se a olhar para as montras. Ao receber o troco do empregado, ele disse-me algo como "estes jovens de hoje..." antes de atender o cliente seguinte.

Apesar da minha vontade de deixar o centro, esforcei-me por ali continuar, visitando esta ou aquela loja, tentando, de forma patética, não me mostrar intimidado. Quando, finalmente, saía daquele lugar, o grupo de jovens voltara a falar das suas banalidades habituais - se iriam a esta ou àquela discoteca nessa noite, se faltar a esta ou àquela aula nesse dia, etc.

Ao abandonar o centro tinha as pernas e as mãos a tremer. Sentia-me humilhado e menos digno que um verme. Quando era miúdo punha-me a chorar às escondidas, depois de incidentes do género. Nesse dia, andei a pé durante horas, procurando esquecer o que se passara. Não consegui. Durante dias tentava imaginar como tudo se teria passado se me tivesse defendido daqueles jovens. Se os tivesse agredido fisicamente, viria alguém em meu socorro? E se tivesse chamado a polícia? E se tivesse pegado numa caçadeira e atingido aquele adolescente na cabeça? (...)

Quando coisas destas me acontecem (...) tento a todo o custo pensar que as anedotas sobre negros não são assim tão comuns, e que a maior parte das pessoas está consciente do sofrimento que elas provocam. Será verdade?

João Ferreira de Almada, *Jornal Público*, Out. 1993, (adapt.)

1. Quem relata este episódio?

2. De onde foi retirado?

3. Classifica o tipo de narrador.

3.1. Justifica com uma expressão do texto

4. Onde se passa a ação principal?

5. Quando era criança, o narrador viveu situações semelhantes.

5.1. Como reagia aos insultos?



5.2. Se fosses tu, reagirias da mesma forma? ____ Porquê?

6. O que é um insulto?

7. O que é uma anedota?

8. Descreve as sensações vividas pelo narrador ao ouvir aquela anedota.

9. O narrador pensou algumas formas de defesa.

9.1. Se fosses tu, como te defenderias?

10. Na tua opinião, aquela anedota era racista? ____ Porquê?

11. A atitude daqueles jovens foi racista? ____ Porquê?

12. Como defines "racismo"?

12.1. Consulta o dicionário e regista a definição encontrada.

13. O texto termina com uma pergunta.

13.1. Qual te parece ser a resposta verdadeira?

13.2. E tu? Alguma vez pensaste no sofrimento que uma simples anedota pode causar? _____
Justifica a tua resposta.

14. Este episódio podia ter um desfecho diferente.

14.1. Com os teus colegas, imagina o final para uma das seguintes situações:

a) Após o comentário do empregado, as pessoas presentes iniciaram uma conversa com o narrador;

b) Alguém informou a polícia e vários agentes chegaram ao local.

15. Sugere um título adequado a este texto e justifica-o.

16. Na dramatização deste episódio, preferes ser _____ porque _____



Anexo V “Scarmentado”

PROPOSTA DE TRABALHO Língua Portuguesa 6

O autor do texto, Voltaire, foi um filósofo francês do século XVIII. Neste texto, História das Viagens de Scarmentado, ele imagina que a sua personagem – Scarmentado, um grego que viveu no séc. XVII – viaja por diversas regiões do mundo, deparando sempre com situações de intolerância e perseguições religiosas, políticas e outras. Até que decide ir à África...

"Só me faltava ver a África (...). E de facto fui até lá, e vi-a. O meu navio foi apresado por corsários negros. O nosso capitão pediu e suplicou, e perguntou-lhes porque violavam assim as leis das nações. O comandante negro respondeu-lhe:

— Vós tendes o nariz comprido e o nosso é achatado; os vossos cabelos são lisos e o nosso é crespo; a vossa pele é cor de cinza e a nossa é cor de ébano; devemos por consequência, de acordo com as leis sagradas da natureza, ser sempre inimigos. Vós comprais-nos nas feiras da Costa da Guiné como se fôssemos bestas de carga, para nos obrigar a não sei que trabalhos duros e ridículos. Obrigais-nos à força de chicotadas de nervo de boi a cavar nas montanhas à procura de uma espécie de terra amarela que em si não tem valor nenhum, (...) por isso, sempre que vos encontramos e somos os mais fortes, fazemos de vós escravos, obrigando-vos a trabalhar nos campos ou então cortando-vos o nariz e as orelhas.

Não havia nada a responder a tão sábio discurso. Fui trabalhar para o campo de uma velha negra, para conservar as minhas orelhas e o meu nariz. Fui resgatado ao fim de um ano."

Voltaire, *Romances e Contos Completos* (adapt.)

1. O comandante negro descreve dois tipos humanos. Identifica-os.

2. Que razões aponta o comandante para os fazer escravos?

3. Completa esta frase: Ser escravo é

4. Destaca as situações de intolerância apresentadas.

5. Escolhe uma delas e faz o teu comentário.

6. Na tua opinião, o discurso do comandante foi "sábio"? _____ Porquê?

7. Se fosses o Scarmentado, como responderias ao comandante negro?

8. Na dramatização deste diálogo gostarias de ser _____ porque



Anexo VI
Tipos de Frase

Frase Declarativa

Frase Interrogativa

Queres brincar comigo?

Óptima ideia!

Gostas deste disco?

Protege a Natureza!

Frase Imperativa

Frase Exclamativa

É admirável!

Terminei a leitura

Eles estão no recreio.

Faça férias cá dentro!

Legenda:

Cabeçalhos identificativos
dos tipos de frase

Tiras a colocar sob os cabeçalhos



Anexo VII
Expressões Numéricas

EXEMPLO N°. 1

A: $150-(30+17)$

B: $150-30+17$

EXEMPLO N°. 2

A: $820+45+30$

B: $820-(45+30)$



Anexo VIII Enunciados

EXEMPLO N°. 1

TEXTO SIMPLES

O dono do stand "Tequemitaque" tinha 150 carros.
Vendeu 30 e encomendou 17.
Com quantos carros ficou o stand?

TEXTO ENRIQUECIDO

O dono do stand "Tequemitaque", na época do Natal, tinha cento e cinquenta carros novinhos em folha: carros, carrinhas e jipes.
De manhã, vendeu trinta carros desportivos e encomendou dezassete porque não queria ficar com o stand vazio.
Com quantos veículos ficou o stand?

EXEMPLO N°. 2

TEXTO SIMPLES

Fiz anos e ofereceram-me 820 rebuçados. Na festa os rapazes comeram 45 e as raparigas 30.
Com quantos rebuçados fiquei?

TEXTO ENRIQUECIDO

Eu tenho uma caixa de doces: gomas, pastilhas, bombons, chocolates e amêndoas.
Fiz anos e ofereceram-me oitocentos e vinte rebuçados. Fiquei muito contente.
Como tinha muitos, decidi organizar uma festa e chamei todos os meus amigos. Eles eram muito guiosos e comeram 45 rebuçados vermelhos e trinta amarelos.
Com quantos rebuçados fiquei?



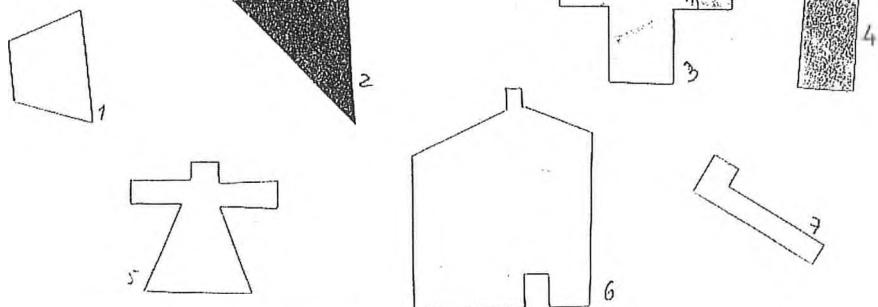
Anexo IX
“O Capuchinho Vermelho”

Anexo 9
 “O CAPUCHINHO
 VERMELHO”

Proposta de Trabalho
 Língua Portuguesa - Matemática

“O CAPUCHINHO VERMELHO”

Figuras Recortadas:

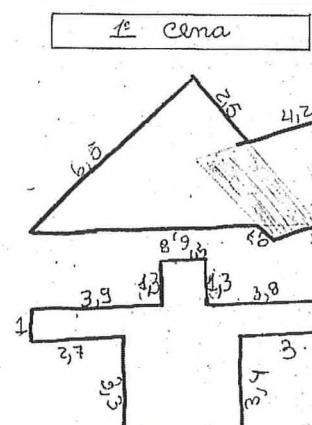


Legenda:
 P 4 - Lobo
 1 - Capuchinho

1 - Capuchinho
 2 - Capuchinho
 5 - Avô
 6 - Casa da avô

3 - Mãe
 7 - Lenhador

Descrição da cena.
 Era uma vez um Capuchinho Vermelho. Toda a gente lhe chamava assim porque tinha um capuz vermelho. Irmãozinha dele é para o Capuchinho Vermelho levar de volta de um cesto, bolinhos salgados para a sua avózinha que estava doente. Elas, antes do Capuchinho se ir embora, a noite disse que iria aparecer um lobo na floresta e, portanto, para ter muito cuidado.



cálculos

Capuchinho e cesto.

3,5
4,2
3,5
2,7
0,7
6,8
+ 6,1
26,9

Mãe

4,3
3,8
0,9
3,4
3,5
3,3
2,7
1,3
3,9
3,8
3,9
4,5
+ 4,6
29,6

EDU, ANA, CÁTIA, PEDRO 5º E

A APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA DISCIPLINA DE MATEMÁTICA

Numa turma de 6º ano de escolaridade de currículo alternativo, em que a professora de Matemática é também professora de Informática, aprender cooperativamente torna a aprendizagem mais significativa e ajuda a distribuir e a construir o êxito escolar. Apresentam-se objectivos e actividades e explica-se o processo de formação de equipas cooperativas e o papel dos “torneios”. A avaliação torna-se parte integrante dos objectivos da aprendizagem cooperativa. Apresentam-se resultados e os alunos dão a sua opinião.

Maria do Céu Branquinho

Escola Preparatória Pintor Almada Negreiros



Índice

1. Introdução	147
2. Caracterização da População Escolar	147
3. Definição do Problema	149
4. Objectivos da Investigação	149
4.1. Objectivos Cognitivos	150
4.2. Objectivos Afectivos/Comportamentais	150
5. Organização dos Grupos	150
6. Avaliação	152
6.1. Torneios	152
7. Materiais Utilizados	153
7.1. Jogo das Expressões Numéricas	153
7.2. Dados Estatísticos	156
8. Reflexão dos Alunos sobre as Actividades Desenvolvidas	159
9. Alguns Resultados	160
10. Anexos	161



1. *Introdução*

A experiência educativa que vamos apresentar procurou encontrar respostas práticas para o problema do abandono precoce do sistema educativo.

Desenvolvemos uma estratégia de prevenção que levou à identificação das crianças/famílias em risco e à implementação de estratégias para as manter na escola.

Pensamos que o projecto da escola tem de incluir estes jovens. Procurámos, como sublinha Roberto Carneiro, "criar mecanismos que prevejam precocemente as dificuldades de adaptação e tomar iniciativas de discriminação positiva".

Esta experiência, com um currículo alternativo numa escola preparatória situada na periferia da cidade de Lisboa, iniciou-se no ano lectivo de 1994/95 com uma turma de 5º ano e terminou em Julho de 1996 com a conclusão do 6ºano. Encontra-se enquadrada no Projecto de Educação Intercultural dinamizado pelo Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural.

A partir de Março de 1994 as formandas do P.E.I. desenvolveram uma colaboração intensa, tentando criar condições para a integração de alunos com grande insucesso acumulado.

Com a colaboração das professoras do 1º Ciclo, das professoras do Ensino Especial, da psicóloga e da assistente social dos Serviços de Psicologia e Orientação que apoiam as duas escolas primárias e a nossa escola preparatória, foi possível definir um conjunto de alunos com grandes dificuldades de aproveitamento e comportamento escolares que, na transição do 1º para o 2º ciclo corriam sérios riscos de abandono precoce do sistema educativo.

2. *Caracterização da População Escolar*

Esta turma era constituída por catorze alunos que, como já foi referido, ao longo da sua vida revelaram grandes dificuldades de aprendizagem e de integração no meio escolar.

No quadro que se segue podemos observar a ascendência étnica dos alunos:

Ascendência	Nº Alunos
Caboverdiana	7
S.Tomense	2
Angolana	1
Lusa ¹	4

¹ Termo usado nos levantamentos estatísticos do Secretariado Entreculturas.



Apenas um dos alunos de ascendência PALOP não nasceu em Portugal. Como as minorias e a maioria branca cohabitam nos mesmo bairros, estamos perante uma segunda geração que fala português no bairro e na escola.

Seguidamente vamos registar a distribuição dos alunos por idade e sexo:

Idades	Nº Raparigas	Nº Rapazes	Total alunos
13	3	2	5
14	2	2	4
15	1	2	3
16	-	-	-
17	1	-	1
18	-	1	1

Apesar das idades, todos os alunos desta turma se encontravam a frequentar pela primeira vez o 2º ciclo do ensino básico. As várias repetências aconteceram no decorrer do 1º ciclo. A totalidade dos alunos não frequentaram pré-primária, tendo um dos alunos frequentado parte da primária em S.Tomé.

A maioria dos alunos utilizavam uma linguagem que diferia da linguagem corrente, encontrando-se, por isso em desvantagem, o que, poderá explicar em parte o seu baixo rendimento escolar.

Assim, quanto ao nível de instrução dos pais podemos observar:

Nível de instrução	Mãe	Pai	Total
Analfabeto	6	5	11
Instrução primária incompleta	6	4	10
Instrução primária completa	2	3	5
2º. ciclo	-	2	2

Vamos agora analisar a profissão dos pais dos alunos:

Profissão dos pais	Pai	Mãe	Total
Limpezas	-	7	7
Pedreiro	3	-	3
Peixeiro	1	1	2
Serralheiro	1	-	1
Soldador	1	-	1
Ama	-	1	1
Vendedor	1	-	1
Enfermeira	-	1	1



O sucesso escolar dos alunos não é só influenciado pelas suas características socioeconómicas mas também pelo efeito da escola, pelas suas características organizacionais. Pensamos que é a própria escola que tem de se reformar. Nesse sentido construímos um currículo alternativo que, envolvendo diferentes estratégias educativas, integrava as seguintes disciplinas:

Disciplinas		Horas/semana
Língua Portuguesa		5 (2+1+1+1)
Inglês		4 (2+1+1)
Matemática		4 (2+1+1)
Homem e Ambiente	(em codocência)	4 (2+1+1)
Ed. Visual e Tecnológica	(em codocência)	4 (2+2)
Educação Física		4 (2+2)
Iniciação à Informática	(turma dividida em dois grupos)	3 (2+1)
Desenvolvimento Pessoal e Social		2 (1+1)

3.

Definição do Problema

Dadas as dificuldades generalizadas que os alunos tinham em:

- ouvir o outro;
- respeitar a opinião do outro;
- colaborar nos trabalhos de grupo, optou-se pela utilização de procedimentos de aprendizagem cooperativa nas disciplinas de Matemática e Iniciação à Informática.

A aprendizagem cooperativa é um modelo de ensino que permite organizar as tarefas e a avaliação em moldes diferentes, melhorando as relações entre os alunos e também o seu aproveitamento escolar. Foi o que nos propusémos investigar.

4.

Objectivos da Investigação

A investigação decorreu de Abril a Junho de 1996.

Com as actividades desenvolvidas pretendeu-se atingir objectivos:

- Cognitivos e
- Afectivos e comportamentais.

Estes objectivos inserem-se no programa de Matemática do 2º ciclo e no programa de Iniciação à Informática construído especialmente pela professora para este currículo. Todas estas adaptações foram analisadas e aprovadas pelo Departamento do Ensino Básico.



4.1. Objectivos Cognitivos

Matemática	Iniciação à Informática
<ul style="list-style-type: none">– Resolver expressões numéricas envolvendo todas as operações.– Resolver e formular problemas que envolvam recolha e análise de dados.– Construir, ler e interpretar tabelas e gráficos.	<ul style="list-style-type: none">– Construir um projecto que envolva recolha e análise de dados.– Construir tabelas no Word 6.– Construir gráficos no Word 6.

4.2. Objectivos Afectivos/Comportamentais

Estes objectivos percorrem transversalmente todas as disciplinas ao longo dos dois anos de aprendizagem e é do consenso geral dos professores serem difíceis de trabalhar e de serem atingidos. São eles:

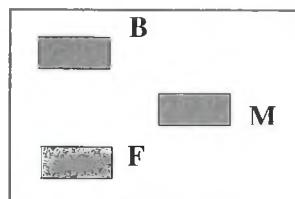
<ul style="list-style-type: none">– Melhorar as relações entre os alunos;– Desenvolver a capacidade de cooperação;– Desenvolver a capacidade de comunicar;– Desenvolver o sentido da responsabilidade;– Melhorar a auto-estima e a confiança em si próprio;– Favorecer o estabelecimento de relações interétnicas.

5. Organização dos Grupos

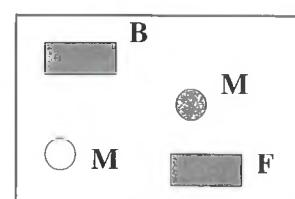
Teoricamente, de acordo com o modelo proposto por Maria José Aguado, em todos os grupos deveria haver um aluno com aproveitamento bom, um/dois alunos médios e um aluno “fraco”, mas, como se pode observar, os grupos tiveram que ser organizados de acordo com a realidade da turma, que contava, respectivamente, com 2, 5 e 6 alunos bons, médios e fracos.



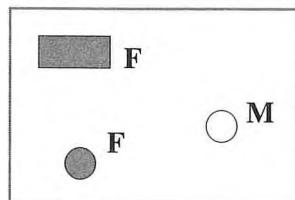
G₁



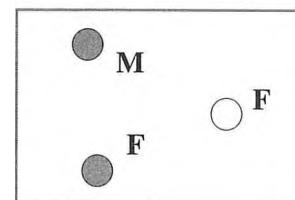
G₂



G₃



G₄



Legenda:



aluno(a) de ascendência PALOP



Rapaz



Rapariga

B – aproveitamento bom

M – aproveitamento médio

F – aproveitamento fraco

A professora explicou que os alunos iam aprender a cooperar e que para haver cooperação tinha de haver entendimento.



6.

Avaliação

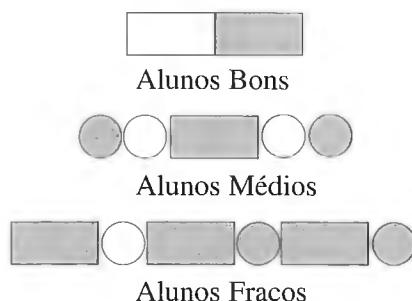
Os objectivos da avaliação foram:

- Distribuir o êxito de modo a proporcionar a todos os alunos a motivação suficiente para canalizar a energia necessária para a aprendizagem;
- Permitir que todos os alunos conseguissem êxito com uma certa regularidade;
- Dar uma recompensa pelo rendimento obtido como consequência do trabalho em grupo.

6.1. Torneios

A avaliação foi bem explicada pela professora para ser bem entendida pelos alunos. Para cada duas, três sessões de aprendizagem cooperativa, efectuou-se uma sessão de avaliação, utilizando alternadamente os torneios grupais e os torneios individuais.

Nos primeiros torneios a distribuição dos alunos quanto ao rendimento escolar era a seguinte:



Legenda:

- | | |
|--|-------------------------------|
| | Aluno(a) de ascendência PALOP |
| | Rapaz |
| | Rapariga |

Os torneios grupais, cujo exemplo de ficha de avaliação é apresentado no Anexo 1, permitem comparar o aluno com colegas do mesmo nível de rendimentos escolar. São provas realizadas simultaneamente por todos os grupos. Os três alunos vencedores, ou seja, os que conseguem a melhor pontuação em cada um dos níveis “bom”, “médio”, “fraco”, ganham três pontos para a



equipa que os treinou. Nos torneios individuais cada aluno realiza uma prova individual. Ganha os pontos para a equipa que o treinou: dois pontos se tiver um resultado igual ao que obteve no torneio de grupo, três pontos se tiver um resultado melhor. Na sala de aula os alunos construiram um cartaz com a identificação da escola, da turma e da disciplina. Numa tabela de dupla entrada foram registados os pontos alcançados pelos diferentes grupos nos vários torneios e o sinal mais junto dos pontos identifica os alunos que os obtiveram. Este mapa consta do Anexo 2.

7. *Materiais Utilizados*

No início de cada aula a professora explicava, brevemente, o assunto sobre o qual ia incidir o trabalho a efectuar. Depois todos e cada um dos elementos do grupo treinavam-se na resolução de uma determinada tarefa.

7.1. Jogo das Expressões Numéricas

Objectivo

Esta actividade aparece no final de uma unidade em que foram tratados conteúdos ligados à resolução de expressões numéricas com números racionais. Pretende-se sistematizar, numa aula, as aprendizagens realizadas, promovendo simultaneamente a cooperação dentro do grupo, pois todos os elementos vão aprendendo e ensinando, preparando-se para um bom desempenho nos “torneios”. Veja-se a ficha de torneio individual, que se seguiu à realização do jogo.

Equipas

- Cada grupo divide-se em duas equipas.
- Cada equipa tem 1 ou 2 jogadores.

Material necessário

- Tabuleiro com 3 expressões numéricas com a resolução incompleta.
- 6 cartões azuis e 6 cartões verdes com os vários passos da resolução das 3 expressões numéricas que serão distribuídos pelas duas equipas.
- 6 cartões amarelos com as regras de resolução de expressões numéricas.

Regras do Jogo

- Coloca-se o tabuleiro no centro da mesa.
- Os cartões amarelos estão na mesa virados para cima.
- Cada equipa recebe os seus cartões, uma os azuis outra os verdes, que serão colocados na mesa virados para baixo.



- É escolhida à sorte a primeira equipa que começa a jogar.
- Cada equipa vira alternadamente um dos seus cartões e tenta colocá-lo no tabuleiro.
- Quando uma equipa coloca correctamente um dos seus cartões ou desiste de o colocar, cede a vez à outra equipa.
- À medida que cada equipa vai colocando um dos seus cartões vai justificando a jogada, escolhendo o cartão amarelo com a regra de resolução de expressões numéricas que aplicou. A outra equipa pode pedir explicações, mudando um cartão que julgue estar mal colocado. Podem recorrer ao caderno, ao livro e a fichas para esclarecer o problema. Note-se que como os cartões azuis e verdes são iguais, cada equipa ao completar as expressões, colocando os seus cartões, torna mais clara a expressão que a outra equipa vai completar.
- O jogo termina quando o tabuleiro estiver totalmente preenchido.

Regras para a resolução de expressões numéricas:

Para adicionar fracções com denominadores diferentes, substituem-se as fracções por outras equivalentes com o mesmo denominador.

Calcula-se o valor das potências.

Fazem-se primeiro as multiplicações e as divisões.

Lei do Corte:
É possível dividir o numerador e o denominador de uma fração pelo mesmo número diferente de zero.

Resolvem-se as operações no parêntese.

Fazem-se as adições e as subtrações pela ordem em que aparecem.

Ficha do torneio individual

Expressão A	Expressão B	Expressão C
$0,4 \times 0,3 - \frac{12}{100} =$	$\frac{3}{4} - \frac{2}{8} =$	$(2)^2 + \frac{1}{5} =$

Expressão A	Expressão B	Expressão C
$0,12 - \frac{12}{100} =$	$\frac{3}{4} - \frac{1}{4} =$	$\frac{4}{25} + \frac{5}{25} =$
0	$\frac{1}{2}$	$\frac{9}{25}$



Torneio Individual

Nome _____ Nº. _____ T^a: _____

1 – Calcula o valor das seguintes expressões numéricas:

a) $\frac{2}{5} : \frac{2}{3} + \frac{1}{10} =$	b) $\frac{5}{3} - \frac{2}{9} =$
c) $\frac{1}{3} : (1,25 : 5) =$	d) $2 + 7^2 \times \frac{1}{7} =$

2 – Três quartos de quilo de uvas custaram 300\$00.

- a) Qual é o preço de um quilo de uvas?
- b) Qual é o preço de meio quilo de uvas?

3 – Um supermercado recebe o café em caixas de 20 quilos, que contêm pacotes com $\frac{1}{4}$ de quilo.

- a) Quantos pacotes há em cada caixa?



7.2. Dados Estatísticos

Objectivos	Disciplinas
1. Resolver problemas que envolvam recolha e análise de dados.	Matemática e Iniciação à Informática
2. Construir no Word 6 uma tabela de frequência.	Iniciação à Informática
3. Construir no Word 6 um gráfico correspondente às frequências calculadas.	Iniciação à Informática
4. Leitura, interpretação e discussão dos resultados obtidos.	Matemática e Iniciação à Informática

Material

- Fichas com os registos dos alunos que frequentaram a sala de convívio.
- Computador com o programa Word 6.

Problema inicial

1. Qual o número de alunos que frequentaram cada um dos pólos da sala de convívio até ao mês de Maio?

Planificação da actividade

- Na 1^a aula foi feita a distribuição dos quatro pólos da sala de convívio pelos quatro grupos:
 - Grupo 1 – pólo das expressões
 - Grupo 2 – pólo do estudo
 - Grupo 3 – pólo dos jogos
 - Grupo 4 – pólo do vídeo
- A cada grupo é distribuído um conjunto de fichas com o registo dos alunos que frequentaram diariamente a sala de convívio e uma ficha de trabalho com as actividades a realizar.
- Na 2^a aula, a partir destas fichas, cada grupo vai continuar a fazer a tabela de frequência do seu pólo. Os alunos devem agrupar os dias do mês (em semanas por exemplo) e registar os respectivos valores.
- Na 3^a aula os grupos irão construir as suas tabelas no computador. A partir da tabela vão construir o respectivo gráfico:



- Semanas
 - Pólo
 - Gráfico do grupo
- Na 4^a aula todos os grupos vão imprimir a tabela e o gráfico que construiram. Segue-se uma sessão plenária em que os gráficos são afixados num painel para serem analisados e discutidos. Os alunos/grupos farão a apreciação dos resultados, comparando a frequência dos diferentes pólos e tentando responder a algumas questões tais como:
 - Será que o gráfico dá a mesma informação da tabela?
 - Quais os gráficos de leitura mais fácil?
 - Quantos alunos frequentaram cada um dos pólos?
 - Qual o pólo com maior frequência?
 - Após esta discussão, em diálogo aberto com a turma, sobre os trabalhos apresentados pelos diferentes grupos, seguiu-se a reformulação de alguns dos trabalhos, com vista a uma melhor leitura. Posteriormente foram afixados num placard na sala de convívio.

Fichas distribuídas aos grupos

Actividade

Na sala de convívio da nossa escola foram recolhidos dados sobre a frequência dos **alunos** por dia e hora nos diferentes pólos.

Tu e o teu grupo vão analisar o **pólo do vídeo**.

- 1 – Consultando as fichas à tua disposição, constrói uma **tabela** da frequência do pólo até ao mês de Maio. Agrupa os dados de modo a tornar a leitura mais fácil.
- 2 – Utilizando o computador constrói:
 - a) A **tabela** de frequência.
 - b) O **Gráfico de barras** referente à tabela construída.
- 3 – Qual a semana em que o pólo foi mais frequentado?
- 4 – Calcula a **média** dos **alunos** que frequentaram o pólo nas **duas primeiras semanas**.

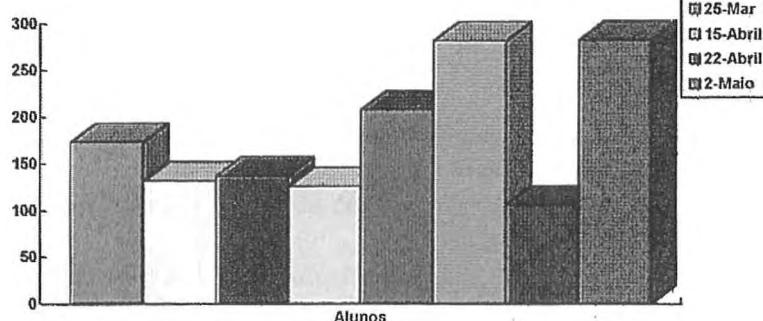


**Exemplo do trabalho de grupo
“Pólo de vídeo”**

Pólo de Vídeo

Semanas	Dias	Alunos
1 ^a semana	26-2	173
2 ^a semana	4-3	132
3 ^a semana	11-3	137
4 ^a semana	18-3	126
5 ^a semana	25-3	208
6 ^a semana	1-4	282
7 ^a semana	8-4	106
8 ^a semana	2-5	283

Pólo de Vídeo





Reflexão dos Alunos sobre as Actividades Desenvolvidas

No final das actividades os alunos reflectiram sobre as práticas desenvolvidas, nomeadamente sobre as vantagens e inconvenientes do trabalho em equipa cooperativa. Seguem-se os resumos de alguns depoimentos:

Alcina:

- Os colegas ajudam e *sentem-se todos bem por estarem a ajudar*, aprende-se mais,
- Quando a professora explica é só uma cabeça, uma explicação. No *trabalho no grupo junta-se tudo*, o que todos aprenderam.
- Gostei das actividades. Pude ajudar a fazer as coisas que sei. Também sou ajudada pela Sónia. É bom ter gente ao meu lado.

Atílio:

- O trabalho em grupo é bom e divertido,
- Progredimos porque há um que explica e quem sabe menos vai percebendo.
- *Aquele que explica também aprende mais.* As coisas ficam mais claras na sua cabeça.
- *Gosto de trabalhar em grupo porque em grupo temos de chegar a um acordo.*

Flávio:

- Estamos unidos e a trabalhar juntos.
- É bom porque nos conhecemos melhor, podemos-nos juntar e *as relações melhoram*.
- *Fiquei a conhecer melhor os meus colegas.*
- Aprende-se mais trabalhando em grupo porque temos que ajudar os outros colegas. No meu caso ajudo mais. Ao explicar aos colegas aprende-se a dialogar e a perceber melhor as matérias.
- *É preciso ter paciência para trabalhar em grupo.*

Laura:

- Os colegas ajudam-me.
- Quando a professora explica às vezes não percebo.
- Os meus colegas explicam até eu perceber.
- *Quanto melhor perceber mais posso ajudar o grupo.*

Marco:

- *Quando a professora explica é para todos.*
- *Quando o Nelson explica é só para mim.*
- *A gente pode dialogar, conversar uns com os outros e ajudar uns aos outros.*

Sónia:

- *Dá-me "alegria" explicar à Cláudia.*
- Sinto que ensinar os outros ajuda-me a perceber melhor.

9.
Alguns Resultados

Foi possível melhorar as interacções professor-aluno e, principalmente, aluno-aluno. Foi também possível melhorar significativamente o êxito escolar. Consideram-se, pois, alcançados os objectivos anteriormente referidos, atribuídos à avaliação neste modelo de aprendizagem cooperativa. Saliente-se ainda que o controlo das actividades deixou de estar centrado no professor e passou a estar distribuído por toda a turma.



Alunos Bons



Alunos Médios



Alunos Fracos

Legenda:



Aluno(a) de ascendência PALOP

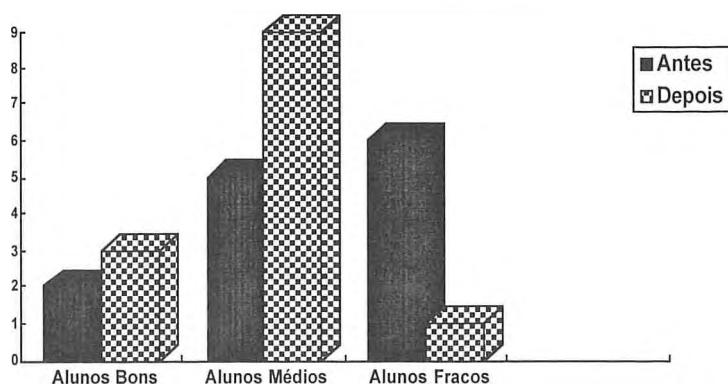


Rapaz



Rapariga

Êxito Escolar





Índice de Anexos

Anexo I: Exemplo de Ficha de Torneio de Grupo	163
Anexo II: Mapa com os Pontos dos Torneios	164



Anexo I
Exemplo de Ficha de Torneio de Grupo

Torneio de Grupo
6º ano

Nome _____ Nº. _____ Tª: _____

1 – A Teresa Raquel foi ao Hipermercado "Feira Nova" numa segunda-feira e encontrou uma campanha de promoção **"pague dois e leve três"** para os seguintes produtos:

1 Kg Arroz – 200\$00
1 emb. Café MoKambo – 590\$00
1 emb. Sonasol Líquido – 170\$00
1 Livro do Tintim – 1 500\$00
1 Tshirt Michael Jackson – 1 000\$00

a) Sabendo que a Teresa Raquel comprou três livros do Tintim, três Tshirt e uma embalagem de arroz quanto pagou na caixa?

b) Para pagar a despesa a Teresa Raquel levou uma nota de 10 000\$00. Quanto recebeu de troco?

2 – Passado dois dias voltou ao mesmo Hipermercado e encontrou outra promoção. Todos aqueles artigos tinham um desconto de 50%.

a) Sabendo que a Teresa Raquel comprou outro livro do Tintim, uma garrafa de Sonasol e uma embalagem de café MoKambo, quanto pagou na caixa por estas compras?



Anexo II
Mapa com os Pontos dos Torneios

Mapa, afixado na sala de aula, com os pontos distribuídos nos torneios:

Grupos	1º Torneio Grupal	1º Torneio Individual	2º Torneio Grupal	2º Torneio Individual	3º Torneio Grupal	3º Torneio Individual	4º Torneio Grupal	4º Torneio Individual	5º Torneio Grupal	5º Torneio Individual	6º Torneio Grupal
G ₁	Rui	3	3+	3	3+	3	3	3+	3	3+	3+
	Atílio	3+	3	3+	3	3+	3	3	3+	3	2+2
	Marco	3	3+	3	3	3+	3+	3+	3	3+	2 2+2
G ₂	Flávio	3+	3	3	3	2+2	3+	2 3+2	3+ 3	3 3	2 2
	Sónia	3	3+	3	3	2 2+	3	2+3 2	3 3	3+ 3	2 2
	Sofia	3	3	3+	3	2 2	3	2 3 2	3 3+	3 3	2+ 2
	Emyr	3	3	3	3+	2 2	3	2 3 2+	3 3	3 3+	3+ 3
G ₃	Carla	3	3	3	3+			3		3 3+ 3	3 2
	Nelson	3+	3	3+	3			3+		3+ 3 3	2 3
	Laura	3	3+	3	3			3		3 3+ 3	2+ 3
G ₄	Alcina		3	3+ 3			3		3 3+ 3		
	Ottónaya		3+	3	3				3+ 3 3		
	Cláudia		3	3	3+		3		3 3 3+		

A APRENDIZAGEM COOPERATIVA NA DISCIPLINA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Tornar motivante e eficaz o estudo de uma obra de leitura extensiva como o “Cavaleiro da Dinamarca” foi o desafio. As estratégias e actividades de aprendizagem cooperativa, bem como a sistematização da aprendizagem através de jogos foram a resposta encontrada. E a propósito dos direitos humanos, seguiu-se, através da técnica da leitura por pistas, em pares, a exploração da obra “O mundo em que eu vivi”, situada na Alemanha dos anos 30 e inserida numa planificação orientada para o desenvolvimento de atitudes e valores como a solidariedade e a paz. São apresentados materiais e a avaliação que os alunos fizeram da metodologia seguida.

Rita Ramalho Ortigão Costa

Escola EB 2+3 Gonçalves Crespo



Índice

1. Introdução	169
2. Estudo do Conto “O cavaleiro da Dinamarca” de Sophia de Mello Breyner Andresen através da Aprendizagem Cooperativa	169
2.1. Introdução	169
2.2. Organização do Trabalho	170
2.3. Procedimento	171
3. O Estudo dos Direitos do Homem	173
3.1. Introdução	173
3.2. Objectivos	174
3.3. Actividades Desenvolvidas	175
3.4. Avaliação	177
3.5. Hipóteses de Continuação do Trabalho	179
4. Algumas Considerações Finais	180
5. Anexos	181



I. Introdução

As experiências que irão ser descritas enquadram-se numa Escola Básica com 2º e 3º ciclos, situada numa zona limítrofe de Lisboa (Pontinha), com características de “dormitório” da grande cidade, que serve uma população de um nível sócio-económico baixo (1/3 dos alunos são apoiados pelo Serviço de Acção Social Escolar), com uma escolarização mínima e que corresponde, na sua maioria, à antiga 4ª classe. A presença de uma percentagem significativa de minorias étnicas (11%-12%), originária sobretudo de África, traduz-se, na prática, na inclusão, em média, por turma, de 2/3 alunos de diferentes grupos étnicos, constituindo esse dado mais um traço distintivo desta comunidade, culturalmente heterogénea e com fortes raízes rurais.

Inserida numa zona marcadamente jovem e “em crescimento”, a escola encontra-se sobrelotada, funcionando com duplo horário, para melhor aproveitamento das suas instalações. Este factor, com consequências directas no clima de trabalho, em geral, condiciona e dificulta a acção educativa, numa escola marcada por taxas elevadas de insucesso.

As actividades adiante apresentadas foram realizadas num mesmo contexto: uma turma de 7º ano de escolaridade, na disciplina de Língua Portuguesa, para desenvolvimento de competências de base dos alunos, com especial incidência na competência de leitura, para a qual se sentiu necessidade de criar estratégias desencadeadoras de uma prática, ainda mal dominada, e que constitui um pré-requisito da maioria das actividades escolares.

Este grupo que era inicialmente constituído por 28 alunos de 12/13 anos, passou, mais tarde, a ser de 27, devido ao abandono de um dos seus elementos, por motivos alheios à escola. A turma, maioritariamente formada por raparigas, sendo duas delas de origem africana, tinha um aproveitamento escolar razoável, havendo, contudo, alunos bons, médios e outros mais fracos.

A primeira experiência de trabalho cooperativo foi realizada a propósito do estudo de uma obra do programa: “O Cavaleiro da Dinamarca” de Sophia de Mello Breyner, avaliada de forma bastante positiva pelos alunos e que fez surgir, depois, outros trabalhos que também utilizaram estratégias de trabalho cooperativo, nomeadamente, uma unidade de desenvolvimento curricular, para estudo dos Direitos do Homem, que será igualmente descrita.

Esta segunda experimentação, embora não tivesse seguido com rigor os procedimentos de nenhuma das variantes conhecidas, apresenta afinidades com a aprendizagem cooperativa, pelo que parece oportun a sua inclusão nesta reflexão, sobre estratégias de motivação e integração de alunos na sala de aula e na escola, em geral.

2.

Estudo do Conto “O CAVALEIRO DA DINAMARCA” de Sophia de Mello Breyner Andresen através da Aprendizagem Cooperativa

2.1. Introdução

“O CAVALEIRO DA DINAMARCA” é um conto de Sophia de Mello Breyner Andresen que se utiliza



frequentemente, ao longo dos anos, por múltiplas razões que vão desde a preferência pelo modelo de escrita da autora, à construção/estrutura da história e, naturalmente, à mensagem subjacente ao enredo que está de acordo com as intenções educativas e formativas do Ensino Básico onde a formação moral e social aparece, a par do desenvolvimento cognitivo e cultural, do físico e motor.

Nesta linha, “O CAVALEIRO...” parece ser uma obra exemplar pelos valores que pode veicular e que se julga serem modelos de referência significativos que poderão ajudar os alunos na estruturação do seu carácter, do seu universo social e étnico, para que eles se possam posicionar melhor no mundo, compreender o que os rodeia e, de forma concreta, se preparem para a vida.

Por outro lado, “O CAVALEIRO DA DINAMARCA”, pela própria natureza da história, passada em diferentes locais, torna-se um meio óptimo de sensibilizar os alunos para uma abertura ao mundo, a diferentes modos de viver, diferentes culturas, em sintonia com os objectivos de uma educação intercultural.

Nesta perspectiva, a história, pode ainda ser entendida como uma forma de fazer surgir “o fio”, “o traço de união” que liga todo o universo e que permite falar de valores universais, subjacentes à diversidade cultural, ou de valores transculturais da humanidade que precisamos fazer surgir numa educação intercultural.

O recurso à aprendizagem cooperativa para estudo deste conto, proposto pelo programa, surgiu naturalmente, quando se verificou existirem, da parte dos alunos, dificuldades de leitura, talvez devido à muita informação para que ele remete e que exige um maior acompanhamento do professor.

2.2. *Organização do Trabalho*

“O CAVALEIRO DA DINAMARCA” é um conto com uma estrutura narrativa linear que tem por base o percurso de uma personagem, por mar e terra, através da Europa e Médio Oriente, com referências a África, num tempo que se situa no séc. XV/XVI.

A descrição desta viagem e as suas sucessivas paragens (“janelas abertas” que deixam perceber o mundo de então, em diversas perspectivas) permitiram encontrar subtemas naturais que os alunos aprofundaram, em grupos de trabalho, com tarefas próprias. Esta estratégia tinha como objectivo a compreensão mais aprofundada do conto, através da utilização da aprendizagem cooperativa.

O estudo da obra “O CAVALEIRO DA DINAMARCA” foi iniciado com uma leitura individual, pedida aos alunos em tarefa de casa, seguido da exploração de pequenos episódios, como a história de Pero Dias e do Negro, a história de Vanina e o trecho referente ao Natal, em especial a parte final.

A aplicação de um pequeno teste de compreensão global do conto, logo após a primeira leitura “encomendada” (com uma percentagem muito grande de resultados fracos), fizera perceber que a leitura individual tinha sido deficiente e que haveria que retomar o estudo desta obra, aproveitando-a nas suas potencialidades e, ao mesmo tempo, ajudar os alunos a desenvolverem a competência de base de leitura.

O modelo de ensino escolhido foi então a APRENDIZAGEM COOPERATIVA, que permite apoiar os alunos nas aprendizagens escolares, assim como possibilita o desenvolvimento de melhores relações grupais, dentro da sala de aula, pela utilização do diálogo, facilitador da comunicação.

Sendo esta a primeira tentativa de aplicação deste método estudado e experimentado por diferentes autores, tentou-se seguir de perto as sugestões apresentadas por aqueles, em especial na



formação de equipas heterogéneas, com uma estruturação de tarefa e com incentivo cooperativo, onde a participação de todos fosse valorizada e determinante para a consecução do trabalho.

A variante do modelo escolhido foi o JIGSAW, *desenvolvido e testado por Elliot Aronson e seus colaboradores (1978) na Universidade do Texas e posteriormente adoptado por Slavin e pelos seus colaboradores de Johns Hopkins.*

2.3. *Procedimento*

Inicialmente, o grupo de 28 alunos foi dividido por 5 grupos, de 5/6 alunos, cada qual com uma tarefa específica: a reflexão sobre um tema, através de guião, para orientação do trabalho, assim como a consulta de materiais informativos necessários (apropriados à idade e fornecidos aos grupos).

Numa segunda fase, desfeitos os grupos de estudo, foram reconstituídos outros, com a participação de elementos dos diferentes temas de estudo, para o preenchimento de uma outra ficha onde se pedia que aplicassem os conhecimentos obtidos pela pesquisa anteriormente feita.

Para que o trabalho decorresse de forma mais autónoma, foram preparados materiais específicos que impediram a dispersão e permitiram que cada grupo trabalhasse de acordo com o seu ritmo, dentro do espaço da sala.

Também foram dadas explicações gerais sobre os objectivos da metodologia, com as instruções necessárias, para que eles compreendessem o seu papel, numa aula de aprendizagem cooperativa.

Para finalizar o trabalho, os alunos tiveram ainda a oportunidade de “brincar” com a história, através de actividades que remetiam para aspectos de conteúdo do “Cavaleiro”, aprendidos em conjunto. Este momento lúdico, para além de constituir um reforço e consolidação do conhecimento que tinham adquirido da história, foi outra forma de socialização e de desenvolvimento de capacidades que qualquer jogo proporciona.

1ª Aula – *Grupos de estudo*

O trabalho foi realizado em aula de duas horas, para que houvesse tempo suficiente para a realização da tarefa: o estudo de uma das zonas por onde passa o cavaleiro, ao longo da sua viagem (Dinamarca, Terra Santa, Veneza, Antuérpia), trabalho apoiado em guião próprio que orientou a recolha de informação, a retirar do conto e de outros materiais de consulta apropriados (Anexo 1).

Os alunos, depois de numerados de 1 a 5, foram agrupados de forma aleatória, calhando em todas as mesas elementos capazes de conduzir colegas com mais dificuldades.

O grupo que pareceu “mais forte” ficou com a tarefa que impunha um maior número de consultas de materiais (Palestina).

Ao primeiro grupo a terminar o trabalho, foi ainda fornecida um tema de estudo suplementar (O Convento), mais reduzido que os anteriores, mas que importava analisar.

Os dois primeiros grupos a concluir o trabalho (Dinamarca e Veneza) tinham ficado com os temas, parcialmente conhecidos, além de não necessitarem de muitas leituras extraordinárias.

Ao longo da sessão de trabalho, os grupos estiveram sempre activos, cabendo ao professor a



tarefa de, “no exterior”, acompanhar individualmente todos os grupos, e facilitar algumas explicações necessárias, resultantes de dúvidas apresentadas pelos guiões de estudo.

A fase inicial do trabalho decorreu num bom clima, com troca de opiniões e a intervenção de todos os elementos, ao mesmo tempo que iam fazendo os seus registos individuais. Os resultados foram bastante satisfatórios.

2^a Aula – Grupos reestruturados

A segunda parte do trabalho (o preenchimento de uma ficha para a totalidade da obra) foi feito com a participação de um elemento de cada grupo de estudo, o “especialista” do tema (Anexo 2).

Esta estratégia permitiu que todos os alunos estivessem implicados activamente no novo grupo onde adquiriam uma importância especial junto dos colegas que estavam na sua dependência, para a boa conclusão da tarefa. A posição de destaque permitida pelo papel de “liderança”, obrigou os mais tímidos e inseguros a assumirem uma nova posição que ajudou à sua revalorização e auto-estima.

Verificou-se que nenhum aluno ficou “de fora” do trabalho e que todos se esforçaram, não havendo tempos mortos, nem grandes distrações, ao longo de duas horas de trabalho ininterrupto, com a preocupação de chegar ao fim da tarefa, para a qual todos tinham dado o seu contributo.

Julga-se que o resultado do trabalho foi igualmente satisfatório, pois todos conseguiram concluir as tarefas propostas.

3^a Aula – Jogos de consolidação

As actividades lúdicas que terminaram o estudo deste conto, constituíram momentos de entusiasmo e, no final, bastantes alunos utilizaram a expressão “divertido”, quando se lhes referiram. Os jogos permitiram a consolidação dos conhecimentos adquiridos, fazendo uso de conteúdos significativos da história (Anexo 3).

Com o primeiro jogo, “Ordenação Temporal das Acções”, pretendia-se fazer surgir o fio condutor da história: a viagem atribulada do cavaleiro, com as suas aventuras e paragens, até ao regresso definitivo a casa, dois anos depois.

O segundo jogo, “Quatro em Linha”, tinha como objectivo fazer associar as personagens do conto ao papel que desempenhavam na história.

Cada grupo, dividido em duas equipas, dispunha de um tabuleiro quadriculado onde estavam registados os “papéis” dos personagens, um por quadricula, que os alunos procuravam preencher em casas contíguas, de modo a conseguirem colocar “4 em linha”. Para isso, eles dispunham de duas colecções de cartões (com cores diferentes por equipa), contendo as imagens dos personagens e que, voltados para baixo, na mesa, eram retirados e colocados, à vez, no tabuleiro, em jogadas sucessivas, até que uma das equipas conseguisse “4 em linha”.

Para terminar o trabalho, neste último dia, os alunos fizeram a avaliação da actividade, tendo sido individualmente questionados sobre o seu grau de satisfação, o interesse e contributo do método, para o desenvolvimento de aprendizagens e sobre a vontade de repetir a experiência (Anexo 4).



Nesta aula, os alunos utilizaram os conhecimentos que tinham adquirido, ao mesmo tempo que se desenvolveram do ponto de vista pessoal e social, distribuindo papéis, estabelecendo regras, ultrapassando conflitos, reconhecendo capacidades, interiorizando atitudes de tolerância, negociação e respeito.

Com este trabalho exploratório de utilização de estratégias de Aprendizagem Cooperativa para o desenvolvimento da competência de leitura, foram constatados aspectos que parecem ser bons indicadores das vantagens que podem advir de uma utilização continuada desta metodologia de trabalho, quer a nível sócio-afectivo, quer do ponto de vista do desenvolvimento cognitivo.

Assim:

- o estudo do Cavaleiro da Dinamarca foi uma experiência de êxito e parece ter proporcionado uma efectiva igualdade de oportunidades;
- todos estiveram activos e autónomos, dialogando entre si e partilhando conhecimentos;
- o professor, o organizador das actividades, foi depois um animador do processo ensino/aprendizagem que esteve a cargo dos próprios alunos;
- o professor pôde ajudar os alunos a reflectir sobre a própria aprendizagem, o seu sentido, e o modo como ela deve ser feita;
- todos realizaram com agrado este trabalho, manifestando-o explicitamente na ficha de avaliação final, ao mesmo tempo que enumeraram vantagens encontradas na utilização desta técnica;
- esta metodologia parece poder ter reflexos positivos no aproveitamento escolar dos alunos, assim como no seu equilíbrio emocional.

3.

O Estudo dos Direitos do Homem

3.1. Introdução

OS DIREITOS DO HOMEM são uma temática que os alunos irão estudar mais tarde, contudo, o seu aproveitamento como matéria de reflexão no 7º ano pareceu oportuna, pois, para além de constituir uma sensibilização antecipada, ela surgia no horizonte, como “pano de fundo” e sinal de esperança, após a leitura de uma obra programática que se enquadra na Alemanha, no início da guerra: “O MUNDO EM QUE VIVI” de ILSE LOSA

A liberdade de opção que os programas de Língua Portuguesa proporcionam aos professores, permitem a escolha de obras que se coadunam com os interesses pessoais e as circunstâncias vividas.

No contexto daquela obra, fazia todo o sentido realçar um documento que defende a defesa de valores universais, condenando preconceitos e ideologias que põem em causa a dignidade do homem.

A acrescer a este facto, surgia a recente celebração dos 50 anos de criação da Organização das Nações Unidas que parecia ser ocasião para divulgar aquela que se pensa ser uma das suas mais importantes obras: A Declaração Universal dos Direitos do Homem, documento assinado em 1948 que constitui uma valiosa referência para a maioria dos povos.



O apoio de todos, e em especial da escola, aos ideais defendidos pela ONU e subjacentes à Carta dos Direitos do Homem, será sem dúvida a melhor forma de prevenção contra sentimentos de discriminação, xenofobia e racismo, hoje latentes na nossa sociedade e causadores de tanta violência.

No decorrer deste ano lectivo, Lisboa e outras cidades portuguesas acolheram dois sobreviventes de campos de concentração nazis que chegaram como mensageiros da paz, dispondo do seu tempo, para divulgarem a sua tão dolorosa experiência e, ao mesmo tempo, fazerem um apelo muito concreto: "Não deixem esquecer..."

Assim como os contos e lendas que constituem o nosso imaginário, são transmitidos de geração em geração, também os fantasmas e horrores vividos e presenciados pelos nossos pais e avós devem ser recontados aos mais novos, sempre que a ocasião se proporcione.

Nesta linha, e no enquadramento de uma planificação para o 7º ano, onde se propunha a sensibilização e interiorização de valores essenciais, como a solidariedade, foi decidido o estudo da obra de Ilse Losa e é nesta perspectiva que se situa o presente trabalho.

A nova Reforma Curricular portuguesa, com preocupações de índole formativa e de desenvolvimento de atitudes e valores, constitui o seu quadro de referência, juntamente com o papel formativo e formador que atribui à avaliação:

"O regime de avaliação dos alunos deve estimular o sucesso educativo de todos os alunos, favorecer a confiança própria e contemplar os vários ritmos de desenvolvimento e progressão."

Neste livro autobiográfico, Ilse Losa faz um relato na primeira pessoa daquele que foi o "seu mundo" na juventude, altura em que sentiu a discriminação e a perseguição que a levou a uma saída precipitada da sua terra, no início da 2ª Guerra Mundial (acontecimento que serve de referência ao final do livro e que determina a fuga da autora da Alemanha).

Esta obra que marca simbolicamente o início de uma página dolorosa da história, serve também de ponto de partida para um trabalho mais alargado de sensibilização aos Direitos do Homem, para a interiorização dos seus princípios, de forma a contribuir para a formação de cidadãos tolerantes e activos, na defesa da justiça e da paz.

Importa ainda referir que este relato autobiográfico, que tem alguns pontos em comum com o "Diário de Anne Frank" e o "Diário de Zlata", é também um óptimo meio de informação das tradições e cultura do povo judeu, contituindo, por isso, a sua leitura um contributo enriquecedor para uma educação multicultural.

3.2. Objectivos

- 1 – Desenvolver competências básicas de leitura.
- 2 – Treinar a capacidade de concentração e de atenção continuada e persistente.
- 3 – Motivar os alunos para a prática autónoma da leitura.
- 4 – Fomentar a cooperação, para o desenvolvimento de laços de amizade e de entreajuda.
- 5 – Educar para os valores da tolerância e da paz.
- 6 – Interiorizar normas éticas e morais, em questões de interesse pessoal e colectivo.
- 7 – Ensinar a valorizar e respeitar as diferenças culturais.

- 8 – Saber reconhecer indicadores e situações de intolerância na sociedade em geral.
- 9 – Sensibilizar os alunos para o sofrimento causado por atitudes de racismo e xenofobia e pela guerra.
- 10 – Desenvolver sentimentos de solidariedade activa, para a prevenção e combate a qualquer forma de discriminação.
- 11 – Fazer descobrir os ideais subjacentes à Declaração dos Direitos do Homem.
- 12 – Alimentar atitudes de esperança e de confiança num futuro mais justo.
- 13 – Divulgar à comunidade a Carta dos Direitos do Homem.

3.3. Actividades Desenvolvidas

Esta unidade de desenvolvimento curricular, cuja finalidade era, como já se referiu, a descoberta dos Direitos Humanos, teve nos seus horizontes a dimensão cognitiva, afectiva e comportamental do indivíduo.

Ela iniciou-se com o estudo de um pequeno excerto do livro “O Mundo Em Que Vivi” que permitiu verificar a fraca sensibilidade dos alunos ao problema dos judeus, enquanto grupo perseguido e discriminado até às últimas consequências.

Perante uma questão onde era suposto os alunos referirem a origem judaica da narradora (expressa de forma explícita em texto à parte), isso apenas foi sugerido por 3/4 alunos, num grupo de 27.

A pouca idade dos alunos justificava, talvez, a não identificação desta problemática e das suas implicações na Alemanha dos anos 30, apesar de todos os documentos visuais a que decerto já tiveram acesso.

De qualquer forma, a associação do povo judeu a sentimentos de discriminação e a genocídio, (facto hoje um pouco longe da nossa realidade) talvez seja comparável a sentimentos de racismo expressos por sectores mais radicais das populações, para com indivíduos pertencentes a minorias étnicas.

Logo de seguida, iniciou-se a *leitura extensiva do livro “O Mundo Em Que Vivi”*, utilizando uma estratégia cooperativa de trabalho, porque esta obra, nas suas 196 páginas, constituía um problema difícil de ultrapassar, por alunos pouco habituados a uma prática de leitura.

Como incentivo e motivação, foi adoptado o método de leitura “*na pista do pormenor*”. Deste modo, os alunos em grupos de pares, foram levados a ler, capítulo atrás de capítulo, na busca de um “simples pormenor” de que precisavam, para completar uma ficha que acompanhava cada uma das sessões.

A simplicidade deste método, cujo objectivo é “fazer” ler, sem que o leitor se dê conta, assenta num suporte que ajuda à compreensão da mensagem e à focalização da atenção, ao mesmo tempo que permite a distribuição de êxito pela totalidade dos grupos que, entusiasmados pelo resultado alcançado, (logo constatado no final de cada sessão pela prática de hetero-correcção com o fornecimento de soluções), retomam com gosto a tarefa antes iniciada.

Em seis sessões, de 45 minutos cada, todos os grupos de pares, cada um ao seu ritmo, concluíram com êxito uma tarefa completa: a leitura de um livro com uma extensão considerável, com a participação activa de todos, sem exclusões (Anexo 5).



Com uma tarefa partilhada e uma recompensa comum, os grupos de leitura que se mantiveram fixos até à conclusão do trabalho, estabeleceram uma interdependência positiva de entreajuda, com reflexos no fortalecimento de laços de amizade e no espírito de cooperação.

A avaliação sistematizada, registada em quadro na turma, contribuiu para uma saudável competição entre colegas, com algumas características de *torneio de leitura*, uma vez que os grupos procuravam superar o resultado anteriormente alcançado (ou mantê-lo caso tivesse sido de 100%), podendo ao mesmo tempo compará-lo com o dos colegas.

A formação heterogénea e equilibrada dos grupos não permitiu que nenhum se distinguisse negativamente perante os colegas, ajudando assim este trabalho ao desenvolvimento positivo da auto-estima e confiança que contribuiram certamente para o êxito alcançado por todos.

A transição deste trabalho para a fase seguinte foi feita naturalmente, através da ficha de “*AVALIAÇÃO DO TRABALHO*” onde, a partir da noção de anti-semitismo, se abriu o debate para outras *manifestações sociais de intolerância* (Anexo 6).

Esta abordagem global de diferentes casos de injustiça social, presentes aqui e ali, em muitos pontos do nosso planeta, ajudou certamente à compreensão de situações sempre presentes nos *mass media*, ao mesmo tempo que despertou consciências e contribuiu para uma educação para valores de tolerância e solidariedade, tão esquecidos no nosso quotidiano.

“Alexanderplatz. O mar da multidão que me absorve, a mim, a gota insignificante, que vivia, respirava, via o céu, o sol. Ao meu lado, diante de mim, atrás de mim, corpos, rostos, vozes. Gente como eu. Mas ninguém sabe que a minha vida esteve em jogo poucos minutos antes, que eu, judia Frankfurter, tenho cinco dias para deixar o país.”

Estas são as palavras finais do livro, a partir das quais se partiu para a reconstituição dos “episódios” seguintes: a terrível perseguição aos judeus, a guerra generalizada, o horror dos campos da morte, (presentes na memória colectiva de uma geração e reavivados em numerosos documentos cinematográficos, como “A Lista de Schindler”), o sofrimento e as dificuldades sentidas em toda a Europa até 1945, data histórica que marca o final da guerra, tempo de grande euforia, pela vitória alcançada sobre as forças de Hitler.

Foi esta também a sequência dada ao trabalho. Em grande grupo, na sala.

Estava criado o cenário que permitiu explicar aos alunos a constituição da *Assembleia das Nações Unidas*, cuja prioridade era resolver problemas resultantes da guerra, para, em 1948, fazer proclamar, finalmente, a *Carta dos Direitos do Homem*, documento que se destinava a proteger a dignidade humana.

Chegado estava o momento da “proclamação”, na sala, dos 30 artigos que constituem a Carta dos Direitos do Homem e que foram lidos um a um, pelos diferentes alunos, na sua versão original, logo seguida de uma outra em linguagem corrente que ajudou a traduzir princípios ainda um pouco complexos para alunos daquele nível etário.

Seguiu-se a visualização de dois pequenos *videos*, cedidos pelo Centro de Informações das Nações Unidas, em Lisboa:

– “*L'Enfant de notre Planète*” (5m) – Filme dirigido às crianças e onde se procura explicar as funções medianeiras da ONU, partindo de imagens da sua sede, em Nova Iorque, e mostrando apontamentos vários onde a violação dos direitos das crianças obrigam a uma intervenção directa



de forças especiais das Nações Unidas.

– “*L’Impossible Rêve*” (8,15m) – Filme de animação que pretende reflectir sobre a situação desigual em que vive a mulher na nossa sociedade e que termina com a interrogação: será a mudança “um sonho impossível?”

No seguimento desta sensibilização aos Direitos do Homem, os alunos fizeram uma *leitura da imprensa*, à luz da Carta das Nações Unidas, para procurarem situações exemplares de violação desses direitos fundamentais da pessoa humana.

Estes documentos serviram para organizar um *Jornal de Parede*, onde se distinguiram situações de violação dos direitos humanos e factos em prol da defesa desses mesmos direitos.

Ao lado deste Jornal, fez-se a *afixação de um cartaz com a Declaração dos Direitos do Homem*, para divulgação à comunidade daquelas mensagens.

Finalmente, todos levaram para casa uma pequena *brochura de bolso com os Direitos do Homem*, oferecida pelo Departamento de Informação das Nações Unidas de Lisboa, assim como um outro documento designado “Passaporte para o Futuro”, fornecido pela Secretaria de Estado da Juventude.

Quer-se ainda referir que, paralelamente, alguns alunos realizaram trabalhos de pesquisa sobre a 2ª Grande Guerra e sobre Ilse Losa.

3.4. Avaliação

Numa avaliação pedida em escala de 1 a 5, todos os alunos interpelados atribuíram a classificação 4 e 5, o que revela a sua satisfação quanto ao trabalho realizado que esperamos seja eficaz e determinante na mudança de comportamentos.

Parece importante referir que esta leitura foi iniciada nas seis turmas do 7º ano de escolaridade, pelas respectivas professoras que aderiram com entusiasmo a esta proposta.

Esta primeira actividade donde se partiu para o estudo dos Direitos do Homem, foi ainda sujeita a uma avaliação específica, à luz dos conceitos de *eficácia, eficiência e equidade* e de acordo com determinados indicadores que se apresentam de seguida:

A “variável de entrada” (falta de sensibilização ao problema do anti-semitismo) sofreu modificação, pois, na avaliação feita posteriormente pelos mesmos alunos, todos souberam identificar, entre várias “situações sociais de intolerância”, o anti-semitismo, (evidente ao longo de todo o livro e, num crescendo tal, que termina com a fuga da autora da Alemanha) e relacioná-lo com a mensagem presente no conteúdo do livro.

Esta reacção massiva da parte dos alunos é, julga-se, um bom *indicador de eficácia dos efeitos pedagógicos* pretendidos com a leitura desta obra programática, escolhida expressamente, para sensibilizar os jovens, para a dor e o sofrimento causados por qualquer forma de discriminação.

Os quadros de registo de sistematização dos resultados dos alunos constituem também um bom *indicador da eficácia interna desta metodologia*, pelo equilíbrio de resultados obtidos, ao longo das seis sessões de leitura.

O pequeno grau de dificuldade das fichas foi propositado, pois o seu principal objectivo, como já se referiu, era obrigar à leitura completa de todos os capítulos onde a “resposta” estava quase sempre na parte final.



O cumprimento do prazo estipulado para o desenvolvimento da competência de leitura, com a utilização da técnica “na pista do pormenor”, foi cumprido. Este constitui um *indicador da eficiência da programação e dos recursos mobilizados*.

A razão da escolha desta estratégia de leitura dentro da sala já foi referida anteriormente, ela assentou numa preocupação de *equidade entre alunos* com um desenvolvimento diferente, em contexto heterogéneo, ao mesmo tempo que também possibilitou uma *equidade pedagógica entre turmas*, uma vez que ele foi efectuado em grupos com níveis de sucesso diferente.

A avaliação feita pelos alunos, quanto à *eficácia deste método de leitura* e ao seu grau de satisfação, é evidente, pela análise comparativa de resultados das turmas.

Julga-se ainda poder considerar que foram atingidos:

- os objectivos afectivos visados pela actividade: os alunos revelaram interesse pela história e mostraram vontade de continuar o trabalho.
- os objectivos de conteúdo: foi feita a sensibilização ao problema do anti-semitismo, da discriminação e do racismo.
- os objectivos do método: todos leram o livro, dentro do prazo previsto, mas num ritmo rápido, com o auxílio das fichas.
- os objectivos da avaliação: a distribuição de êxito por todos os alunos foi conseguida, tentando os alunos superar-se a si próprios e lendo o livro, cada vez com mais atenção.

Fazendo uma avaliação ao trabalho à luz da *meta-análise de Giaconia e Hedges (1983)*, podem-se encontrar, nesta metodologia, os indicadores necessários e suficientes de uma pedagogia aberta:

- o aluno manteve-se sempre activo, ao longo da tarefa, ocupando-se da sua própria aprendizagem, ficando o professor de fora, com a função de apoiar as aprendizagens;
- a avaliação diária e não convencional exerceu um papel de guia de instrução, substituindo o teste tradicional;
- os alunos manipularam um conjunto de fichas, para os estimular na aprendizagem;
- a instrução foi feita em pequeno grupo e o método utilizado procurava responder a uma dificuldade de leitura autónoma;
- este trabalho foi ainda partilhado com outros colegas que o utilizaram em todas as turmas do 7º ano (De Ketele).

A leitura da obra “O Mundo Em Que Vivi” (incluída numa unidade de desenvolvimento curricular já referida) teve também algum impacto no *clima social da sala*, uma vez que o sucesso obtido funcionou como auto-reforço que fazia com que os alunos se empenhassem, cada vez mais, na tarefa, com vista ao desenvolvimento da competência da leitura (meta – análise de Walberg, segundo De Ketele).

As atitudes e os comportamentos não são inatos, aprendem-se e influenciam não só todo o trabalho escolar subsequente, como a maneira de estar na vida.

Esta unidade de trabalho procurou actuar de forma global em várias dimensões dos alunos, tentando responder a alguns dos princípios enunciados por James Michael Lee, quanto à aprendizagem de conteúdos e atitudes:



- A percepção do significado ou da razão de ser de uma aprendizagem contribui muito para atingir os objectivos pretendidos.
- O tipo de recompensa obtida pelos exercícios relacionados com uma experiência determina, em grande parte, que a recordemos por muito tempo ou a esqueçamos.
- A necessidade de sucesso ou realização pessoal é factor importante para determinar a quantidade, qualidade e profundidade daquilo que se aprende.
- O sentimento ou emoção é uma variável muito importante que produz resultados de aprendizagem dum alcance, profundidade e grau de adaptação muito grandes.
- O conjunto de atitudes adquiridas por alguém determina em grande parte, o que virá ou não virá a aprender.
- As transferências de aprendizagem, constituem a médio e a longo prazo, o resultado mais importante do ensino, quer se façam de maneira estruturada ou não.

No respeitante à criação de condições favoráveis de interacção professor-aluno, pode-se considerar que esta unidade de desenvolvimento curricular também contribuiu para fazer realçar o importante papel que o professor desempenha:

- Ao proporcionar o desenvolvimento de competências evolutivas básicas, indispensáveis para o desenvolvimento posterior dos alunos.
- Ao desenvolver a motivação da eficácia, determinante na aplicação e esforço dos alunos para atingirem objectivos.
- Ao investir nos seus próprios recursos educativos, favorecendo assim a aprendizagem e motivação dos alunos, com reflexo posterior na sua própria motivação, enquanto docente.
- No “olhar atento” aos pequenos progressos, fundamentais para o próprio aluno.
- No estabelecimento de objectivos realistas, passíveis de se concretizarem.

(adaptação livre de “Escuela y Tolerância”, D.-Aguado, pp 67-68)

Foi com agrado que se desenvolveu esta actividade para sensibilização aos Direitos do Homem, pois ela foi mais uma achega que ajudou a entender como é importante o investimento em estratégias que vão de encontro aos interesses dos alunos e que possibilitam um bom clima de trabalho na sala.

3.5. Hipóteses de Continuação do Trabalho

O final do ano lectivo não permitiu a continuação deste trabalho de sensibilização aos Direitos do Homem, contudo, outras actividades poderiam decorrer desses mesmos direitos, agora numa tentativa de interiorização de atitudes e de modificação de comportamentos, com vista ao desenvolvimento da consciência moral dos alunos, de modo a contribuir para a sua ascenção ao 5º estádio, proposto por Kolberg, correspondente à filosofia dos Direitos do Homem.

I – Análise e discussão de alguns artigos de imprensa, em grupos cooperativos, para posterior



apresentação aos colegas.

2 – Continuação do trabalho cooperativo, num *Brainstorming* com imagens, para a produção de textos colectivos.

3 – Dramatizações preparadas nos mesmos grupos com *role-playing*, para posterior divulgação, e de acordo com os parâmetros:

– Situação de intolerância social, com a utilização de indicadores explícitos dessa mesma intolerância.

– A situação escolhida deve apresentar também sinais encorajantes de tolerância.

4 – Reflexão sobre algumas manifestações artísticas – símbolos de expressão de sentimentos colectivos.

5 – Leitura de poemas significativos de autores vários.

6 – Os grupos cooperativos concluiriam o seu trabalho, com a elaboração de trabalhos em defesa dos Direitos Humanos e em prol da paz. Cada grupo escolheria a forma de expressão que mais lhe agradasse: poema, carta dirigida a alguma personalidade significativa, denúncia de alguma situação de injustiça, através de notícia a enviar para jornal, etc.

4.

Algumas Considerações Finais

No Ensino Básico, o investimento do trabalho sobre as competências de base dos alunos parece ser a orientação a dar à estruturação de uma acção educativa, sabendo que aquelas são os pré-requisitos indispensáveis para, em situação de integração, possibilitarem o progresso e o sucesso escolar dos alunos, no domínio do *objectivo terminal de integração*. (“conjunto integrado de competências de base próprias de um determinado ciclo” ou “macro-competência”, De Ketele).

Do mesmo modo que um investimento continuado e sistemático em *estratégias eficazes e eficientes*, ao longo de um programa de ensino, faz aumentar a motivação dos alunos e permitir o sucesso escolar de todos.

Um esforço de adaptação das metodologias aos grupos, após um diagnóstico da situação, apresenta sempre resultados animadores, quer na redução da distância entre alunos de diferente nível de desenvolvimento, quer na sua atitude face à escola.

É nesta linha que parece importante que o professor organize e planifique as suas actividades, preparando, em simultâneo, materiais e um sistema de avaliação regulador, com indicadores de eficácia e de eficiência, que lhe permitam adequar o seu trabalho em função das diferentes necessidades dos alunos.



Índice de Anexos

Anexo I: O Cavaleiro da Dinamarca – Fichas de trabalho	183
Anexo II: Ficha Síntese da Informação Recolhida	189
Anexo III: Jogos de Consolidação	193
Anexo IV: Ficha de Avaliação	198
Anexo V: “O Mundo em que Vivi” – Fichas de Leitura	199
Anexo VI: Ficha de Avaliação e “Manifestações Sociais de Intolerância”	205



Anexo I

O CAVALEIRO DA DINAMARCA

FICHA DE TRABALHO 1º Grupo

Juntamente com os teus colegas, vais recolher dados que te permitam preencher a ficha.
Podes utilizar o conto e os materiais de consulta que te foram fornecidos.

DINAMARCA

Situação geográfica do país.

Localização inicial da história.

Caracterização da Floresta...

Inverno-

Primavera-

Verão-

Outono-

A festa do Natal em casa do Cavaleiro.

A viagem teve início em...



O CAVALEIRO DA DINAMARCA

FICHA DE TRABALHO 2º Grupo

Juntamente com os teus colegas, vais recolher dados que te permitam preencher a ficha.
Podes utilizar o conto e os outros materiais que te foram fornecidos.

PALESTINA

Localização geográfica

Motivações da viagem do Cavaleiro

No dia de Natal, o Cavaleiro pediu, em oração...

Locais sagrados por onde passou...(e seu significado)

Figuras históricas referidas...(e seu significado)

A viagem de regresso foi iniciada em...



O CAVALEIRO DA DINAMARCA

FICHA DE TRABALHO 3º Grupo

Juntamente com os teus colegas, vais recolher dados que te permitam preencher a ficha.
Podes utilizar o conto e os materiais de consulta que te foram fornecidos.

VENEZA

Localização geográfica

A cidade...

Aspecto Geral

Características

Pessoas

Ambiente

Interesses

A casa do Mercador

Assunto da 1ª história

Duração da estadia



O CAVALEIRO DA DINAMARCA

FICHA DE TRABALHO 4º Grupo

Juntamente com os teus colegas, vais recolher dados que te permitam preencher a ficha.
Podes utilizar o conto e os materiais que te foram fornecidos.

FLORENÇA

Localização geográfica

A cidade...

Características

Aspecto

Interesses...

-artes

-ciências

-letras

Em casa do Banqueiro Averardo...

Assunto da 1ª história

Assunto da 2ª história



O CAVALEIRO DA DINAMARCA

FICHA DE TRABALHO 5º Grupo

Juntamente com os teus colegas, vais recolher dados que te permitam preencher a ficha.
Podes utilizar o conto e os materiais de consulta que te foram fornecidos.

ANTUÉRIA

Localização geográfica

Alojamento

Ambiente

Aspectos culturais

Assuntos referidos nas histórias relatadas...

Locais de passagem... (sua localização e características próprias)



O CAVALEIRO DA DINAMARCA

FICHA DE TRABALHO

Juntamente com os teus colegas, vais recolher dados que te permitam preencher a ficha.
Podes utilizar o conto e os materiais de consulta que te foram fornecidos.

O CONVENTO

Localização geográfica

Motivo desta paragem

Características do Convento

Ambiente

Aspectos culturais...

Tratamento recebido

Duração da estadia

Destino seguinte



Anexo II

FICHA SÍNTSE

O CAVALEIRO DA DINAMARCA

Juntamente com os teus colegas, vais preencher esta ficha, utilizando os elementos que todos recolheram nos grupos de estudo. Podem também consultar o conto, se tiverem necessidade disso.

A Dinamarca é um país que fica _____.

A acção desta história começa numa floresta de _____, _____ e _____, na casa de um cavaleiro que ficava numa _____ onde se encontrava a _____ da floresta.

Na Dinamarca, os Invernos são _____ e _____. Tudo fica coberto de _____, os rios _____, os pássaros emigram, as árvores perdem as _____ excepto os _____. Na Primavera, a floresta enchia-se de _____ e _____ selvagens. Os _____ saltavam. Novas _____ cobriam as árvores. A _____ sussurrava, ouviam-se as _____.

No Verão, as crianças colhiam _____.

Teciam _____ de flores; dançavam e cantavam.

No Outono, o _____ despiu os arvoredos e, de novo, a floresta emudecia.

A maior festa do ano era na _____. Na casa do cavaleiro, muitos dias antes, faziam-se _____. O cozinheiro amassava _____, todas as coisas eram _____.

Em cima das portas eram penduradas _____. Havia calor, _____ e _____. Na noite de Natal, armava-se uma _____, em frente à lareira, onde se sentavam _____.

Comiam _____, bebiam _____ e _____.



No final da ceia, contavam _____ de lobos, _____, _____, _____
_____ e lendas. Mas as mais belas eram _____.

O cavaleiro partiu da Dinamarca na _____, em direcção à Palestina
que fica situada no _____ junto ao mar _____.

O cavaleiro partiu para a Terra Santa, como _____, para passar o Natal no

local onde Cristo nascera, em _____ e aí rezar.

No dia de Natal, o cavaleiro rezou na _____ onde Jesus nascera.

Pediu pelo fim da _____ e das _____, pela _____ e

_____ do mundo. Pediu ainda a Deus que o fizesse um _____,

capaz de amar os outros e que o protegesse _____.

Em Jerusalém, o cavaleiro visitou todos os lugares santos: o rio _____, o lago
de _____, o jardim das _____, o Monte do _____

Visitou ainda os lugares por onde passaram _____, _____, _____

O cavaleiro iniciou a viagem de regresso à Dinamarca, em _____.

Durante essa viagem, o dinamarquês passou por diversas cidades, antes de chegar à sua terra....

Primeiro, ele esteve em Veneza que fica situada _____.

Esta cidade foi construída sobre _____ e sobre _____.

As ruas eram _____ onde deslizavam _____ e

escuros. Os palácios eram de _____ com _____ e _____.

As paredes e os muros estavam decoradas com _____ e, por todo o lado, se viam
_____ de bronze.

Parecia uma cidade _____ do mar.

Em honra do cavaleiro, o Mercador que o hospedou organizou _____ e
divertimentos.

Ele também passeou pela cidade de _____. Visitou _____ e
mercados onde se vendiam _____, _____, _____, _____,

Em casa do Mercador, ouvindo _____ e _____
eles ceavam _____ e bebiam _____.

Certa noite, o Mercador contou a história de _____, a rapariga mais bela de
Veneza que fugira com _____. porque _____ com Arrigo a quem o
seu tutor a prometera.



O cavaleiro esteve em Veneza durante _____, até que depois partiu para _____.

No início de _____, o cavaleiro chegou a Florença.

Vista do alto, a cidade mostrava os seus _____ vermelhos, as suas torres, _____ e _____.

O cavaleiro passou ... _____ onde havia _____ lojas que vendiam _____, _____,

Depois, ele percorreu as ruas rodeadas de _____, atravessou _____ e viu igrejas de mármore _____ e _____, com grandes portas de _____ e estátuas.

A cidade tinha um aspecto _____ e _____.

O _____ Averardo que acolheu o cavaleiro na sua casa, tinha uma _____ cheia de antiquíssimos _____ e _____ maravilhosos.

No final do dia, naquela casa, juntavam-se os amigos para _____, _____ e _____. Entretanto, falavam dos movimentos do _____ e da _____, de _____, de _____, de _____, de _____, de _____, de _____.

A certa altura, Filippo contou a história de Cimabué que foi o _____ e que descobriu o jovem pastor _____ que viria tornar-se num célebre _____.

Em seguida, Filippo falou ainda de _____ e da sua paixão por _____ que morrera ainda jovem e cuja morte deixou o poeta _____.

Com o _____, Dante iniciou uma vida de _____ que terminou no dia em que lhe apareceu a sombra de _____, poeta da antiguidade que, a mando de Beatriz, o guiou pelo _____, _____, _____ e _____, para que depois fizesse um _____ onde contasse a viagem que fizera. Dante escreveu assim _____.

Florença era a cidade da _____ e da _____.

O cavaleiro esteve ali cerca de _____ e continuou a sua viagem.

Perto de Génova, o dinamarquês _____ e foi bater à porta de um _____. Para o curarem, os frades trataram-no com _____, _____, _____ e _____. O convento tinha um _____ e _____.



_____ com as paredes com pinturas que contavam _____. No centro, existia uma _____ rodeada de flores. Todo aquele ambiente era de grande _____.

Ao fim de _____ de descanso, o cavaleiro continuou o seu caminho. Depois de atravessar os Alpes e a França, o dinamarquês chegou à Flandres, no início de _____. Foi recebido em Antuérpia por um _____, a quem o banqueiro o recomendara. Nesta casa, o cavaleiro estranhou o _____ da comida, temperada com _____. Ali, ele ouviu falar do mundo _____ e viu amostras de _____ trazidas por um _____ de um dos navios do negociante.

Este homem falou das suas viagens a bordo dos navios portugueses que seguiam para Sul à procura de _____ e a explorar a _____. Dobraram o Cabo _____, até que pararam no Cabo _____ e falaram com homens _____, envolvidos em mantos _____ e _____ montados em _____. Mais para sul, os navegadores encontraram homens _____ e _____ que surgiam das _____. Procuravam entender-se com eles e _____ mas nem sempre era possível _____ devido à dificuldade de _____. A propósito, a capitão contou a história de _____ e do _____ que morreram, porque não conseguiram _____.

Depois de quase _____ anos em viagem, o dinamarquês chegou finalmente à _____ onde a terra estava coberta de _____ e os rios _____. Com grandes dificuldades e vencendo todos os perigos, o cavaleiro caminhou noite e dia para chegar à sua floresta, conseguindo assim cumprir a _____ que fizera à família, para passar com eles _____.



Anexo III

O CAVALEIRO DA DINAMARCA

Jogos de Consolidação

ACTIVIDADE I: "Ordenação temporal das acções"

O QUE FEZ? QUANDO?

Material: 36 tiras
2 tiras (indicadores de *acção e tempo*)

1º Separa as tiras e alinha-as sob o indicador correspondente.

2º Ordena as sequências, por ordem cronológica, de acordo com a história.

ACTIVIDADE II: "Quatro em linha"

4 EM LINHA

Material: um tabuleiro
48 cartões— 24 verdes
24 amarelos

Este jogo é para duas equipas.

Para ganhar, é preciso juntar 4 peças em linha (na vertical, horizontal ou diagonal).

Cada jogador ou equipa escolhe as peças de uma cor. Em seguida, baralham-se as peças que ficam voltadas para baixo.

À vez, cada equipa volta uma das suas peças e coloca-a no tabuleiro, numa das casas a que a peça se refere.

Ganha a equipa que fizer a primeira linha de 4 peças seguidas.



QUANDO ?

- Na Primavera ...

O Cavaleiro iniciou a sua Peregrinação à Terra Santa.

- No dia de Natal ...

Ele rezou na gruta de Belém.

- Em fins de Fevereiro ...

O Cavaleiro iniciou a viagem de regresso à Dinamarca.

- Após a tempestade ...

O Cavaleiro seguiu para Veneza.

- Certa noite, à varanda ...

O mercador contou a história de Vanina.

- No princípio de Maio ...

O cavaleiro chegou de cavalo a Florença.

- A meio do jantar ...

Filippo contou as histórias de Giotto e de Dante.

- Passado um mês ...

O cavaleiro deixou Florença.

- A pouca distância de Génova ...

O Cavaleiro adoeceu.

O QUE FÊZ ?

O Cavaleiro iniciou a sua Peregrinação à Terra Santa.

Ele rezou na gruta de Belém.

O Cavaleiro iniciou a viagem de regresso à Dinamarca.

O Cavaleiro seguiu para Veneza.

O mercador contou a história de Vanina.

O cavaleiro chegou de cavalo a Florença.

Filippo contou as histórias de Giotto e de Dante.

O cavaleiro deixou Florença.

O Cavaleiro adoeceu.





- Durante dois meses e meio ... | Os frades trataram-no num convento.
- No fim de Setembro ... | Ele partiu a cavalo para Bruges, atravessou os Alpes e toda a França.
- Já no Inverno ... | O cavaleiro chegou à Flandres.
- Até altas horas da noite, à lareira ... | O capitão falou das suas viagens.
- Em Novembro, ... | O calvaleiro partiu, a cavalo para a sua terra.
- Durante longas semanas ... | O Cavaleiro percorreu campos de gelo e de neve.
- Na antevéspera de Natal ... | Ele chegou a uma pequena povoação a poucos Kms da sua floresta.
- Na madrugada seguinte ... | O peregrino partiu.
- Na noite escura de Natal ... | O cavaleiro avistou o grande abeto perto da sua casa, coberto de estrelas









Anexo IV

FICHA DE AVALIAÇÃO SOBRE O TRABALHO REALIZADO

COM "O CAVALEIRO DA DINAMARCA"

1- Achas que este trabalho te ajudou a compreender melhor o conto? **Sim**
Não

Porquê? _____

2- O que gostaste mais de fazer?

3- O que gostaste menos de fazer?

4— Pensas que haveria vantagem em voltar a utilizar este método de trabalho?

Porquê? _____



Anexo V

O MUNDO EM QUE VIVI

De ILSE LOSA

LEITURA NA PISTA DO PORMENOR

LÊ CADA UM DOS CAPÍTULOS, RESPONDENDO, DE IMEDIATO, A UMA PERGUNTA RELACIONADA COM ELE
(A numeração das perguntas e dos capítulos é a mesma)

FICHA 1

- 1– Em casa, a roupa cheirava a _____ e a mobília era de cor _____
 - 2– O avô chamava-se _____ e a avó _____
 - 3– A neta chamava-se _____
 - 4– Quando fez quatro anos, os pais ofereceram-lhe um _____
 - 5– À noite, o avô contava-lhe _____
 - 6– De todos os tios, Franz era o _____
 - 7– O tio trouxera-lhe umas _____
 - 8– Rose participou num _____
-

SOLUÇÕES

1– alfazema, azul; 2– Markus, Ester ; 3– Rose; 4– vestido; 5– histórias; 6– mais novo; 7– babuchas, 8– cortejo.



LEITURA NA PISTA DO PORMENOR

FICHA 2

- 9– O tio Franz voltou da guerra, mas logo tornou a _____
- 10– Um telegrama anunciou a _____ da tia Gertrud.
- 11– Rose e Ina escreveram uma _____ a Hans.
- 12– Rose acompanhou os avós à _____.
- 13– O avô explicou as _____ judias.
- 14– Era Sabat, os _____ não trabalhavam.
- 15– Rose fez um visita de reparação à _____.
- 16– O tio Josef _____ e o avô _____.
- 17– Rose partiu e foi viver com os _____.
-

SOLUÇÕES

9– partir; 10– morte; 11– carta de amor; 12– sinagoga; 13– cerimónias; 14– judeus; 15– “bruxa”; 16– morreu, adoeceu; 17– pais.



LEITURA NA PISTA DO PORMENOR

FICHA 3

- 18– Rose conheceu a sua nova _____ e encontrou-se com os irmãos.
- 19– Rose familiarizou-se depressa com as _____ da cidade.
- 20– O pai comprou um _____.
- 21– O prof. de religião era o _____.
- 22– Em certas noites de Verão ouviam, assustados, a _____.
- 23– A festa das luzes e da alegria era a _____.
- 24– Lili começou a dar lições de _____.
- 25– Rose andava preocupada com um _____.
- 26– Na Páscoa, os judeus comiam um pão _____.
- 27– Chamavam à avó Ester: avó _____.
-

SOLUÇÕES

18– casa; 19– pessoas; 20– automóvel; 21– Sr. Heim; 22– trovoada; 23– Chanuka; 24– piano; 25– “segredo”; 26– ázimo; 27– pequena.



LEITURA NA PISTA DO PORMENOR

FICHA 4

- 28– Lea teve um desgosto de _____.
- 29– Alguns judeus pensavam fazer-se _____.
- 30– Rose aprendeu a canção da _____.
- 31– A rosa da América ficou no _____ da janela.
- 32– O piano de cauda foi comprado pelo _____.
- 33– A americana trazia no ombro uma _____ de tule.
- 34– Rose deitou lágrimas de _____.
- 35– Rose sofria por ser _____.
- 36– O presidente visitou a _____.
- 37– O pai foi eleito rei dos _____.
-

SOLUÇÕES

28– amor; 29– baptizar; 30– “esperança”; 31– parapeito; 32– dono do talho; 33– rosa amarela; 34– alívio; 35– judia; 36– cidade; 37– atiradores.



LEITURA NA PISTA DO PORMENOR

FICHA 5

- 38– O ferrador lamentou a _____ de Frieda.
- 39– O médico examinou _____.
- 40– O Rabino ensinava a história da Bíblia e a língua _____.
- 41– Ernest deu a Rose um _____.
- 42– O pai de Rose foi insultado pelo _____.
- 43– Rose caminhou no jardim com a _____.
- 44– Beloz Amadi tocava _____.
- 45– Paul esperava _____ todos os dias.
- 46– Rose admirava _____.
- 47– Diante do túmulo da mãe, Paul deu um _____ a Rose.
-

SOLUÇÕES

38– morte; 39– Rose; 40– hebraica; 41– ramo de violetas; 42– inspector; 43– avó, 44– violino, 45– Rose; 46– Kurt; 47– beijo.



LEITURA NA PISTA DO PORMENOR

FICHA 6

- 48– Paul ofereceu _____ a Rose.
- 49– Kurt deu a Rose um _____.
- 50– Em Berlim, os vizinhos de Frau Krempke eram entusiastas de _____.
- 51– Na cidade grande, Rose sentia a _____.
- 52– Rose jantou com _____.
- 53– Rose sentiu saudades de _____.
- 54– Rose foi visitada por _____.
- 55– Rose pôs na blusa uma _____ roxa.
- 56– Else fazia economias para o _____ do menino.
- 57– Rose tinha _____ para deixar o país.
-

SOLUÇÕES

- 48– lilases; 49– livro de poemas; 50– Hitler; 51– solidão; 52– Beloz Amadi; 53– Paul; 54– Kurt; 55– orquídia; 56– enxoval; 57– cinco dias.



Anexo VI

AVALIAÇÃO DO TRABALHO

LEITURA NA PISTA DO PORMENOR SOBRE O LIVRO

«O MUNDO EM QUE VIVI»

De *ILSE LOSA*

1– Gostaste de ler este livro? Porquê?

2– O que aprendeste com ele?

3– Das manifestações sociais de intolerância, apresentadas na folha em anexo, qual ou quais se pressentem, através da leitura deste livro? Justifica a tua resposta.

4– Dá a tua opinião sobre o método de leitura utilizado, para este livro.

NOME _____ Data _____



Anexo VI

AS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE INTOLERÂNCIA QUE VIOLAM OS DIREITOS DO HOMEM

A existência de casos onde a intolerância pode ser considerada como uma violação dos direitos do homem aparece em algumas das grandes formas de intolerância contra as quais se elevaram os movimentos de defesa dos direitos do homem, as normas internacionais e a educação para a tolerância. Entre essas formas graves de intolerância, convém mencionar:

SEXISMO: políticas e comportamentos excluindo as mulheres de uma participação plena e inteira na vida da sociedade e do gozo de todos os direitos da pessoa humana reposando no postulado segundo o qual os homens seriam superiores às mulheres.

RACISMO: negação dos direitos do homem fundamentada na raça, justificada pela afirmação segundo o qual certos grupos raciais seriam superiores a outros.

ETNOCENTRISMO: exclusão na base da cultura ou da língua fundamentada na ideia de que haveria diferentes níveis de valor e de avanço entre as culturas.

ANTISEMITISMO: atitudes e comportamentos fundados sobre preconceito, discriminação e perseguições perpetrados contra os judeus.

NACIONALISMO: crença segundo a qual uma nação é superior e tem direitos sobre outras.

FASCISMO: crença segundo a qual o estado não deve tolerar nem dissidências nem diversidade e está habilitado a exercer um controle sobre a vida dos cidadãos.

XENOFOBIA: medo e aversão dos estrangeiros e daqueles que pertencem a outras culturas; crença segundo a qual “os do exterior” trarão prejuízo à sociedade.

IMPERIALISMO: domínio de um ou de vários povos por outro para se apoderar das riquezas e recursos do povo dominado.

EXPLORAÇÃO: utilização do tempo e do trabalho de pessoas sem remuneração equitativa; utilização imprudente e desperdício dos recursos e do meio natural.

REPRESSÃO RELIGIOSA: imposição de dada religião ou dos seus valores e práticas e concessão de um tratamento de favor aos adeptos dessa religião em virtude da ideia segundo a qual a religião em questão seria a única interpretação autêntica da verdade religiosa ou espiritual.

in “Tolerância: limiar da paz- Manual educativo para utilização das comunidades e das escolas”, 1995, UNESCO (versão parcial e provisória). Tradução do Secretariado Coordenador dos Programas de Educação Multicultural, M.E.



Colecção

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

Base de Dados Entreculturas I

Ínicio do Ano Lectivo 1992-93

Base de Dados Entreculturas II

Final do Ano Lectivo 1992-93

Base de Dados Entreculturas III e IV

Ano Lectivo 1993-94

Base de Dados Entreculturas V

Sucesso Escolar/Grupos Culturais 1992-93 e 1993-94

Base de Dados Entreculturas VI

Sucesso Escolar/Grupos Culturais 1994-95

Escola e Sociedade Multicultural

Actas de Seminários - 1992

Educação Intercultural: Guia do Professor

Educação Intercultural: Abordagens e Perspectivas

**Educação Intercultural: Concepções e Práticas
em Escolas Portuguesas**

Educação Intercultural: Educação para a Tolerância

Actas da Conferência

Educação Intercultural: Relatos de Experiências

Apologia do Intercultural